



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação Social**  
**Departamento de Jornalismo**

**MARCELLA CUNHA BARROS**

**A VOZ NO RADIOJORNALISMO:  
HISTÓRIA, TÉCNICA E CONSTRUÇÃO DE CREDIBILIDADE**

*Brasília*  
*Julho de 2011*

**MARCELLA CUNHA BARROS**

**A VOZ NO RADIOJORNALISMO:  
HISTÓRIA, TÉCNICA E CONSTRUÇÃO DE CREDIBILIDADE**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação de Brasília, como requisito para a graduação em Comunicação Social – habilitação Jornalismo, sob a orientação da professora doutora Nelia Del Bianco.

*Brasília  
Julho de 2011*

**Marcella Cunha Barros**

**A VOZ NO RADIOJORNALISMO:  
HISTÓRIA, TÉCNICA E CONSTRUÇÃO DE CREDIBILIDADE**

Banca Examinadora:

---

Profª. Nélia Del Bianco  
Orientadora

---

Profª. Ellis Regina Araújo da Silva  
Examinadora

---

Prof. Gustavo de Castro  
Examinador

*Brasília  
Julho de 2011*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela paz de espírito que impulsiona.

À minha mãe, meu amor maior, grande incentivadora e amiga.

Ao Pedro, por sua paciência, seu companheirismo, seu apoio incondicional e por me ajudar sempre e tanto...

Ao Titico, por sua inteligência, revisões tão meticulosas e por me estimular a ler e a estudar desde pequena.

Ao meu irmão, por sua alegria contagiante e seu carinho constante.

À minha avó Maria Helena, por sua força e exemplo.

Ao meu pai, por sua coragem e criatividade impressionantes.

À Tia Laura, por sua preocupação e pelos textos gentilmente cedidos.

À Professora Nélia Del Bianco, pelas referências excelentes, por seu rigor técnico e por me emprestar tantas preciosidades...

Aos outros professores da FAC pelos ensinamentos ao longo do curso, fundamentais para a elaboração desse trabalho.

Às minhas queridas amigas, companheiras de UnB, Mariana, Laís e Maíra, sem as quais, sem dúvida, esse curso não seria o mesmo.

À Luiza Machado, por me ouvir todos os dias e me ajudar sempre sorrindo.

E finalmente, às amigas Helena, Louise, Carol, Paula, Bárbara e Nathália, pelos risos infinitos que desafogam a alma.

*“A palavra que tens dentro de ti é a tua escrava; aquela que deixas escapar é tua senhora.”*

*Provérbio Chinês*

## RESUMO

Este trabalho analisa as transformações que se deram na linguagem do rádio brasileiro desde a década de 20 até o momento atual. Para tal, se baseou na fundamentação teórica, onde são definidos os elementos e as características da linguagem radiofônica, e onde se discorre sobre a importância da voz para a credibilidade jornalística. Metodologicamente, foram selecionadas personalidades marcantes em termos de voz na história do rádio que exemplificam os períodos históricos delimitados. Foram, então, analisados arquivos gravados correspondentes a cada um destes locutores, jornalistas, apresentadores e âncoras, de acordo com a disponibilidade destes áudios. Estes arquivos se encontram em um CD anexo à monografia e foram analisados à luz dos elementos da linguagem definidos na metodologia: entonação, ênfase, ritmo, projeção, pronúncia, personalidade, imparcialidade, exatidão, atualidade e inteligibilidade.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo. Voz. Linguagem. Credibilidade. Naturalização.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**AM** – Amplitude Modulada

**ASNE** – Associação Norte-Americana de Editores de Diários

**CBN** – Central Brasileira de Notícias

**CPI** – Comissão Parlamentar de Inquérito

**FGV** – Fundação Getúlio Vargas

**FM** – Frequência Modulada

**MIS-RJ** – Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

**ONG** – Organização não-governamental

**UPI** – United Press International

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A LINGUAGEM RADIOFÔNICA E A CONSTRUÇÃO DA CREDIBILIDADE NO RADIOJORNALISMO.....</b>	<b>13</b>
2.1 A LINGUAGEM RADIOFÔNICA .....	13
2.1.1 <i>Elementos da linguagem radiofônica.....</i>	<i>14</i>
2.1.2 <i>Particularidades da voz .....</i>	<i>20</i>
2.2 A CONSTRUÇÃO DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA.....	22
2.2.1 <i>Fatores constitutivos da credibilidade .....</i>	<i>24</i>
2.2.2 <i>Voz e credibilidade jornalística .....</i>	<i>26</i>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
3.1 REFERENCIAIS HISTÓRICOS .....	31
3.2 PERSONALIDADES MARCANTES DO RÁDIO .....	33
3.3 ELEMENTOS DA LINGUAGEM .....	37
<b>4 A VOZ NO RADIOJORNALISMO BRASILEIRO .....</b>	<b>40</b>
4.1 DÉCADAS DE 20 E 30.....	40
4.2 DÉCADAS DE 40 E 50.....	43
4.2.1 <i>O Repórter Esso .....</i>	<i>44</i>
4.2.2 <i>Repórter Esso e o fim da Segunda Guerra Mundial .....</i>	<i>49</i>
4.2.3 <i>Repórter Esso e a carta-testamento de Getúlio Vargas.....</i>	<i>51</i>
4.2.4 <i>Última edição do Repórter Esso .....</i>	<i>54</i>
4.2.5 <i>O Grande Jornal Falado Tupi .....</i>	<i>59</i>
4.3 DÉCADAS DE 60, 70 E 80 .....	63
4.3.1 <i>O Pulo do Gato de José Paulo de Andrade .....</i>	<i>66</i>
4.3.2 <i>O Trabuco, de Vicente Leporace.....</i>	<i>71</i>

4.3.3 Reportagem da Jovem Pan - Incêndio do Edifício Joelma .....	74
4.4 DÉCADA DE 90 ATÉ A ATUALIDADE .....	77
4.4.1 A CBN.....	78
4.4.2 Último dia de Heródoto Barbeiro como âncora do Jornal da CBN.....	81
4.4.3 Milton Jung no CBN SP.....	84
4.4.4 Primeiro dia de Milton Jung no Jornal da CBN.....	88
4.4.5 BandNews FM.....	91
4.4.6 Ricardo Boechat atualmente .....	97
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>101</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>105</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A voz é capaz de fornecer informações sobre o contexto no qual um discurso foi pronunciado. No radiojornalismo tais discursos podem revelar não só a situação histórica no momento, mas também o desenvolvimento de uma linguagem própria para o rádio. “O jornalista de rádio é, antes de tudo, um marcador de contextos comunicativos. Sua voz é meio, mas também é indicial porque revela as condições em que a notícia se dá” (SALOMÃO, 2003, p. 85). Isso porque as relações sociais fazem parte do uso linguístico. Nesse sentido, podemos dizer que há História na linguagem, na visão de Baccega:

[...] O discurso não é apenas uma cadeia de enunciação, palavras ou frases conectadas entre si. Ele pressupõe o conjunto de relações sociais tradicionalmente consideradas extra-linguísticas, as quais constituem o discurso e se inscrevem na palavra, matéria bruta utilizada por ele. (...) O significado do discurso é constituído no amplo diálogo cultural. A construção de significados é, portanto, historicamente prescrita e inscrita nas palavras. (BACCEGA, 1993 *apud* MEDITSCH, 2001, p. 51)

Os fatores psicoemocionais e culturais do indivíduo são determinantes no processo de formação da voz, já que ela reflete suas emoções e sua bagagem cultural. “O grupo social em que uma pessoa vive e as normas culturais às quais ela está sujeita influenciam na forma como a voz é utilizada pelo indivíduo” (FERRARETTO, 2000, p. 309).

Desta maneira, entende-se que a transformação ocorrida nas vozes dos locutores, radialistas, comunicadores e jornalistas no Brasil, desde a década de 20 até os tempos atuais, variou de acordo com as mudanças socioculturais existentes nesse período. Através da identificação de marcos na história do rádio e também de marcos tecnológicos que influenciaram as mudanças na linguagem radiofônica é possível analisar os motivos pelos quais essas transformações se deram e como colaboraram para a construção da credibilidade no radiojornalismo. É possível analisar ainda as pretensões do jornalista em seus discursos radiofônicos, já que a linguagem pode indicar a intencionalidade de quem fala (SALOMÃO, 2003, p. 53). Portanto, a voz, enquanto elemento da linguagem no rádio, também participa na significação da mensagem.

A importância de compreender as transformações nas vozes dos radiojornalistas se dá pela ligação existente entre a transmissão dos acontecimentos e o próprio fato. Barthes (1984

*apud* KLÖCKNER, 2008, p. 41) associa que a palavra informativa foi intimamente vinculada ao próprio acontecimento, resultando em um encurtamento entre o fato e o discurso.

O presente trabalho tem como tema as transformações que se deram na voz dos locutores, apresentadores e âncoras de emissoras de rádio no Brasil ao longo dos anos, em que o problema central da pesquisa é sintetizado na questão: o que mudou na voz dos radiojornalistas desde o início do rádio no Brasil até os dias de hoje e quais fatores impulsionaram essas transformações? Como os profissionais do meio utilizaram a voz para construir a credibilidade no radiojornalismo?

O estudo justifica-se pelo fato de que a voz do jornalista é um dos elementos sobre os quais se apoia a credibilidade. A voz firme e segura revela uma pessoa confiante por trás do microfone, capaz de transmitir notícias que ampliarão o grau de confiabilidade entre o ouvinte e o jornalista. “A voz humana persuade por expressar a essência do ser, independentemente do conteúdo das palavras que são ditas” (BAUM, 2004, p. 22).

A voz também é essencial para aproximar quem ouve de quem fala. É ela quem estabelece o elo que liga o emissor ao receptor, através de um vínculo sonoro que remete à sociabilidade dos indivíduos. O fato de existir uma voz que conta a notícia, ao invés de ela ser lida no papel, torna a experiência mais pessoal. Essa característica é reforçada quando o apresentador de rádio fala com o ouvinte individualmente, envolvendo-o ao fazê-lo participar através de um diálogo mental com o emissor (ORTRIWANO, 1985, p. 80). Além disso, a voz identifica a emissora, já que o ouvinte reconhece que aquela voz pertence a um profissional do quadro de determinada estação. A voz também atesta para o ouvinte que o repórter assume a veracidade do que está comunicando.

Tais características hoje conhecidas sobre a voz foram sendo aprimoradas com a prática do radiojornalismo. Sendo assim, a forma de se falar no rádio foi se transformando ao longo dos anos, conforme novas percepções sobre as possibilidades de emissão da voz surgiam.

O estudo se tornou viável pelo fato de que, ao selecionar arquivos representativos de determinada época, é possível estabelecer aspectos da linguagem característicos daquele período. As diferenças existentes entre as vozes nas transmissões radiofônicas ao longo dos anos ficam

ainda mais evidentes quando comparadas. O estudo se torna relevante já que a compreensão das mudanças no padrão de emissão vocal no rádio brasileiro pode ajudar a entender a própria transformação do meio.

O objetivo do estudo é, portanto, esclarecer quais foram as mudanças ocorridas na voz no radiojornalismo e quais fatores desencadearam a necessidade de alterar o aspecto da emissão vocal no rádio. A partir desse objetivo geral temos como objetivos específicos: analisar a importância da voz do emissor no radiojornalismo; selecionar marcos históricos que influenciaram os aspectos sonoros no rádio; identificar padrões vocais nas transmissões históricas; e gravar um CD contendo momentos significativos do rádio que possam ilustrar a conclusão do problema de pesquisa.

Inicialmente, o estudo tem como hipótese que a busca pela naturalização da voz dos locutores de rádio ao longo dos anos é uma tentativa de aproximação com os ouvintes, um esforço de provocar maior identidade entre eles e as emissoras, diminuindo a distância entre emissor e receptor através da substituição de formalismos por uma postura mais coloquial.

A pesquisa teve como limitação o fato de não existirem registros históricos do rádio das décadas de 20 e 30, já que os gravadores de fita rolo ainda não haviam se popularizado no país. Nas décadas seguintes as gravações são escassas, dificultando a análise dos marcos históricos inicialmente pretendidos. Os *sites* das emissoras tampouco disponibilizam arquivos que não sejam recentes. Dessa forma, foi preciso selecionar exemplos históricos de acordo com sua disponibilidade em acervos, bibliotecas, livros, museus e através da internet. Baum (2004, p. 20) menciona em seu livro algumas dessas dificuldades em tentar reconstituir a memória do rádio. “Em meio a essas dificuldades, a história do rádio no Brasil vai sendo reconstituída a partir de fragmentos sonoros de época e de lembranças imprecisas de radialistas e ouvintes. São relíquias que poderão contribuir para a reconstrução da trajetória do veículo no país”. Outra limitação foi a pequena quantidade de referenciais históricos do rádio no Brasil e de pesquisas que relacionem a voz com a credibilidade jornalística.

Após esse capítulo introdutório, abordamos a linguagem radiofônica e seus elementos constitutivos no Capítulo 2. Nesta fundamentação teórica, também situou-se a voz enquanto elemento fundamental para a construção da credibilidade no radiojornalismo. O Capítulo 3 é

composto pela Metodologia da Pesquisa, onde foram estabelecidos seis aspectos para a análise vocal: projeção, pronúncia e personalidade de McLeish (2001) e entonação, ênfase e ritmo, de Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005); e mais quatro aspectos para a análise da credibilidade na informação radiofônica: imparcialidade, exatidão, atualidade e inteligibilidade, definidos por Balsebre (1964). Além disso, são determinados quatro períodos históricos para compor a análise. As décadas de 20 e 30, onde não foram analisados nenhum arquivo sonoro, pela inexistência de registros jornalísticos dessa época. Esse primeiro período serve de base para contextualizar como o período seguinte se transformou em termos de linguagem. As décadas de 40 e 50 representam o início do radiojornalismo no Brasil e da construção de uma linguagem própria. As décadas de 60, 70 e 80 caracterizam-se pela adaptação da programação do rádio com o advento da televisão no país. O último período corresponde à década de 90 até a atualidade, que foi marcado pelo surgimento de emissoras voltadas exclusivamente para a transmissão de notícias, as chamadas redes *all news*<sup>1</sup>. Na análise foram incluídos os principais expoentes em termos de voz em cada um desses períodos. No Capítulo 4, analisamos, à luz dos elementos da linguagem radiofônica pré-selecionados, arquivos de áudio que ilustram cada um dos períodos selecionados, considerando as limitações técnicas já citadas de encontrar muitos arquivos. Após a análise é apresentada a conclusão dos resultados e uma discussão a respeito da transformação da voz no radiojornalismo até os dias atuais.

---

<sup>1</sup> Linha editorial caracterizada pelo gênero exclusivamente jornalístico de uma publicação. RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 20.

## 2. A LINGUAGEM RADIOFÔNICA E A CONSTRUÇÃO DA CREDIBILIDADE NO RADIOJORNALISMO

A análise do discurso supõe uma integração do texto com o contexto no qual foi proferido, pois o uso de um discurso em uma situação social é também um ato social (VAN DIJK, 1980 *apud* MEDITSCH, 2001, p. 57). Como o discurso é construído socialmente e não individualmente, não se podem desassociar as transformações históricas ocorridas no rádio ao longo dos anos das transformações de sua linguagem. Portanto, para compreender as transformações da voz ao longo dos anos, precisamos primeiro entender sua raiz: a linguagem radiofônica e seus elementos constitutivos.

### 2.1 A LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Por ser independente da imagem, o rádio é considerado um ‘meio cego’. Porém, essa limitação tecnológica não restringe o potencial comunicativo do meio, já que permite ao ouvinte construir imagens relacionadas à informação sonora que recebe. Pois a essência do rádio consiste justamente em oferecer a totalidade somente por meio sonoro. Não no sentido exterior, de incompletude, segundo a visão naturalista, mas fornecendo a essência de um evento, uma ideia, uma representação.<sup>2</sup>

Isto significa dizer que a mensagem final é apreendida de forma diferente por cada ouvinte, pois, ao oferecer uma representação, o rádio envolve a emoção e incita o ouvinte a recordar suas experiências individuais, a partir de estímulos sonoros.

Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a imagem do dono da voz. (...) Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser (MCLEISH, 2001, p. 15).

O rádio afeta os indivíduos de forma pessoal, “oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular” (MCLUHAN, 1964, p. 336). Na opinião do autor, o rádio é o ‘tambor

---

<sup>2</sup> (ARNHEIM, 1936 *in* MEDITSCH, 2005, p. 62).

tribal da era eletrônica’, já que trouxe o retorno da oralidade como forma de expressão, remontando a aspectos arcaicos da humanidade.

Ao comentar sobre o tambor tribal de McLuhan, Alberto Dines afirma ser o aspecto da oralidade fundamental, mas admitiu nutrir a esperança do rádio reencontrar-se “como grande tambor convocador, mas, também como a voz humanizada e humanizadora da informação”.<sup>3</sup> A voz pode ser considerada humanizada já que sempre provem de uma pessoa – e esse fator é fundamental para gerar proximidade com o ouvinte. Ouvir a informação vinda diretamente de alguém induz a uma maior identificação por parte do público do que quando ele apenas lê uma informação. Já o aspecto humanizador da informação através da voz se deve ao fato de que ao passar por outra pessoa, a informação ganha um caráter único, individual e pessoal.

A fugacidade é outro aspecto da linguagem radiofônica. A palavra falada, diferentemente da escrita, deve fazer sentido no exato momento em que for pronunciada, pois não é possível retornar e ler novamente para compreender seu sentido, como em um jornal (MCLEISH, 2001, p. 62). A inerência da mensagem radiofônica é um dos aspectos relacionados à instantaneidade do veículo, que também resulta na obsolescência da informação divulgada. Esta deve ser sempre a mais atual possível, pois se torna desatualizada no exato momento de sua transmissão (FERRARETTO, 2000, p. 27).

### **2.1.1 Elementos da linguagem radiofônica**

Balsebre (1964) baseou-se no alemão Arnheim (1936) para definir os sistemas expressivos que compõem a linguagem radiofônica. Para ele, o rádio, além de meio de comunicação, é também um meio de expressão e de informação. Sendo assim, os elementos da linguagem radiofônica, segundo o autor, são:

[...] um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e do conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo visual dos ouvintes de rádio<sup>4</sup> (BALSEBRE, 1994, p. 27).

---

<sup>3</sup> (DINES *in* MEDITSCH, 2001, p. 13).

<sup>4</sup> Tradução livre da autora.

Para os autores espanhóis Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005, p. 17), a presença dos quatro elementos sonoros da linguagem radiofônica não é equilibrada. “Sem menosprezar o valor da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, a narração da rádio se baseia fundamentalmente no potencial, na versatilidade, na credibilidade, na proximidade e no calor humano da palavra dita.”<sup>5</sup>

Ainda segundo eles, os elementos necessários para se construir a linguagem radiofônica se somam à “personalidade da voz, a intransferível propriedade de cada voz humana, as qualidades expressivas – do grito de perigo a palavra de amor – que são os elementos sobre os quais se apoia o sentido da comunicação radiofônica” (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 26). Isso porque acreditam ser a palavra o elemento que possui, no rádio, mais características que possibilitam a socialização e a expressão do pensamento humano.

Ferraretto (2000, p. 26) também identifica a linguagem radiofônica como sendo composta por quatro elementos: voz humana, música, efeitos sonoros e silêncio. Estes elementos possuem características próprias que, combinados entre si, resultam no entendimento final da mensagem. Na visão do autor, os elementos música, efeitos sonoros e silêncio trabalham com o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral visa ao consciente. Como veremos a seguir, muitos elementos presentes na voz trabalham essencialmente com o inconsciente dos receptores, ainda que de forma involuntária.

#### *a. A palavra*

A palavra falada vai além da palavra escrita por ampliar sua significação. McLuhan (1964, p. 340) propõe que se “sentarmos e conversarmos no escuro, as palavras de repente adquirem novos significados e texturas diferentes. [...] Todas as qualidades gestuais que a página impressa elimina da linguagem retornam à linguagem no escuro – e no rádio”. Mesmo que as palavras permaneçam as mesmas em um texto escrito e em um discurso oral, o último ganha novos aspectos que podem carregar uma ampla gama de representações e sentidos.

---

<sup>5</sup> *Idem.*

A palavra escrita não fornece nenhuma indicação dos sons vocais pretendidos – a forma da sentença, como se diz. Boa parte do significado das palavras, porém, é transmitida nas sutilezas de sua inflexão. A página não diz qual deve ser a velocidade de leitura ou onde está a pausa. E são todas essas qualidades que ajudam a dar sentido ao texto – sem elas as palavras que estão no papel praticamente não fazem sentido, ou no mínimo serão ambíguas (MCLEISH, 2001, p. 61).

Essas sutilezas de inflexão fazem parte de um conjunto de técnicas que podem ser aplicadas na fala para ampliar, ou até mesmo modificar, o sentido de um texto. Estas técnicas são empregadas desde a Antiguidade através da retórica, que ensinava que para ir ao sentido de um discurso era preciso atravessar as palavras. “Sua existência densa exige, para que elas sejam compreendidas, uma intervenção corporal, sob a forma de uma operação vocal; seja aquela da voz percebida, pronunciada e ouvida ou de uma voz inaudível, de uma articulação interiorizada” (ZUMTHOR, 1990 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 250). Esta operação vocal pode se dar através de diversos mecanismos que visam reforçar, modificar, ampliar ou enfatizar determinados signos que compõe a mensagem, de acordo com o significado que se deseja transmitir. Mesmo que tal articulação ocorra interiormente ela não é inconsciente, pois existe intencionalidade. A fala não é

[...] por si só, fresca, natural, espontânea, verídica, expressiva de uma espécie de interioridade pura; bem pelo contrário, a nossa palavra (sobretudo em público), é imediatamente teatral, vai buscar as inflexões (no sentido estilístico e lúdico do termo) a todo um conjunto de códigos culturais e oratórios: a palavra é sempre tática (BARTHES, 1981 *apud* MEDITSCH, 1997, p. 7).

Esses mecanismos da fala foram trabalhados nas artes cênicas por Stanislavski, que criou o conceito de subtexto. O *Dictionnaire du Théâtre*<sup>6</sup> define subtexto como “o que está dito explicitamente no texto, mas que vai se destacar pela maneira que o texto é interpretado pelos atores”. No rádio, o subtexto se expressa através do uso da voz. “A curva melódica, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas repetidamente constituem códigos que permitem aos ouvintes situar imediatamente o texto da fala” (MEDITSCH, 1997, p. 7).

Zumthor (1985, *apud* SILVA, 1999, p. 39) afirma que a voz surpreende a escrita, já que revela outros valores que, de acordo com a interpretação, enriquecem e transformam o sentido do texto, fazendo-o significar mais do que diz. A voz do locutor humaniza e personifica as palavras no rádio. É essa a voz que sugere, evoca, acompanha e estabelece laços emotivos com o ouvinte

---

<sup>6</sup> PAVIS, Patrice. *Dictionnaire du Théâtre*. Paris: Ed. Sociales, 1980.

(RODERO, 2005 *apud* MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 43). Por essa razão, faz-se necessário entender quais são as características da voz capazes de desencadear a formação de laços afetivos entre o locutor e o ouvinte, a fim de melhor compreender o processo de transmissão da mensagem radiofônica e da construção da credibilidade. “É o som da palavra diante do microfone que vincula de maneira específica e singular a quem fala e a quem escuta” (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 43).

O fato de a palavra nos remeter ao passado está atrelado às formas de transmissão de conhecimento. Antigamente, as estórias, as informações, até mesmo as ordens eram dadas e repassadas a partir de discursos. Com a chegada da escrita, a volatilidade do discurso oral e a impossibilidade de registro, na época, fizeram com que essa forma de transmissão vocal fosse substituída pela escrita. Com o surgimento de novas possibilidades que permitiam manter um registro dos discursos orais, tais como gravadores, a palavra volta a ganhar importância e relevância no cenário comunicacional.

[...] A idéia de que o conhecimento da atualidade já não é, a partir de agora, da ordem do impresso, mas sim da palavra. A história <quente>, em elaboração, é uma história auditiva, o ouvido volta a ser o que era na Idade Média: não apenas o primeiro dos sentidos (antes do tacto e da vista), mas o sentido que funda o conhecimento [...] (BARTHES, 1984 *apud* KLÖCKNER, 2008, p. 41).

A nova realidade de transmissão fez com que surgissem novas formas de abordagem do receptor, já que a oralidade na transmissão do conhecimento implica maior relevância para quem recebe a mensagem. O receptor passa a ser o foco de atenção dos comunicadores quando interfere na mensagem através da forma como ouve e da atenção que confere ou deixa de conferir a determinado assunto.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação a outro. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia em mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor (BAKHTIN, 1929 *apud* MEDITSCH, 2001, p. 54).

### ***b. O texto***

No rádio, as palavras são as unidades formadoras do texto radiofônico, que possui algumas particularidades. O texto radiofônico “deve ser mais claro e conciso que o do jornal ou da televisão, veículos que possuem outros recursos [...]” (FERRARETTO, 2000, p. 193). Por contar apenas com elementos sonoros, a mensagem no rádio deve ser transmitida de forma a facilitar a compreensão, sem ambiguidades, já que não é possível reler, como em um texto

impresso, ou ver uma imagem explicativa, como na televisão. Este é um dos motivos pelos quais o rádio costuma repetir algumas informações, para garantir que o conteúdo seja apreendido pelo receptor. Além disso, o texto radiofônico deve ser escrito preferencialmente na ordem direta e sem frases muito longas, que dificultam a respiração do locutor e são mais difíceis de serem entendidas (BARBEIRO; LIMA, 2004, p. 73).

Mas, apesar de todas as formas existentes para adequar o texto radiofônico às características próprias do meio, o texto só é realmente concluído depois que o roteiro for verbalizado. Isso porque podem existir diferenças entre o que foi escrito e o que realmente foi dito pelo locutor, e essas diferenças são determinantes para o significado da mensagem final. Assim, o texto de rádio é escrito para ser falado, no que McLeish (2001, p. 61) chamou de fala armazenada. “De um modo geral, o processo deve dar ao ouvinte a impressão de que o radialista está falando com ele e não lendo para ele. É claro que há uma preparação prévia, mas deve parecer espontânea.”

Este tipo de fala se difere substancialmente do que acontecia nas décadas de 20 e 30, quando notícias eram recortadas de jornais impressos e lidas no ar, sem nenhuma adaptação de linguagem – a chamada *gillette press*. A história mostra que, quando surge um novo meio de comunicação, é comum o empréstimo de elementos de meios anteriores, até que se descubram suas características próprias. Vygotsky já alertava, em 1970, para uma forma de adaptar a linguagem escrita à oral. “O pensamento do autor terá de ser ‘extraído’ da linguagem do texto escrito para, posteriormente, poder ser formatado num outro tipo de texto sem perder significado e sentido” (VYGOTSKY, 1970 *apud* MEDITSCH, 2001, p. 70).

A tentativa de obter um texto claro no rádio, que consiga exprimir as ideias sem perda de sentido, vai além do papel – deve estar presente na fala. “Não é um belo timbre de voz que prende a atenção do ouvinte, mas a naturalidade, a simplicidade e a pronúncia correta das palavras” (BARBEIRO; LIMA, 2004, p. 97). Por isso, não é suficiente redigir um bom texto, além disso, ele deve ser lido da forma adequada.

### *c. A voz no rádio*

A voz é produzida através do afastamento das pregas vocais, que oferecem resistência a passagem do ar. Essas pregas variam de consistência e espessura, dando diversidade aos tipos de vozes existentes. Por exemplo, a velocidade com que essas pregas se afastam é o que define o tom de voz de uma pessoa. Quanto mais repetições houver no período de um segundo, mais aguda será a voz. Se o afastamento for mais lento, mais grave será a voz.

Já o timbre ou qualidade vocal varia de acordo com a idade e o sexo da pessoa, o comprimento das cordas vocais (quanto mais curta, mais aguda), além da constituição anatômica da caixa de ressonância, que pode ser o peito, a cabeça ou o nariz. ‘A ressonância é a grande responsável pelas características estéticas da voz (embelezando ou não, projetando ou não)’ (CYRO, 1990, p. 43).

Como vimos, algumas características físicas são determinantes para definir a voz de uma pessoa. Porém, outros fatores podem influenciar a maneira como a voz se apresenta: as características *psicoemocionais* e *culturais*. “A voz reflete o dinamismo emocional e intelectual de um indivíduo. Estados de tensão, medo, ansiedade, insegurança, excitação são muitas vezes trazidos pela voz. [...] A voz ainda reflete normas culturais de um grupo social, assim como sua vestimenta ou conduta” (CYRO, 1990, p. 45). O autor vai de encontro com o que postula Barthes (1981 *apud* BESSA, 2004, p. 18), ao defender a existência de uma variável sociolinguística na fala, capaz de identificar o indivíduo através de suas palavras e situá-lo como parte de um grupo social.

O suíço Paul Zumthor, em seu estudo sobre a *performance* poética, concluiu que a linguagem humana se liga à voz, mas que o contrário não é verdadeiro, já que é possível emitir sons e ruídos que não chegam a compor palavras, mas têm significado. A voz é, portanto, o suporte acústico da palavra. E sendo assim, interfere na fala de seu interlocutor. Na visão do autor, essas intervenções podem ser analisadas através de uma série de características. “A voz é uma coisa. Ela possui plena materialidade. Seus traços são descritíveis e como todo traço real, interpretáveis” (ZUMTHOR, 1990 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 255).

Dessa forma, é possível analisar as características presentes na voz de personalidades representativas da história do rádio brasileiro para verificar alguns elementos que já estiveram presentes e hoje são ultrapassados e entender o que ocasionou essas transformações.

### 2.1.2 Particularidades da voz

No rádio, existe um esforço em descorporizar o locutor tanto quanto possível (ARNHEIM, 1936 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 66). Isso significa que todo som que comprove sua existência física no estúdio deve ser evitado: tosse, passos, pigarro e outros. A voz está ali para dar a notícia e não para revelar a existência física de uma pessoa.

Mesmo a voz, a única coisa que sobra dele no estúdio insonorizado onde se esforça para ser silencioso, não deve ter personalidade nenhuma, nada de peculiar ou pessoal; deve ser apenas distinta, clara e agradável. A função que cumpre normalmente o locutor de agora não difere da função da página impressa, que deve ser limpa, convidativa, fácil de ler e nada mais. [...] Obviamente se ouve se é um homem ou uma mulher tanto quanto um tipo característico de voz, mas nenhuma conexão precisa ser feita entre isso e a figura humana que lhe dá origem (ARNHEIM, 1936 *apud* MEDITSCH, 2005, p.66 e p. 73).

A ausência de personalidade do locutor foi sendo ultrapassada com os anos, já que algumas características do rádio, como a credibilidade e a proximidade com o ouvinte, são conseguidas muito mais pela forma do que pelo conteúdo que determinada emissora transmite. A capacidade da voz de prender a atenção do ouvinte é tamanha que, quando o discurso desperta pouco interesse, a voz se converte na própria mensagem (LAVOINNE, 1975 *apud* BESSA, 2004, p. 11).

Foi preciso que o rádio se habilitasse e buscasse uma correta entonação para a voz; a pausa e o ritmo adequados... Se o texto é fundamental, assim como a precisa abordagem do conteúdo, no rádio, tudo isso parece sem efeito sem uma locução eficiente. O rádio é voz, respiração, oxigênio. É sangue e emotividade. É visceral por natureza (SALOMÃO, 2003, p. 80).

O próprio Arnheim admite que as vozes no rádio não devem parecer ao ouvinte como “a voz de alguém que não se pode ver”, mas ele o afirma no sentido de imaginar a aparência física do emissor, já que acredita ser fundamental que essas vozes “transmitam a experiência de uma personalidade absolutamente completa” (ARNHEIM, 1936 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 66).

Barthes afirma ser impossível alcançar uma neutralidade na voz humana, já que, impreterivelmente, existem traços pessoais em toda fala. Ele atribui um componente psicológico inseparável da voz, o qual denomina *grão da voz*.

Os falares diferem de grupo para grupo, e cada homem é prisioneiro de sua linguagem: fora da sua classe, a primeira palavra marca-o, situa-o inteiramente e expõe-o com toda a sua história. O homem é oferecido, entregue pela sua linguagem, traído por uma verdade formal que escapa às suas mentiras interesseiras ou generosas (BARTHES, 1964 *apud* MEDITSCH, 1997, p. 4).

Além de ser um referencial linguístico, a voz possui características próprias que ficam ainda mais evidentes ao serem radiofonizadas. São elas:

#### **a. Instantaneidade**

No exato momento em que se exterioriza um pensamento através da fala, sabe-se que existe um emissor daquela mensagem e que algo aconteceu, pois o silêncio foi interrompido. A voz é absolutamente instantânea e após ser emitida não há como apagá-la.

(...) a grande maioria dos sons implica num acontecimento real e momentâneo. O melhor exemplo disso é a voz humana. Ela é silêncio quando não há atividade; quando nada está acontecendo. Se ela fala, é para mostrar que algo está em andamento. A ação, portanto, faz parte da essência do som, e um evento será melhor compreendido pelo ouvido do que uma situação (ARNHEIM, 1936 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 72).

No rádio, esta instantaneidade é traduzida pela velocidade com que as informações são transmitidas, tornando os fatos públicos imediatamente, independente de onde aconteceram. “Esta capacidade de deslocamento geográfico é que gera seu próprio entusiasmo” (MCLEISH, 2001, p. 16).

#### **b. Proximidade**

A voz aproxima o emissor e o locutor, pois evidencia, claramente, que os fatos e ideias estão sendo expostos por outro ser humano. “O som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências” (ZUMTHOR, 1990 *apud* MEDITSCH 2005, p. 259).

A voz humana tem a capacidade de aproximar os indivíduos através da emoção. Por ser o único instrumento musical que já nasce incorporado ao homem, todos têm a possibilidade de executá-la, tornando a voz o mais emocionante dos instrumentos (SERGL, 2005, p. 13).

#### **c. Integração**

A voz integra os seres humanos, pois revela, impreterivelmente, a presença de uma outra pessoa. “A voz é uma forma arquetipal, ligada para nós ao sentimento de sociabilidade. Ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, sentimos, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo.” (ZUMTHOR *apud* MEDITSCH, 2005, p. 256).

Para Vasse (1977, p. 16) a voz desaloja o homem de seu corpo biológico e faz com que habite a linguagem. “A voz se situa no entremeio do orgânico e da organização; no entremeio do corpo biológico e do corpo social”. Zumthor (1990 *apud* MEDITSCH, 2005, p. 250) corrobora ao defender que o corpo é o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso, no qual a voz desaloja o homem de seu corpo.

A voz é um fator integrante da construção da credibilidade jornalística. As particularidades citadas, quando bem trabalhadas, resultam na confiança por parte dos ouvintes no que está sendo dito. Ao ouvir a notícia diretamente de outra pessoa, há uma aproximação entre o emissor e o receptor, capaz de conquistar a credibilidade do ouvinte tanto para o jornalista quanto para a emissora. A voz que informa o ouvinte deve ser capaz de transmitir a confiança de quem acredita no que está falando. A instantaneidade é outro fator no qual se apóia a credibilidade, já que o ouvinte se sente informado a respeito de um evento que acaba de acontecer. O mesmo acontece com a integração, já que as notícias veiculadas são capazes de criar o sentimento de pertencimento àquele universo onde as notícias acontecem.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

O dicionário Bueno (2000) define credibilidade como: qualidade daquilo que é crível; confiabilidade. No jornalismo, a credibilidade pode ser conferida ao veículo ou ao jornalista em particular e está relacionada à objetividade, já que o público tende a confiar mais em veículos que acredita serem isentos e nos jornalistas que se dizem imparciais. Na visão de Bucci (2000 *apud* CHRISTOFOLETTI, 2007, p. 3), a credibilidade é o maior patrimônio de jornalistas e meios de comunicação.

De acordo com a Teoria do Espelho, criada pela própria ideologia dos jornalistas no século XIX, o bom jornalista é aquele que relata com imparcialidade tudo aquilo que vê, sem emitir opiniões pessoais. Nela, a missão do jornalista é procurar a verdade e seu papel é definido como o

de “um observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais” (TRAQUINA, 2001, p. 147). Essa busca pela objetividade no jornalismo, comumente associada à imparcialidade, visou superar o jornalismo opinativo, que predominou até a Revolução Francesa.

Atualmente, alcançar a objetividade faz parte dos métodos de apuração do jornalismo, embora se saiba que os fatos a serem abordados, ao serem escolhidos por pessoas, carregarão consigo alguns aspectos da subjetividade desses indivíduos e do contexto no qual eles se inserem. A prioridade dos fatos, a edição da matéria, a hierarquia das notícias, e, no rádio, a própria voz com suas variações, podem interferir na busca por uma linguagem absolutamente transparente. Não existe objetividade absoluta, já que a própria seleção da informação e o enfoque da notícia seguem critérios subjetivos. “O caminho para a objetividade é o levantamento de números (porcentagens, estatísticas e comparações) que comprovam o fato, a síntese e a nitidez da linguagem” (PORCHAT, 1993, p. 188).

Segundo Balsebre (1994, p. 37), a credibilidade possui um conceito multidimensional, no qual duas definições são possíveis, uma em relação ao receptor e outra em relação ao emissor. Na visão do autor, quando a credibilidade se define desde a perspectiva do receptor, ela é a medida na qual a opinião refletida em uma notícia se encontra em relação ao nível de percepção que o indivíduo tem sobre a realidade. Mas se a credibilidade for definida desde a perspectiva do emissor, a percepção das mensagens informativas se colocará em relação ao grau plausível de fidelidade dos fatos jornalísticos em relação à realidade.

Ainda segundo o autor, o conceito de credibilidade é predeterminado por dois âmbitos: o âmbito institucional e o comunicativo. O primeiro é a imagem corporativa de um meio como determinante de maior ou menor credibilidade, em função das peculiaridades institucionais que distingam esse meio dos demais e a capacidade dos públicos de se reconhecerem nele pela projeção social que haja conseguido (BALSEBRE, 1994, p. 22). A expressão de credibilidade institucional está associada, entre outros fatores, à relação entre informação e publicidade, que pode ser medida quantitativamente ou qualitativamente. A credibilidade aumenta quando há coerência entre os conteúdos publicitários e os informativos, além da observância no número de

inserções, que não devem ser excessivas. Além disso, o público observa se existe proteção dos patrocinadores em relação a notícias indesejadas.

Em relação ao segundo âmbito da credibilidade, o comunicativo, Balsebre afirma que é determinado pelo rigor jornalístico e pela eficácia comunicativa, devendo o jornalista esforçar-se para buscar a exatidão dos fatos que narra, a exposição clara e concisa dos dados no relato, bom tratamento das fontes de informação, correta distribuição hierárquica das notícias e animação (performance) na apresentação das notícias. Neste âmbito, entram, portanto, as qualidades e capacidades do jornalista. No que diz respeito à voz, o autor sugere que se deva observar uma seleção adequada das vozes dos jornalistas que são portadores da informação em um programa e seu correto trabalho vocal. Isso porque, na opinião do autor, a qualidade sonora e o ritmo verbal construído no relato jornalístico também são informação.

### **2.2.1 Fatores constitutivos da credibilidade**

Na visão de Melo (1985 *apud* SOSTER, 2006, p. 5), a credibilidade conferida a um veículo de comunicação iniciou-se ainda no século XVII, com o aumento da periodicidade das publicações, antes muito espaçadas e sem rigor, dificuldade criada pela censura na época. Circulando de forma contínua, os jornais passaram a estabelecer sua *identidade* junto aos leitores. Com o fim da censura, a natureza política e opinativa dos jornais passou a predominar, mas foram criadas outras formas de controle, como taxaço e legislaçoes mais rigorosas. As transformações tecnológicas passaram a exigir que os periódicos se auto-sustentassem para custear a modernizaço de seus equipamentos. Para isso, era preciso atingir um maior número de pessoas. Sendo assim, para continuarem a circular e a vender mais exemplares, os jornais tiveram que adaptar sua linguagem, buscando maior isenço ao noticiar os fatos. “A idéia-chave era produzir notícias equilibradas, em que as partes envolvidas na questào tivessem voz, evitando-se, assim, a parcialidade opinativa” (SOSTER, 2006, p. 6). Dessa forma, ampliou-se o número de leitores, já que eles não mais identificavam as publicações como sendo porta-vozes de determinado grupo. A busca pela objetividade acabou originando a credibilidade conferida aos veículos, como ressalta o autor:

O jornalismo passa a se tornar um negócio e as notícias começam a receber um tratamento mais “equilibrado”, no sentido de se buscar uma linguagem que não ferisse suscetibilidades e tivesse, assim, maior aceitaço por parte de quem as recebesse. As

agências de notícias tiveram papel determinante neste processo. Passou-se a acreditar, cada vez mais, que informações isentas de opinião eram reflexos da realidade e tinham, portanto, mais credibilidade, criando-se o lastro para uma nova forma de se fazer jornalismo. (*idem*, p. 7)

Ainda segundo o autor, outro fator importante na construção da credibilidade foi o início da presença de jornalistas na apuração das notícias, já que

[...] até então, para que a informação fosse considerada ‘séria’, era preciso, antes, que houvesse agentes que permitissem a reconstrução dos fenômenos na forma de notícias. Ainda que a presença destes se manifestasse eventualmente de forma subjetiva, indicavam um ‘local de fala’. Ao se postarem desta forma, estabeleciam uma espécie de pacto entre quem produzia a informação e quem a recebia, o que contribuía para que estas fossem mais aceitas por quem as lesse/ouvisse (*idem*, p. 8).

O radiorepórter passa a ser visto como testemunha dos fatos, acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos e relatando-os ao público, ao vivo. Esse conceito veio a ser aprimorado com o desenvolvimento de novas tecnologias que permitiram a transmissão de notícias ao vivo, ampliando ainda mais a importância da presença do jornalista no local do acontecimento. Ainda em 1690, o alemão Peucer (*apud* CHRISTOFOLETTI, 2007, p. 3), já alertava que os relatos que se apóiam na “inspeção própria” do narrador são mais dignos de credibilidade do que os transmitidos por outra pessoa. Na opinião do autor, a credibilidade jornalística é duplamente construída pela laboriosidade e pela atitude de distanciamento crítico.

Balsebre (1994, p. 39) cita uma pesquisa da Associação Norte-Americana de Editores de Diários (ASNE), na qual são estabelecidos doze valores para a medida da credibilidade das notícias, sendo eles: sinceridade; imparcialidade; que contem a história completa, com todos os dados; exatidão; que respeitem a privacidade das pessoas; que velem pelo interesse comum das pessoas; que se preocupem com o bem-estar da comunidade; que separem a informação da opinião; que mereçam confiança; que enfatizem os fatos em relação às opiniões; e o profissionalismo. Em relação à informação radiofônica, especificamente, o autor acredita que são quatro os aspectos que lhe conferem credibilidade: *a imparcialidade, a exatidão, a atualidade, e inteligibilidade*. Estes quatro elementos foram utilizados na análise do Capítulo 4.

Para uma comunicação inteligível, é imprescindível que haja facilidade de compreensão e clareza na informação. A voz, enquanto suporte da palavra, é determinante para que a credibilidade seja alcançada em sua completude.

### 2.2.2 Voz e credibilidade jornalística

Os valores construídos pela marca de uma empresa de comunicação, incluindo a credibilidade, podem ser transferidos para todos os jornalistas integrantes do veículo, apenas pelo fato de serem seus funcionários. Da mesma maneira, os jornalistas que possuem características pessoais que transmitem confiabilidade acabam somando pontos para a empresa como um todo. Isso porque o profissional de jornalismo acaba sendo o representante da empresa junto a seu público, funcionando como o elo que conecta o receptor e o veículo.

No rádio, essa ligação é feita a partir da voz e suas particularidades, de forma que existem profissionais selecionados para ser a voz-padrão do veículo, tornando-se responsáveis pela locução de vinhetas, aberturas e textos institucionais. “O apresentador de um programa e a voz que se identifica com a imagem e com a marca da emissora são o que materializa a função programática<sup>7</sup> da palavra, mantendo a comunicação entre os interlocutores e a audiência e ajudando a estabelecer uma proximidade psicológica entre eles”<sup>8</sup> (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 47). Além disso, a voz funciona como identificador da emissora, ou seja, ao ouvir determinado jornalista no rádio, automaticamente o ouvinte já sabe em qual emissora está sintonizado e qual é o programa que está sendo veiculado no momento.

No radiojornalismo, a voz do locutor informa não apenas o conteúdo das notícias, mas funciona igualmente como signo indexical que informa o programa e a emissora em que o ouvinte está sintonizado. A presença humana inerente à vocalização torna-se desta forma inseparável da presença institucional, ao mesmo tempo em que a presença institucional se manifesta apenas através da mediação humana (MEDITSCH, 1997, p. 5).

Outro aspecto que confere credibilidade a um jornalista é sua assinatura ao final da matéria. Foram os correspondentes internacionais que iniciaram a prática durante as duas Guerras Mundiais. Antes disso, buscava-se a total imparcialidade, atribuindo, assim, a notícia ao veículo, e não ao repórter. Isso porque se antes a notícia “teve de ser cada vez mais imparcial, logo se

---

<sup>7</sup> A função programática é aquela capaz de dar continuidade narrativa dentro de um programa.

<sup>8</sup> Tradução livre da autora.

percebeu que ela teria mais credibilidade se traduzida por alguém, invariavelmente personificado na forma de uma assinatura” (SOSTER, 2006, p. 9).

Ao mesmo tempo em que busca ser neutra, a voz do jornalista revela a marca particular do sujeito. É possível imaginar e inferir sobre suas características físicas, emocionais e até mesmo sociais, pelo simples ato de ouvir a voz de alguém.

A escuta da voz inaugura a relação com o outro: a voz, que nos faz reconhecer os outros (como a letra sobre um envelope), dá-nos a conhecer sua maneira de ser, sua alegria ou sua tristeza, seu estado; transmite uma imagem do corpo do outro... Por vezes, a voz de um interlocutor encanta-nos mais do que o conteúdo de seu discurso e surpreendemo-nos a escutar as modulações harmônicas dessa voz sem ouvir o que ela nos diz (BARTHES, 1990 *apud* SERGL, 2005, p. 7).

Com as dificuldades técnicas e a baixa qualidade sonora do início do rádio, os locutores descartam elementos expressivos da vocalidade para ampliar a eficiência da comunicação. “Movimentos da laringe, sopros e ruídos ‘indesejáveis’ são completamente excluídos e um rico leque de matizes instintivos, irracionais são abortados a fim de que reine a soberana voz-veículo-da-palavra e sua função comunicativa-verbal” (EL HAOU LI 2006 *apud* ZAREMBA, 2009, p. 2-3). Tais dificuldades técnicas resultaram na tentativa de alcançar uma comunicação mais clara e, para facilitar o entendimento, os locutores passaram a adotar uma voz excessivamente empostada. Porém, o ambiente sonoro *low quality* não foi o único fator a impulsionar o estilo rebuscado de se falar no rádio: era também uma forma de atestar que o rádio era feito pela elite e para a elite, usando uma linguagem mais sofisticada e adotando um tom de seriedade e de *status* para os noticiários. “O tom grandiloquente dos locutores, apropriado para a recepção deficiente devido às interferências e à distância, ainda vigora em muitas emissoras brasileiras” (MEDITSCH, 2001, p. 137).

Associado a essa linguagem pomposa, o tom *grave* acabou predominando nas locuções de emissoras radiofônicas. Para vários autores, os tons graves ainda são os mais adequados para a comunicação radiofônica já que transmitem a sensação de proximidade, presença, segurança e credibilidade (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 44). Sampaio (1971 *apud* PENTEADO, 1998, p. 3) corrobora, ao propor que “voz deve ser de preferência grave, pois sugere sobriedade”, e essa característica conduz à credibilidade e à capacidade de persuasão. Penteado (1998, p. 9) conclui em seu estudo que a voz de altura grave é utilizada como recurso

de afirmação masculina e sugere que “[...] a opção da altura de voz masculina venha a corresponder a uma representação vocal de um papel social masculino de autoridade, segurança e força”. Ela cita o trabalho dos autores Behlau e Pontes (1990), no qual observam que vozes mais graves representam indivíduos autoritários e enérgicos. Esse tipo de voz é comumente associado a ‘personalidades mais maduras’.

Já a voz aguda evoca feminilidade e infantilidade, na visão de Bessa (2004). Enquanto a voz grave parece vir de um galã de cinema, Rodero (2001, *apud* BESSA, 2004, p. 13) afirma que nem os ‘galãs malvados’ possuem vozes agudas.

Outro fator fundamental para a credibilidade radiojornalística é alcançar a fluidez vocal. Nesse aspecto, entra o desempenho do jornalista, que, para obter uma comunicação efetiva, deve evitar os erros verbais, que acabam dificultando a inteligibilidade da mensagem e a própria credibilidade do profissional. “Creio que os locutores perdem credibilidade quando se equivocam na pronúncia de nomes de cidades ou pessoas” (WICKS, 1989, *apud* BALSEBRE, 1994, p. 56). Os erros podem ser em relação à leitura da notícia já escrita ou problemas de articulação ou dicção, e até mesmo de insegurança, com titubeios e a própria tonalidade nervosa da voz. Já os equívocos verbais são, para o autor, o mais alto nível de erro no instante da atuação do jornalista, já que “interrompem a linha contínua de decodificação e refletem despreparo do jornalista, quando não sua ignorância”<sup>9</sup> (BALSEBRE, 1994, p. 60). Além disso, o erro do locutor de rádio evidencia que ele está lendo algo escrito em um papel e rompe a sensação do ouvinte de alguém que lhe está comunicando algo, “olhando-lhe e explicando-lhe ao ouvido, com a segurança do profissional que haja investigado o fato”<sup>10</sup> (*idem*, p. 57).

Além do fator desempenho do jornalista na clareza enunciativa, existem também as características físicas da voz, que permitem melhor inteligibilidade. Balsebre (1994, p. 56) cita algumas pesquisas<sup>11</sup> que relacionam a clareza sonora da expressão verbal e a credibilidade, e conclui que as vozes de tons mais baixos, menor velocidade, menor volume e maior variação têm

---

<sup>9</sup> Tradução livre da autora.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> Teorias sobre recepção e o modelo dos *media gratifications research* (Rosengren, 1985), da psicologia da comunicação e da percepção, estudos sobre as qualidades vocais do locutor radiofônico (Burgoon, 1978), estudos de erros verbais cometidos (Findahl, 1962).

mais credibilidade. Já as vozes de articulação defeituosa, tom monótono, com nasalidade e roucas têm pouca credibilidade. Além disso, quanto maior a fluidez vocal, maior a credibilidade.

A notícia relatada em formato dialogado tende a conferir maior credibilidade do que a fala individual, desde que previamente planejada, de maneira que os locutores nunca se surpreendem em relação à alternância de suas intervenções. “[...] o ouvinte recebe um relato aparentemente improvisado, espontâneo e natural, ainda que na realidade esteja minuciosamente preparado” (MERAYO PÉREZ, 2002, p. 88).

Naturalmente, como pudemos observar, com o passar dos anos e o advento de novas tecnologias que permitiram o aprimoramento da qualidade sonora das transmissões radiofônicas e, também, maior percepção em relação às demandas dos ouvintes de rádio e às possibilidades que esse meio oferece, o padrão da voz radiofônica foi se alterando, lentamente, até chegar ao modelo que conhecemos hoje. São essas transformações que vamos analisar no capítulo 4.

### 3. METODOLOGIA

Para compreender as particularidades da voz e sua influência na construção da credibilidade, no capítulo anterior discutiu-se a linguagem radiofônica, suas características e elementos constitutivos, bem como os aspectos fundamentais para a credibilidade jornalística.

Neste capítulo é detalhado o processo de estudo sobre como a voz dos radiojornalistas mudou, desde a implantação do rádio no Brasil até a atualidade, a partir de trechos de arquivos gravados com personalidades marcantes do rádio, dentro de períodos históricos delimitados, para ilustrar as características da voz que se alteraram ao longo dos anos. Todos os arquivos se encontram disponíveis em um CD anexo à monografia.

O estudo teve como base referenciais teóricos sobre os elementos da linguagem radiofônica e da importância da voz para a construção da credibilidade, como Balsebre (1964, 1994), Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005), Klöckner (2008), Meditsch (1997, 2001, 2005), Ferraretto (2000), McLuhan (1964), McLeish (2001) e outros autores.

Optou-se por uma pesquisa exploratória, já que envolve levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulam a compreensão, e cujo objetivo é proporcionar maior familiaridade com um problema, segundo a definição de Gil (1991). Segundo o autor, as pesquisas exploratórias visam propiciar a visão geral de um determinado assunto, sendo uma aproximação para que o autor possa formular problemas mais precisos ou novas hipóteses futuramente.

Alguns fatores limitaram o desenvolvimento da pesquisa, como o fato de não haver no país uma cultura de preservação da memória do rádio. “Ficamos sem memória, o que impede que certos sentidos hoje possam fazer (outros) sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 66 *apud* BAUM, 2004, p. 20). Uma grande parte dos arquivos históricos não foi conservada, impossibilitando que períodos menos recentes fossem analisados. Outro fator limitador é que as próprias emissoras de rádio não arquivam áudios da programação por muitos anos, de forma que programas que existem até hoje não possuem registros do período em que começaram a ser transmitidos. Em alguns casos, quando existe o registro de um arquivo histórico ele já está editado por algum

programa de retrospectiva e apenas um pequeno trecho é disponibilizado. Dessa forma, não foi estabelecida continuidade da preservação de arquivos históricos. O que existe são trechos muito espaçados e fragmentados. Sendo assim, os arquivos aqui analisados correspondem a trechos da programação encontrados nos *sites* das emissoras, em CDs anexos a livros da história do rádio, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ) e em *sites* de memória do rádio na internet.

### 3.1 REFERENCIAIS HISTÓRICOS

A pesquisa foi baseada na análise de exemplos históricos, já que o discurso é uma construção social e pertence a um contexto. “O rádio coloca o ouvinte dentro da história, no momento exato em que os acontecimentos estão passando e, assim, abre-lhe a alternativa de acompanhá-los” (SAMPAIO, 1971 *apud* BAUM, 2004, p. 37).

Sendo assim, foram selecionados como objeto de análise quatro períodos do rádiojornalismo brasileiro. Eles delimitam fases que compreendem um período no qual o jornalismo no rádio continha características similares, situando a pesquisa dentro do contexto do rádio na época. Cada um deles foi analisado do ponto de vista histórico e, posteriormente, foram selecionadas personalidades marcantes da história do rádiojornalismo, que emprestaram sua voz para construir a credibilidade do noticiário naquele momento específico.

- 1) **Décadas de 20 e 30:** O início do rádio no Brasil foi marcado pela ausência de uma preocupação estética com a linguagem radiofônica. Apesar de não haver nesta pesquisa nenhuma gravação referente a este período, ele é de fundamental importância, já que exemplifica como era o rádio quando ainda se apropriava da linguagem dos jornais impressos. E mais, ele contextualiza as primeiras percepções que viriam nas décadas seguintes sobre a necessidade de uma linguagem própria para o rádio, apropriada às suas características de meio oral.
- 2) **Décadas de 40 e 50:** Esse período representa o início do rádiojornalismo no Brasil, fortemente impulsionado pela Segunda Guerra Mundial. Antes disso, alguns jornais já haviam sido produzidos no país, mas foi a partir dessa data que houve uma maior conscientização sobre a importância da linguagem radiofônica, tema de maior importância nesse estudo. A criação de uma linguagem própria veio com o programa Repórter Esso,

através da produção de sínteses noticiosas, com grande influência norte-americana no formato. As notícias deixam de ser copiadas de jornais e passam a vir de agências de notícias. Esse programa também foi fundamental para estabelecer a noção de credibilidade jornalística junto aos ouvintes, característica essa representada, principalmente, pelos locutores exclusivos do Repórter Esso. Outro marco da década de 40 foi O Grande Jornal Falado Tupi, onde o formato dos jornais impressos era copiado para o rádio, característica indicada pelo próprio nome, Jornal Falado. Mas foi também o início da delimitação de uma linguagem específica para o rádio, já que traz algumas inovações, como o uso de manchetes lidas por mais de um locutor, tornando o jornal mais dinâmico e a montagem do radiojornal moderno.

- 3) **Décadas de 60, 70 e 80:** Nesta época se deu a reconfiguração do rádio, deixando de ser um meio apenas de entretenimento e passando a investir em informação, com a transferência de artistas desse veículo para a televisão e a consequente perda de patrocínio para o novo meio. A solução encontrada pelo rádio foi a segmentação, partindo para uma atuação voltada para o jornalismo, o esporte e a prestação de serviço. Quatro emissoras são representativas para a exemplificação desse novo sistema adotado pelas emissoras AM, baseado na prestação de serviço, o esporte e jornalismo: a Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro; a Jovem Pan e a Bandeirantes, de São Paulo; e a Guaíba, de Porto Alegre (FERRARETTO, 2000, p. 141). Nesse estudo, analisamos a Jovem Pan, por ser uma emissora que até hoje estabelece como prioridade a prestação de serviço, e a Bandeirantes, por sua relevância no serviço de utilidade pública. Além disso, essas duas rádios trouxeram a figura do apresentador, fundamental para a transformação da linguagem no rádio. A Jornal do Brasil foi excluída da pesquisa, apesar de ter sido a primeira emissora jornalística do Rio de Janeiro e uma das maiores em termos de credibilidade, pelo fato de haver sido vendida em de 1992, transformando-se em uma emissora evangélica, a Brasil AM. Já a Guaíba não será analisada por se situar em Porto Alegre e ter menor importância no cenário nacional.
- 4) **Década de 90 à atualidade:** Início do jornalismo *all news* no Brasil. Este período é marcado pelas emissoras Central Brasileira de Notícias, a CBN, e a Band News FM. O critério de seleção utilizado é a existência de locutores nacionais que trabalham em rede, permitindo uma comparação mais fidedigna com os exemplos anteriores. Além disso, esse

período foi marcado pela presença dos âncoras, atuando como apresentadores principais em programas que envolvem vários componentes (MCLEISH, 2001, p. 233).

### 3.2 PERSONALIDADES MARCANTES DO RÁDIO

Dentro dos períodos históricos selecionados, foram analisados trechos de registros sonoros de radialistas, locutores, apresentadores e âncoras que representem de alguma maneira a época delimitada. Ou ainda, que ilustrem uma inovação na linguagem ou no formato dos programas radiojornalísticos da época. Estas personalidades foram selecionadas por serem consideradas expoentes em termos de voz no período em que viveram. Todos os trechos de registros sonoros citados nessa pesquisa estão contidos em um CD anexo. Para a melhor compreensão da análise, é recomendável ouvir o CD. Na impossibilidade de fazê-lo, todos os trechos foram transcritos integralmente.

#### 1) Décadas de 40 e 50

*Repórter Esso* – Síntese noticiosa que inaugura o radiojornalismo no Brasil, inovando na linguagem adotada até então e no formato dos programas da época. Traz os conceitos de pontualidade, lide, texto claro e objetivo, obtendo grande credibilidade durante os 27 anos que permaneceu no ar.

a) Romeu Fernandes: locutor que inaugurou o *Repórter Esso*.

Áudio: Primeira Edição do *Repórter Esso* – 28 de agosto de 1941.<sup>12</sup>

b) Heron Domingues: locutor exclusivo do *Repórter Esso* de 1944 a 1962, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Foi o locutor do *Repórter Esso* mais popular e até hoje é lembrado por noticiar fatos marcantes da História Mundial.

Áudio: Fim da Segunda Guerra Mundial – 8 de maio de 1945.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Arquivo retirado do CD integrante do livro TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Negócio Editora, 1997. O registro está no CD número 1, faixa 38.

<sup>13</sup> Arquivo retirado do CD integrante do livro TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Negócio Editora, 1997. O registro está no CD número 1, faixa 53.

c) Heron Domingues

Áudio: Carta-testamento deixada por Getúlio Vargas – 24 de agosto de 1954.<sup>14</sup>

d) Roberto Figueiredo: locutor da última edição do Repórter Esso.

Áudio: Última edição do Repórter Esso – 31 de dezembro de 1968.<sup>15</sup>

*Grande Jornal Falado Tupi* – Jornal que inovou ao conceber o formato de manchetes para anunciar as notícias que seriam veiculadas a cada edição. Além disso, foi o pioneiro em termo de alcance, sendo transmitido também para o interior do país, onde antes nenhum outro jornal chegava.

e) Corifeu de Azevedo Marques: diretor de jornalismo e locutor do jornal. Como os locutores se revezavam para anunciar as manchetes do Grande Jornal Falado Tupi e não foi possível precisar quem eram eles, analisamos as vozes como locutor 1 e locutor 2.

Áudio: Primeira veiculação do Grande Jornal Falado Tupi – 3 de abril de 1942.<sup>16</sup>

## 2) Décadas de 60, 70 e 80

*Bandeirantes* – Emissora que inovou ao conceber novos formatos de programas jornalísticos e adotou, ainda na década de 70, a prestação de serviço à população como um de seus principais diferenciais.

f) José Paulo de Andrade: apresentador do programa O Pulo do Gato há 38 anos, também foi locutor de importantes programas jornalísticos como o Jornal Gente e o Band Cidade, da Bandeirantes. O Pulo do Gato é o programa de rádio que há mais tempo tem o mesmo apresentador, a mesma vinheta e o mesmo horário.

---

<sup>14</sup> Arquivo retirado do CD integrante do livro BAUM, Ana (org). **Vargas, agosto de 54**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004. O registro está no CD número 1, faixa 7.

<sup>15</sup> Áudio obtido no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ).

<sup>16</sup> Áudio obtido no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ).

Áudio: Apesar da estreia em 2 de abril de 1973, o arquivo aqui analisado será recente, devido a indisponibilidade de exemplos históricos – 10 de junho de 2011.<sup>17</sup>

- g) Vicente Leporace: apresentador do programa O Trabuco, Vicente Leporace ilustra o início do jornalismo opinativo. Ele afirma que lê as manchetes do Diário Popular de São Paulo há 16 anos no ar para comentar as notícias.

Áudio: Trecho inicial de O Trabuco –15 de abril de 1978.<sup>18</sup>

*Jovem Pan* – Nas décadas de 60 e 70, a prestação de serviço à população, o jornalismo e os esportes se consolidaram como o novo caminho adotado pelo rádio, depois do advento da televisão. A Jovem Pan exemplifica este momento, já que se transformou em um canal entre a população e os órgãos oficiais e, foi também pioneira na transmissão de um informativo em rede, o Jornal da Integração Nacional, no início dos anos 70.

- h) Milton Parron: ilustra o momento em que os repórteres passaram a sair às ruas e a noticiar o fato diretamente do local do acontecimento. É o rádio enquanto prestador de serviço à população.

Áudio: um dos vários boletins que o repórter fez durante a cobertura do Incêndio do Edifício Joelma – 1º de fevereiro de 1974.<sup>19</sup>

### 3) Década de 90 até a atualidade

*CBN* – A Central Brasileira de Notícias foi a primeira emissora *all news* do país. Trouxe o conceito inovador onde a emissora cobre jornalismo 24 horas por dia.

- i) Heródoto Barbeiro: âncora do Jornal da CBN por vinte anos. Aqui está em foco a mudança do locutor para o âncora, a partir da emergência do *all news*.

---

<sup>17</sup> Trecho do programa O Pulo do Gato do dia 10 de junho de 2011, disponível no site [www.radiobandeirantes.com.br](http://www.radiobandeirantes.com.br) acessado em 5 de junho de 2011.

<sup>18</sup> Áudio obtido no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ).

<sup>19</sup> Áudio obtido no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS-RJ).

Áudio: arquivo mais antigo disponível no site da CBN no qual Heródoto apresenta o Jornal da CBN – 5 de janeiro de 2002.<sup>20</sup>

j) Heródoto Barbeiro

Áudio: último dia como âncora do Jornal da CBN – 25 de fevereiro de 2011.<sup>21</sup>

k) Milton Jung: âncora do CBN SP por 11 anos e substituto de Heródoto Barbeiro como âncora do Jornal da CBN.

Áudio: trecho do arquivo mais antigo encontrando no site da CBN de Milton Jung enquanto âncora do CBN SP – 30 de junho de 2003.<sup>22</sup>

l) Milton Jung

Áudio: primeiro dia como âncora do Jornal da CBN – 28 de fevereiro de 2011.<sup>23</sup>

*BandNews FM* – representa a nova geração do *all news* e inovou ao trazer noticiários consecutivos atualizados constantemente, de 20 em 20 minutos.

m) Ricardo Boechat – âncora da faixa de 7 às 9 horas da BandNews FM, desde fevereiro 2006, Ricardo Boechat é o jornalista que representa a emissora.

Áudio: arquivo mais antigo de Boechat como âncora da BandNews FM encontrado na internet – 9 de maio de 2007.<sup>24</sup>

n) Ricardo Boechat

Áudio: arquivo recente onde Boechat comenta as acusações contra o ex-chefe da Casa Civil, Antônio Palocci<sup>25</sup> – 16 de maio 2011.<sup>26</sup>

---

<sup>20</sup> <http://cbn.globoradio.globo.com>, acessado em 5 de junho de 2011.

<sup>21</sup> *Idem.*

<sup>22</sup> *Idem.*

<sup>23</sup> *Idem.*

<sup>24</sup> Áudio extraído de <http://www.youtube.com/watch?v=mu3i21er9bQ>, acessado em 7 de junho de 2011.

<sup>25</sup> Em 15 de maio de 2011 a Folha de São Paulo noticiou que Antônio Palocci, havia aumentado seu patrimônio em 20 vezes entre 2006 e 2010, período em que foi deputado federal e esteve fora governo, levando a suspeitas de tráfico de influência.

### 3.3 ELEMENTOS DA LINGUAGEM

Os trechos selecionados foram analisados a partir dos elementos da linguagem que podem ser trabalhados na emissão vocal, já que as peculiaridades físicas e acústicas influenciam, mas não determinam o potencial cognitivo e expressivo da palavra. A voz é capaz de transmitir muito mais do que o discurso escrito, por conta da inflexão, modulação, hesitação, ênfase, pausas, e velocidades, que podem ampliar e até mesmo modificar o significado de uma mensagem escrita (MCLEISH, 2001, p. 19). A locução se manifesta na sequência falada, ou seja, ao falar, utilizamos outras características da voz para compreender, dar sentido e embelezar a mensagem radiofônica (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 45).

Neste caso, os elementos analisados no próximo capítulo são aqueles capazes de construir, acrescentar, modificar ou ampliar o sentido de um texto escrito. As autoras estabelecem *entonação*, *ênfase* e *ritmo* como decisivos para dar inteligibilidade e expressividade à mensagem. Já McLeish (2001, p. 228), estabelece os seguintes aspectos como importantes ao profissional de locução: postura, projeção, ritmo, volume, pausa, pronúncia e personalidade. No presente trabalho, não serão analisados os seguintes itens: postura (os arquivos são somente de áudio, o que impossibilita uma análise postural); volume (a qualidade sonora dos arquivos pode ter sido alterada devido a repetidas regravações) e pausa (os silêncios utilizados durante as frases serão aqui compreendidos como um dos elementos que confere ritmo a uma narração).

Sendo assim, foram acrescentados aos três aspectos anteriores, *entonação*, *ênfase* e *ritmo*, de Martínez-Costa e Díez Unzueta (2005) os elementos *projeção*, *pronúncia* e *personalidade* de McLeish (2001), conforme as definições a seguir.

- a. Entonação é a curva melódica da mensagem. É a variação do nível tonal adotada em uma frase. Ao subir e descer o tom, a mensagem não fica monótona (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 45).
- b. Ênfase é quando determinada sílaba ou palavra são destacadas. No rádio, as palavras chave da mensagem devem ser enfatizadas (*idem, ibidem*).

---

<sup>26</sup> <http://bandnewsfm.band.com.br/>, acessado em 8 de julho de 2011.

- c. O ritmo é resultado das variações de duração em relação à velocidade de emissão da voz e das pausas. Baixa velocidade com pausas longas resultam em um texto monótono. De acordo com o conteúdo do discurso, deverá se combinar velocidades rápidas com pausas longas e velocidades lentas com pausas extensas. (*idem*, p. 46)
- d. Projeção é a quantidade de energia vocal utilizada ao proferir uma fala. Deve ser adequada de acordo com o tipo de programa e de público, no caso do rádio (MCLEISH, 2001, p. 228).
- e. Pronúncia é a escolha dos sons da palavra e articulação como o processo de formação dos sons e das sílabas. A palavra mal pronunciada é aquela que contém um ou mais sons errados ou quando é alterada por omissão, adição, troca ou distorção dos sons ou mau uso da acentuação (BLOCH, 1973 *apud* SANTOS; ASSENCIO-FERREIRA, 2001, p. 54).
- f. Personalidade é aqui entendida como a soma total de tudo o que se comunica, do microfone ao alto-falante, e deve ser apropriada ao programa (MCLEISH, 2001, p. 228).

Tais características da voz foram analisadas considerando sua contribuição para a construção da credibilidade jornalística, tanto do ponto de vista do profissional em si quanto da própria emissora. Como foi visto, a voz funciona como uma espécie de assinatura, que identifica o emissor da informação e a empresa a qual ele pertence. Além disso, algumas características da voz são fundamentais para estreitar os laços com o ouvinte, gerando maior aproximação entre o público e a emissora.

No que se refere à importância da voz para a construção da credibilidade, foram utilizados os quatro aspectos que Balsebre (1964, p. 42) definiu como fundamentais para a credibilidade na informação radiofônica:

- A. Imparcialidade
- B. Exatidão
- C. Atualidade
- D. Inteligibilidade

Estes elementos são considerados pelo autor como axiomas no processo de delimitação do rigor jornalístico e da eficácia comunicativa, sendo, portanto, utilizados para a pesquisa a fim de concluir como podem ser transmitidos a partir da voz.

O próximo capítulo apresenta os resultados da análise.

## 4. A VOZ NO RADIOJORNALISMO BRASILEIRO

### 4.1 DÉCADAS DE 20 E 30

O início do rádio no Brasil foi marcado pela ausência da preocupação estética em adaptar as características da linguagem escrita para o novo meio. Os jornais impressos eram lidos integralmente no ar, sem qualquer adequação de linguagem ou do próprio formato. Copiou-se a paginação, a divisão por editorias, a leitura do cabeçalho, a supressão de artigos nos títulos e até mesmo a tradução eufônica das marcações do impresso, já que as palavras em negrito eram lidas de forma gritada.

A grande dificuldade era encontrar uma maneira de expressar de forma sonora um conteúdo que tomou forma originalmente na tecnologia impressa: a notícia. “O jornalismo impresso operava com a palavra, porém com a palavra estática, ‘congelada’ em forma de escrita. Ao se aventurar pela primeira vez no terreno da palavra elástica, ‘em estado líquido’, o gênero se defrontou com uma série de situações inteiramente novas” (MEDITSCH, 1997, p. 3). Com certa frequência, o locutor distraído lia frases como ‘... continua na página x’, ou então ‘como se pode ver na foto ao lado’. Para evitar o problema, foi adotada a técnica de recortar as notícias dos jornais e apenas reordená-las antes de irem ao ar, sem qualquer alteração no texto. Essa prática ficou conhecida como *gillette press*, cuja versão atual corresponde ao copiar e colar das redações modernas (ORTRIWANO, 2002, p. 69-70).

A inexistência de uma linguagem própria do rádio se transferiu para o trabalho dos locutores, que deveriam apenas ler o que estava escrito, sem preocupar-se com os componentes não-linguísticos presentes na fala. Para Arnheim (1936, *apud* MEDITSCH, 2001, p. 72), existe uma aplicação da lei geral da economia na arte, segundo a qual só devem fazer parte de uma obra os elementos que tiverem alguma finalidade expressiva. Essa lei aplicada à linguagem do radiojornalismo retirou todos os elementos não-linguísticos do discurso, que passou a ser visto apenas enquanto texto. “Tal postura tinha como contrapartida o locutor absolutamente neutro, despersonalizado, mero ‘instrumento de estúdio’” (MEDITSCH, 1997, p. 4). O autor aponta que, neste período, a locução que ao mesmo tempo deveria ser neutra, também deveria conotar a confiança, a autoridade, a elegância e a superioridade cultural da classe social que controlava a

emissão. Não era, portanto, uma neutralidade absoluta, já que nas transmissões estavam contidos elementos linguísticos característicos da classe dominante e o próprio conteúdo era voltado para a burguesia, com palestras, orquestras e música erudita. “O estilo ‘pomposo e rebuscado’ da época desprezava qualquer iniciativa na busca de uma linguagem sintética” (KLÖCKNER, 2008, p. 48).

Inicialmente, houve a preocupação por parte dos radioamadores e dos pioneiros no rádio de torná-lo um meio de difusão cultural, seguindo o idealismo do fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, Edgard Roquette-Pinto, conhecido com o pai do rádio brasileiro. O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.<sup>27</sup>

Dentro dessa perspectiva, Roquette-Pinto criou o Jornal da Manhã, onde ele próprio lia, analisava e comentava sozinho os fatos políticos publicados nos jornais impressos, após marcá-los com um lápis vermelho. Além de ler as notícias, Roquette-Pinto também as interpretava, comentando-as historicamente e contextualizando a situação da época, além de preconizar sobre as tendências dos acontecimentos (FEDERICO, 1982 *apud* FERRARETTO, 2000, p. 101). O Jornal da Manhã não era um simples noticioso, nem um modesto relato dos acontecimentos. Era o fato comentado, esmiuçado e interpretado com a autoridade do sábio (LOPES, 1970 *apud* ORTRIWANO, 2002, p. 69). Para Zuculoto (2003, p. 1), a Rádio sociedade foi a precursora do jornalismo de rádio, com o Jornal da Manhã sendo produzido de forma improvisada e amadora. Era o início do modelo dos jornais falados, que se espalhariam pelas rádios do país.

Inicialmente, a programação veiculada no rádio era esparsa, não tinha horário fixo nem tempo pré-estabelecido para a duração dos programas. Na década de 30, alguns programas passaram a estipular um tempo para os radiojornais: 30 minutos de edição divididos por blocos, que correspondiam às seções dos jornais impressos (KLÖCKNER, 2008, p. 27). A divisão por blocos ou módulos é muito importante no rádio porque marca o ritmo do programa, tornando-o mais dinâmico para o ouvinte. Apesar do avanço, a linguagem ainda permanecia emprestada dos impressos e também seu formato, já que estes blocos eram divididos da mesma maneira que os cadernos dos diários, por editorias.

---

<sup>27</sup> Roquette-Pinto *in* TAVARES, 1997, p. 8.

Nesta época, já havia vinte e nove emissoras no país, cuja programação continha música, óperas e textos ‘instrutivos’ (TAVARES, 1997, p. 55). Grande parte delas eram rádio-sociedades, nas quais os sócios contribuía com sua manutenção a partir do pagamento de mensalidades. Isso porque, por conta de seu caráter educativo inicial, os empresários ainda não haviam se despertado para o potencial lucrativo do rádio, além de que a própria legislação proibia a veiculação de propagandas, o que dificultava a manutenção financeira das rádios existentes.

Em março de 1932, percebendo o potencial comunicativo do rádio, o governo Vargas regulamentou seu funcionamento e autorizou a veiculação de propagandas. O veículo que até então visava à difusão cultural e tinha um caráter erudito, com a injeção da verba publicitária, acabou popularizando sua programação, para atrair um leque maior de consumidores. Foram contratados artistas, cantores, um verdadeiro *cast* voltado para o entretenimento, que variava entre programas humorísticos, radionovelas, transmissões esportivas, orquestras e outros. A própria Rádio Sociedade passou a transmitir o humorístico Programa Casé, de Adhemar Casé, e foi, posteriormente, doada ao Ministério da Educação e Saúde por Roquette-Pinto, com a condição de ser proibida a veiculação de propagandas comerciais e políticas (FERRARETTO, 2000, p. 104).

A importância do rádio enquanto instrumento de mobilização popular começa a ser percebido no Brasil durante a Revolução Constitucionalista de 1932. O jornalista César Ladeira, da Rádio Record de São Paulo, convocou a população paulista a se manifestar a favor da elaboração de uma nova Carta Constitucional, que reaveria o poder político predominantemente elitista que vigorou até 1930. Sua voz se transformou na “voz da revolução”, mas, naquele tempo, não havia recursos de gravação e Ladeira tinha que permanecer no ar por muitas horas ininterruptamente. Então, outros locutores aprenderam a imitá-lo e passaram a revezar-se no ar, dando a impressão de que César Ladeira estava permanentemente em ação (ORTRIWANO, 2002, p. 70).

Além da Rádio Sociedade, foram relevantes neste período as rádios Record, de São Paulo, criada em 1931; a Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro, em 1934; as Rádios Tupi e Jornal do Brasil, criadas em 1935 e a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, criada em 1936 e líder de audiência por 20 anos.

## 4.2 DÉCADAS DE 40 E 50

Durante este período surgiu o chamado Rádio-Espetáculo, com programas e personalidades que marcariam a história do país, como os da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que trouxe os nomes das rainhas do rádio Emilinha Borba e Marlene; os da Rádio Mayrink Veiga, que através do jornalista César Ladeira ajudou a revelar estrelas como Carmem Miranda, Silvio Caldas, Carlos Galhardo e outros; as rádios Record e Difusora e muitas outras que criaram verdadeiros ídolos populares.

De uma fase praticamente artesanal nos primeiros tempos, em que a notícia era lida direto do jornal, o rádio assume personalidade própria e passa a veicular os programas de grande audiência, que possibilitam a participação do ouvinte, ao vivo, no auditório e também por telefone. Carente de um veículo que falasse ao seu ouvido, o público imediatamente se apaixona por essa possibilidade (KLÖCKNER, 2008, p. 39).

O surgimento do rádio enquanto entretenimento alterou significativamente a linguagem do rádio, não só porque exigia um texto mais leve, mas principalmente porque esse tipo de programa privilegia a linguagem oral, as narrativas e o envolvimento com as emoções da audiência.

As palavras, para ser radiofonizadas, passam a ser, de forma criteriosa, selecionadas para usos específicos, diferenciando-se da simples leitura do texto impresso. A inflexão e o modo certo de interpretar cada palavra traziam um significado, despertavam determinados sentimentos no ouvinte. Não importava tão somente o conteúdo transmitido, mas, sobretudo, a maneira, a forma, como a mensagem era radiofonizada (KLÖCKNER, 2008, p. 40).

Segundo TAVARES (1997, p. 89), os locutores dessa época tinham uma “leitura firme, clara e descontraída; vozes graves, aveludadas, inflexões cadenciadas e moduladas, um timbre macio e sensual”. No Rádio-Espetáculo, não só os artistas, mas também os locutores viraram estrelas, já que era comum que comandassem seus próprios programas.

A década de 40 dá início ao apogeu do Rádio-Espetáculo, mas é também com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, que o radiojornalismo torna-se essencial. Não a ponto de competir com o entretenimento, mas já começava a crescer em importância dentro das estruturas do rádio, já que a população demandava informações sobre os acontecimentos de guerra e a agilidade de transmissão do rádio permitia que essas notícias chegassem antes do que em qualquer outro meio. Exemplos da pequena expressividade do jornalismo nessa época é que dos

seis estúdios existentes na Rádio Nacional nos anos 50 apenas um era dedicado ao jornalismo. Enquanto, na mesma época, havia 124 músicos contratados, apenas 13 repórteres trabalhavam para a Nacional. (FERRARETTO, 2000, p. 114). Em 8 de março de 1940, foi decretada pelo Estado Novo a encampação do grupo de empresas a qual pertencia a Rádio Nacional, que passou a constituir patrimônio da União. A Rádio Nacional tinha, portanto, o apoio do governo, mas continuava sendo uma empresa comercial, situação favorável para seu crescimento já que todo o faturamento de publicidade era reinvestido na própria empresa. A década de 40 foi marcada por uma grande injeção de verba publicitária no Brasil, devido à inserção de empresas multinacionais no mercado do país, que investiam em *jingles* e patrocínios de programas de rádio para sua divulgação comercial. Foi neste contexto que surgiu o Repórter Esso, a primeira síntese noticiosa nacional.

#### **4.2.1 O Repórter Esso**

A veiculação de uma síntese noticiosa no Brasil fazia parte do interesse dos Estados Unidos em estabelecer uma política de boa vizinhança com a América Latina, para aumentar o apoio aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Outros países como Argentina, Chile, Peru e Cuba também noticiavam o Repórter Esso que, no Brasil, se caracterizou inicialmente como uma síntese informativa a respeito da guerra, só passando a transmitir notícias brasileiras em 1945.

A primeira rádio escolhida para transmitir o programa foi a Rádio Nacional, por sua ampla penetração junto aos ouvintes brasileiros, onde estreou no dia 28 de agosto de 1941. Ainda neste ano, o Repórter Esso começaria a ser transmitido também pela Rádio Record de São Paulo e em julho de 1942 pelas rádios Inconfidência de Belo Horizonte, Farroupilha de Porto Alegre e Rádio Clube de Pernambuco (KLÖCKNER, 2008, p. 51). O Repórter Esso foi o primeiro programa a fixar um horário para sua veiculação e também a estipular uma duração exata – cinco minutos. Era uma exigência de contrato que ele começasse e terminasse pontualmente. Na Nacional, o Repórter Esso ia ao ar em cinco edições: 8h, 12h55, 18h30, 20h e 22h, além das edições extraordinárias, que interrompiam outros programas (KLÖCKNER, 2008, p. 52). Era patrocinado pela *Standard Oil of New Jersey*, produzido pela *United Press International* (UPI) e

supervisionado pela *McCann-Erickson Corporation*, todas empresas americanas, o que acabou tendo grande influência no estilo de linguagem adotado.

Com o Esso, foram implantadas no País as técnicas da síntese noticiosa, transmitida com pontualidade, com o texto sucinto, direto, vibrante, aparentando imparcialidade, contrapondo-se aos longos jornais falados característicos da época. Com um formato inovador, ele não tem influência somente no estilo do radiojornalismo brasileiro, mas também nas disputas políticas, ideológicas e culturais (KLÖCKNER, 2008, p. 16).

Até 1944, o Repórter Esso não tinha um locutor exclusivo e eram utilizados os chamados locutores de horário, fixos por uma faixa de tempo e não por programa. Mas, a agência de publicidade *McCann-Erickson*, encarregada da imagem institucional do Repórter Esso, decidiu estabelecer vozes próprias e personalizar a locução do programa. Selecionou Rui Figueira, no Rio Grande do Sul, Casimiro Pinto Neto, em São Paulo e o mais famoso deles, Heron Domingues, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

A contratação de locutores exclusivos serve como confirmação à “imagem” do noticiário, faz parte da sua identidade, integra num mesmo ser o locutor, o noticiário e a “marca” do patrocinador. As campanhas de utilidade pública contribuíram para reforçar ainda mais a credibilidade (KLÖCKNER, 2004, p. 12).

Heron Domingues inicialmente pretendia ser cantor. Quando tinha apenas 17 anos, foi chamado para ler um telegrama que anunciava o ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, já que não havia nenhum locutor na rádio naquele momento. A partir desse dia, Heron Domingues passou a trabalhar como locutor, se tornando um dos mais célebres na história do país com seu trabalho como locutor titular do Repórter Esso da Rádio Nacional, desde 1944 até 1962, quando foi substituído por Roberto Figueiredo. “A voz grave e modulada de Heron Domingues, locutor exclusivo do Repórter Esso durante 18 anos, tornou-se popular em todo o Brasil” (ORTRIWANO, 1985, p. 20).

O Repórter Esso possuía muita credibilidade entre os ouvintes. Ele interrompia outros programas para dar notícias que fossem consideradas urgentes e verificava as informações antes de noticiar um fato, mesmo que isso acarretasse na perda de um furo de reportagem<sup>28</sup>. A expressão ‘deu no Repórter Esso’ se consagrou como referência de informação para os milhares de ouvintes que se acostumaram a sintonizar as quatro edições diárias de cinco minutos que iam ao ar em cinco estados do país”. Com isso, era comum ouvir na época pessoas dizendo: “Se

---

<sup>28</sup> Jargão profissional utilizado quando um veículo divulga uma informação antes de seus concorrentes.

o Repórter Esso não deu não aconteceu”. Uma característica relacionada à sua credibilidade é que uma hora antes da veiculação do programa e meia hora depois, as emissoras que o transmitiam eram proibidas de divulgar qualquer notícia durante este período. Com isso, gerava-se certa ansiedade pelo início do programa, dividida inclusive pelos funcionários da Rádio Nacional.

Quando entrava no ar a tal musiquinha meio marcial, meio passo doble, que era sua característica, principalmente se fosse para anunciar edição extraordinária, o Brasil inteiro parava, pois talvez tivesse chegado o momento que todos esperavam. Nós mesmos, no estúdio, já estávamos em assanhamento total e incontrolável, atropelando as cenas e desatentos ao trabalho, quando víamos o Heron Domingues aparecer na técnica, sinal de que a novela ia ser interrompida para transmissão de um telegrama quentinho, e corríamos ao seu encontro, esperançosos de sabermos a novidade antes dos ouvintes. (LAGO, 1977 *apud* ORTRIWANO, 2002, p. 74).

Um fato marcante na história do programa foi durante a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1945, quando Heron Domingues chegou a dormir no estúdio da Rádio Nacional durante quase duas semanas para ser o primeiro a noticiar o fim da guerra. Apesar de ter sido a Rádio Tupi do Rio de Janeiro a primeira a veicular a notícia, as pessoas só acreditaram que a guerra havia realmente chegado ao fim quando foi anunciada por Heron Domingues. Foi também ele quem fundou, no final da década de 40, a Seção de Jornais Falados e Reportagens na Rádio Nacional – o primeiro departamento dedicado ao jornalismo de uma emissora, com sistema de equipe, rotina e hierarquia (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 27).

Além de ser um exemplo de audiência, credibilidade e duração, tendo permanecido 27 anos no ar, o Repórter Esso inovou trazendo o início da constituição de uma linguagem própria do jornalismo de rádio no Brasil. “A maior contribuição do Esso foi a introdução no Brasil de um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado” (FERRARETTO, 2000, p. 127).

Com o Repórter Esso, a notícia ganha personalidade, a informação ganha caráter exclusivo, o texto ganha novas características: períodos curtos, sem orações intercaladas e sem adjetivações (KLÖCKNER, 2008, p. 28-29). O rádio ganha agilidade e passa buscar informações mais instantâneas – e não as que aconteceram no dia anterior, impressas no jornal.

A organização, ao estilo fordista, estava presente no noticioso e constituía grande virtude para a época: entrar na hora certa, rigidez no controle de tempo, a vibração da locução, o texto elaborado para a linguagem radiofônica: sucinto e objetivo, a exatidão dos dados, dos fatos, a aparência de imparcialidade, tudo embalado por um manual de

procedimentos que previa, praticamente, os passos a realizar como se o radialista estivesse numa indústria da notícia (KLÖCKNER, 2008, p. 45).

O manual ao qual se refere o autor é o *Manual radionoticioso de la United Press en la America Latina*, editado em 1944 e que padronizava, em espanhol, a linguagem do Repórter Esso. Uma das recomendações é a de que o redator “deve escrever seu trabalho em voz alta, usar uma linguagem simples e coloquial, redigir as notícias de forma tão clara que possa entendê-las quem esteja prestando somente uma atenção distraída” (COPELAND, 1944 *apud* KLÖCKNER, 2008, p. 56). Parte do manual foi adaptada ao português e publicada no Brasil em 1957, com sucessivas atualizações ao longo dos anos. Em uma gravação anterior, datada provavelmente de 1948, Heron Domingues faz algumas recomendações em uma espécie de manual sonoro (KLÖCKNER, 2008, p. 58) onde sugere, por exemplo, que no horário da 8h da manhã a saudação aos ouvintes deve ser feita com otimismo, voz clara e sem qualquer sinal de sono.

Há necessidade de que o ouvinte seja acordado pela voz alegre, firme e pontual do Repórter Esso. Com isso, o arrancaremos da letargia matinal, atirando-o na realidade da vida que deverá ser por ele enfrentada dentro de alguns minutos, depois do café. Ficará satisfeito com otimismo e segurança de nossa voz e nos outros dias tornará a buscar em nós coragem e alento para iniciar seu dia.<sup>29</sup>

Ele também recomenda que o texto deva ser cuidadosamente lido pelo locutor antes de ir ao microfone. Essa sugestão é tida até hoje como uma das mais valiosas no radiojornalismo, pois permite que o jornalista vá ao ar seguro do assunto que vai abordar e, ainda, que esteja preparado para eventuais imprevistos. Além disso, a leitura prévia permite tirar dúvidas de vocabulário, checar se existe alguma cacofonia, palavras rimando ou palavras estrangeiras de pronúncia desconhecida.

Neste manual, Heron Domingues também aborda a voz do locutor. Para ele, as nuances da voz equivalem ao negrito do jornal impresso e são necessárias para evitar a monotonia.

O locutor do Repórter Esso não pode ser um papagaio ou máquina de repetição. Tem que ser um intérprete das notícias que lê. A voz é um dom maravilhoso que deve ser aproveitado em toda a sua extensão. Equivale à cor, em suas fortes, fracas, moderadas, excessivas ou impressionantes tonalidades.<sup>30</sup>

A primeira edição do Repórter Esso foi lida em 28 de agosto de 1941 por Romeu Fernandes, o primeiro locutor dessa síntese noticiosa. Uma limitação da pesquisa é que não foi encontrada nenhuma informação adicional a respeito de Romeu Fernandes, além de ter inaugurado o Repórter Esso.

---

<sup>29</sup> Heron Domingues *in* OMBUDSMAM no ar, da Rádio Bandeirantes, gravação de 1948.

<sup>30</sup> *Idem*

## **Transcrição – Faixa número 1 do CD anexo**

*E atenção, Rio. De acordo com a decisão que acaba de ser tomada em conjunto por várias nações americanas, o governo do Brasil ordenará imediata internação dos dezesseis navios do eixo que se acham atualmente em portos brasileiros.*

### **Análise**

Há pouca variação do nível tonal adotado. O locutor manteve praticamente o mesmo tom de voz durante toda a leitura do texto, tornando-o pouco dinâmico. A primeira palavra enfatizada na locução é *atenção*, para que o ouvinte saiba que a notícia é seguir é importante o suficiente para que ele se concentre para escutá-la. Depois, é enfatizada a palavra *Rio*, se referindo o local de onde falava o repórter naquele momento. Era bastante comum que os repórteres destacassem sua praça a cada notícia para facilitar a identificação pelos ouvintes de onde a notícia era proveniente. Também existe uma leve entonação nas palavras-chave da notícia: *decisão, conjunto, americanas, governo do Brasil, ordenará a imediata*, mas ainda de forma muito mais discreta de como é feita atualmente, onde as palavras mais importantes são realmente destacadas das demais. Aqui, neste caso, o locutor enfatiza as últimas sílabas de cada uma dessas palavras, e ao final, por conta da falta de fôlego, não destaca mais nenhuma palavra.

A velocidade de emissão da voz é praticamente constante, não havendo variação entre trechos longos e curtos. O texto é lido em um ritmo acelerado, com muito pouco espaço entre as palavras, provavelmente pelo fato de a segunda frase ser muito longa. Existe uma vírgula no trecho “[...]tomada em conjunto por várias nações americanas, o governo do Brasil ordenará[...]” que foi praticamente ignorada pelo locutor, ainda que haja uma pausa explícita, marcada por acentuação. Esse tipo de locução acelerada pede pausas mais curtas para contrapor o ritmo de leitura, tornando-o mais dinâmico.

A voz do locutor é bastante projetada, de forma que ele utiliza bastante energia vocal ao proferir esse texto. Era comum, neste período, que os locutores impostassem suas vozes para se adequar ao padrão da época. Já as palavras são pronunciadas de forma muita cuidadosa, de forma que a articulação do som das palavras é facilmente percebida pelos ouvintes. Uma particularidade

desse texto é a pronúncia forte das letras R ao final das palavras, lida com a ponta da língua no céu da boca, de forma a fazer um som vibratório, mais fácil de ser ouvido do que o som do R no início das palavras (como rato e rádio), onde o som do R é mais seco. O mesmo não acontece com a letra S, que quando ao final das palavras nesse texto (*várias, nações, americanas, dezesseis, portos, brasileiros*) é pronunciada muito fraca, se tornando quase imperceptíveis. Em relação à personalidade, não se nota nenhum traço característico, pelo fato de não existirem elementos de espontaneidade e naturalidade na fala, sendo apenas uma leitura. A voz do locutor é um voz grave e firme, capaz de transmitir credibilidade a respeito do que noticia, porém, não se notam aspectos particulares marcantes.

A questão da imparcialidade do Repórter Esso envolve outros elementos além da voz. Como foi visto, uma síntese sobre as notícias da guerra no Brasil fazia parte da estratégia dos Estados Unidos de conseguir maior apoio aos Aliados, transmitindo a ideia de que seria melhor para o Brasil entrar na guerra deste lado. Sendo assim, a própria seleção das notícias, que no início se restringiam apenas aos fatos bélicos, era parcial. A voz do repórter, entretanto, não faz, neste pequeno trecho, alusão a nada neste sentido.

Apesar de ser uma síntese, o trecho analisado é exato ao fornecer dados precisos. Esse é um exemplo de como o lide foi implantando no Brasil, com as informações mais importantes logo no início da matéria. Antes do Repórter Esso, era comum que o texto tivesse uma pequena introdução antes de iniciar o relato dos fatos. A atualidade fica por conta do imediatismo da questão, enfatizada com a expressão “*acaba de ser tomada*”, aumentando o caráter urgente da notícia. O trecho é inteligível, mesmo com a baixa qualidade sonora e o ritmo acelerado de narração.

#### **4.2.2 Repórter Esso e o fim da Segunda Guerra Mundial**

Heron Domingues noticiou o fim da Segunda Guerra Mundial, no dia 8 de maio de 1945. Para ser o primeiro a dar a notícia, ele instalou uma cama no estúdio da Rádio Nacional para aguardar a chegada de um telegrama da *United Press* que noticiaria esse fato. Além disso, gravou a notícia em fita magnética e andava com o *tape* embaixo do braço, caso fosse necessário utilizá-lo (TAVARES, 1997, p. 151). Apesar de todo esse esforço, o furo acabou sendo da Rádio Tupi,

na voz de Décio Luiz, já que depois de duas semanas de plantão na Rádio Nacional, Heron foi convencido a descansar em casa pouco antes de a notícia chegar.

À espera do dia da vitória vivi momentos tão emocionantes como os de um general no campo de batalha. A Rádio Nacional era o meu centro de operações e aqui instalei a minha cama ao lado de um telefone de comunicação direta com a *United Press*. E as grandes notícias chegavam, abalando em primeiro lugar os nervos do repórter vigilante.<sup>31</sup>

### **Transcrição – Faixa número 2 do CD anexo**

*Amigo ouvinte, aqui fala o Repórter Esso, testemunha ocular da história. A Rádio de Hamburgo, depois de transmitir O Crepúsculo dos Deuses<sup>32</sup>, durante muitas horas, acaba de anunciar: o Führer morreu! Terminou a guerra! Terminou a guerra! Terminou a guerra!*

### **Análise**

Heron Domingues adota uma maior variação tonal quando comparado ao arquivo anterior, de Romeu Fernandes. Ele dá início à leitura da notícia em um tom mais alto do que quando lê a vinheta. Durante a notícia, a variação tonal não é muito grande, mas já é o início de uma percepção maior em relação à entonação. Inicialmente, são enfatizadas as palavras *Esso*, *ocular* e *história*, do famoso *slogan*, “testemunha ocular da história”. Na notícia, as palavras *horas*, *Führer*, *morreu*, *terminou*, *guerra* são as que recebem maior destaque, devido à sua importância para a compreensão da notícia. A repetição da frase “Terminou a guerra!” também é uma forma de ênfase, já que visa frisar esse conteúdo específico como sendo o de maior relevância.

Aqui, o ritmo é marcado por pausas mais longas entre as frases que o arquivo anterior. As pausas entre as palavras de uma mesma frase, no entanto, ainda são muito pequenas e a leitura as torna muito próximas umas das outras. Por exemplo, há uma boa pausa entre o *slogan* do programa e o início da notícia, marcada pela separação das palavras “testemunha ocular da história” e “A rádio de Hamburgo”, já que essa pausa era uma separação entre frases. Mas quando Heron diz que “acaba de anunciar: o *Führer* morreu” praticamente não se nota o espaço

---

<sup>31</sup> Heron Domingues in TAVARES, 1997, CD nº1, faixa 53.

<sup>32</sup> O Crepúsculo dos Deuses é a última ópera das quatro que compõem a tetralogia O Anel dos Nibelungos e estava sendo transmitida pela rádio alemã na cidade de Hamburgo antes de noticiar o fim da Segunda Guerra Mundial.

entre a palavra *anunciar* e “o *Führer* morreu”, o que provavelmente não aconteceria hoje. Já o espaço entre os trechos “o *Führer* morreu” e “Terminou a Guerra!” é mais longo pelo fato de esta vinheta já estar gravada por Heron para entrar ao ar assim que a Guerra terminasse. A repetição do trecho “Terminou a guerra!” era, portanto, um arquivo que foi colocado após a leitura de Heron e, por questões técnicas, demorou um pouco mais para ir ao ar do que se fosse lido em seguida pelo locutor.

A voz de Heron Domingues também era bastante projetada, já que esse era o padrão da época e ele era o maior expoente em termos de radiojornalismo. Um exemplo de projeção é a forma como ele lê a palavra ‘história’ do *slogan* “testemunha ocular da história”. As palavras são muito bem articuladas, a pronúncia do R é bastante forte e, como no exemplo anterior, lida de forma a soar vibrante. Em relação à sua personalidade, a voz de Heron Domingues era sinônimo de credibilidade no rádio. Suas locuções se davam sempre em tom sério e confiante, motivos pelos quais os ouvintes sempre acreditavam no que o Repórter Esso noticiava.

Como já foi abordado, a imparcialidade do Repórter Esso se dava em primeira instância, ao noticiar as notícias de guerra conforme os interesses norte-americanos. Mas, novamente, a voz do locutor não deixa transparecer qualquer sinal de cunho tendencioso, até porque as notícias que chegavam eram produzidas pela agência de notícias *United Press International*, de forma que os próprios locutores não sabiam da existência de uma seleção anterior. A exatidão se dá pela precisão dos dados, inclusive ao fornecer a fonte da informação, prática comum do Repórter Esso. A notícia era atualíssima, foi divulgada pela rádio alemã da cidade de Hamburgo e, logo em seguida, reproduzida pelo repórter Esso. O caráter de novidade fica por conta da expressão “acaba de anunciar”. A notícia é inteligível, com todas as palavras pronunciadas de forma compreensível.

#### **4.2.3 Repórter Esso e a carta-testamento de Getúlio Vargas**

Segundo Baum (2004, p. 15), a população soube da morte de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, por meio do rádio, já que os jornais matutinos ainda traziam informações sobre o pedido de licença do presidente<sup>33</sup> e, até então, eram poucos os que tinham televisão. Mas, Heron

---

<sup>33</sup> Resultado da reunião ministerial na madrugada.

Domingues não foi o primeiro a dar a notícia do suicídio do presidente, assim como não foi o primeiro a noticiar o fim da guerra. O furo teria sido de Leo Batista, repórter da Rádio Globo, mas ele próprio admite que, apesar de ter noticiado o fato primeiro, a população soube da morte do ex-presidente pela Rádio Nacional. “Ela era muito mais potente, tinha mais emissoras e maior alcance. Mas isso não invalida o furo que eu noticiei” (FERRARETTO, 2000, p.128).

O Heron Domingues conta<sup>34</sup> que, ao receber a notícia do suicídio do presidente, esqueceu-se de que deveria dar a notícia primeiramente ao país e correu para contar a novidade aos colegas de trabalho.

Tinha nas mãos a maior notícia de minha vida profissional. Nem o fim da segunda guerra mundial me emocionara tanto. Liguei os dispositivos automáticos de interrupção da programação e comecei, num cantochão esbaforido e entrecortado: ‘Atenção, atenção, Brasil...’ E repeti várias vezes. (HERON DOMINGUES *apud* BAUM, 2004, p. 29).

Porém, foi através da Rádio Nacional que a carta-testamento deixada por Getúlio Vargas foi divulgada à população, sendo depois reproduzida pelas outras estações. O então diretor geral da Nacional, Victor Costa, teria copiado a mão o texto achado na mesinha ao lado da cama e lido ao microfone. Outra versão é de que o então ministro Oswaldo Aranha teria telefonado para a Rádio Nacional diretamente do Palácio do Catete e lido a carta a Victor Costa, que posteriormente a transmitiu pela Nacional. Ainda segundo Baum, no acervo da emissora, só foi achado um pequeno trecho gravado por Heron Domingues, que analisamos a seguir.

A autora aponta que a leitura da carta-testamento de Vargas no rádio contribuiu para modificar o quadro político, já que incitou na população a emoção de presenciar novamente o ex-presidente, não em corpo, mas através de suas palavras. O fato de ter sido escrita na primeira pessoa possibilitou uma identificação entre o locutor e Vargas. “A carta recuperou, simbolicamente, a legitimidade perdida de Getúlio, e o rádio deu ‘vida’ às palavras do presidente, já morto” (BAUM, 2004, p. 21).

Essa gravação é um arquivo do dia 24 de agosto de 1954 no qual Heron Domingues lê a carta-testamento deixada por Getúlio Vargas ao suicidar-se.

#### **Transcrição – Faixa número 3 do CD anexo**

---

<sup>34</sup> Revista Fatos e Fotos, 1969, p.34 *apud* BAUM, 2004, p.29.

*Atenção, atenção, atenção, atenção Brasil. O Repórter Esso volta, no auge dos acontecimentos que abalam há poucos minutos atrás com notícias do Palácio do Catete. Atenção, atenção ouvintes. Além do bilhete deixado pelo presidente Vargas, há uma carta encontrada ao lado do seu corpo e que diz: Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, me insultam. Não me combatem, caluniam-me. Não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender como sempre defendi o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei um regime de liberdade social. Tive que renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo.*

### **Análise**

A variação do tom de voz durante o relato da notícia não é muito evidente, porém, ao ler a carta-testamento, Heron Domingues adota uma variação tonal maior, dando maior dramaticidade ao conteúdo da carta. O mesmo acontece com a ênfase, que não é muito trabalhada durante a parte jornalística, com exceção do pedido de atenção, bastante enfatizado tanto por repetição, quando pelo destaque vocal. No entanto, durante a carta, Heron chama atenção para as seguintes palavras: *forças, povo, combatem, humildes, imposto, trabalho, social, povo.*

O ritmo adotado entre o relato da notícia e a leitura da carta deixada por Vargas é contrastante. No primeiro, Heron é veloz, com pausas escassas e curtas. Porém, ao ler a carta ele faz uso de um ritmo consideravelmente mais lento e com pausas maiores. O mesmo acontece com a projeção da voz, que é sempre bastante impostada por Heron ao noticiar os fatos. Mas, no instante que inicia a leitura da carta, ele parece retomar sua voz normal, com menos energia vocal e mais interpretação.

Heron era bastante articulado, sendo apenas uma palavra de difícil entendimento: *no auge*. Todas as letras foram bem pronunciadas, inclusive as que se encontram no final das palavras. Sua personalidade fica ainda mais evidente com a leitura dessa carta, na qual ele não só noticia como também interpreta as palavras de Getúlio Vargas. Heron costumava valorizar bastante essa característica de representar um texto durante suas locuções. Essa foi, inclusive, uma das recomendações deixadas por ele no Manual do Repórter Esso.

A imparcialidade será aqui julgada quanto à divulgação do conteúdo da carta. Em outras rádios da época, foi adicionado um fundo musical e adotado um maior tom de dramaticidade para comover a população. Apesar de menos explícito, o Repórter Esso ao divulgar a carta e a lê-la desta maneira, também coloca Getúlio Vargas na posição de vítima, certamente influenciando a opinião da população. A exatidão se dá pela leitura literal da carta<sup>35</sup> que, apesar de não estar na íntegra neste trecho analisado, foi lida até o fim, na ocasião. A atualidade fica por conta da expressão *poucos minutos atrás*, que revela a rapidez com que os fatos estavam sendo divulgados. Além disso, o próprio ritmo da narrativa de Heron indica pressa em divulgar prontamente o conteúdo da carta.

#### 4.2.4 Última edição do Repórter Esso

Segundo Klöckner (2008, p. 39), a menção feita na carta deixada por Getúlio aos grupos financeiros internacionais é referente à influência exercida pelos trustes<sup>36</sup> do petróleo no governo e na imprensa brasileira. Cinco anos após o suicídio, foi comprovado por uma Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) que a McCann-Erickson e a Esso tinham envolvimento com a distribuição de verbas publicitárias contra a nacionalização do petróleo. Sendo assim, o autor afirma que o Esso teve que sair do ar por estar perdendo sua credibilidade e, no âmbito político, por já haver cumprido sua missão.

O dia 31 de dezembro de 1968 foi marcado pelo fim do repórter Esso. A notícia foi dada na Rádio Globo, para onde o Repórter Esso se transferiu em 1967. O responsável pela notícia foi o locutor Roberto Figueiredo, que se tornou locutor do Repórter Esso em 1966. A Rádio Globo fez sua primeira transmissão no dia 31 de dezembro de 1944, direto do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na década de 60, a Rádio Globo passou a investir em informação, colocando noticiários de hora em hora.

Roberto Figueiredo se emociona ao relembrar os principais fatos que marcaram a história da primeira síntese noticiosa do Brasil. Em alguns trechos, é substituído pelo locutor reserva Plácido Ribeiro, devido à grande dificuldade de continuar a leitura.

---

<sup>35</sup> A transcrição da carta está em BAUM, 2004, p.27.

<sup>36</sup> Acordo ou combinação entre empresas, com o objetivo de restringir a concorrência e controlar os preços. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míniaurélio**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

## **Transcrição – Faixa número 4 do CD anexo**

*Rádio Globo do Rio de Janeiro. Uma emissora de O Globo. O maior jornal do país. São vinte horas e vinte e cinco minutos. Alô, alô repórter Esso, alô.*

*(vinheta)*

*Prezado ouvinte, boa noite, aqui fala o Repórter Esso, um serviço público da Esso brasileira de petróleo e dos revendedores Esso, com as últimas notícias da UPI desta emissora. Presidente Costa e Silva fala o ato institucional e dirige mensagem de ano novo ao povo brasileiro. Repórter Esso recorta as grandes notícias dos seus vinte e sete anos de vida. Nações Unidas condenam Israel pelo atentando contra o Líbano. O cardeal Arcebispo Dom Jaime de Barros Câmara celebrará a missa de ano novo à meia noite do alto do Corcovado, estarão presentes altas autoridades, inclusive o governador Negrão de Lima. Neste momento, os adeptos do culto à Iemanjá começam a ocupar as praias da cidade para os festejos da noite do ano novo. Milhares de pessoas transporão a baía da Guanabara em lanchas e barcas para as oferendas florais a Rainha do mar à meia-noite. O presidente Costa e Silva que seguiu hoje para Petrópolis às vinte e três horas e trinta minutos fará através de uma rede de rádio e televisão mensagem de ano novo ao povo brasileiro. Em sua fala o chefe de governo fará uma exposição sobre o momento nacional e as razões do ato institucional número cinco. E atenção, Nações Unidas urgente. O Conselho de Segurança das Nações Unidas por unanimidade condenou o governo de Israel pelo o ataque de sábado à noite contra o aeroporto internacional de Beirute. O Conselho de Segurança declarou que o governo do Líbano tem o direito de exigir indenização adequada pela destruição de treze aviões comerciais libaneses durante o ataque israelense. O Papa Paulo Sexto oficiará missa de ano novo na Colina Capitolina, em Roma. Em seu sermão, o Papa criticará os atos de violência que surgiram no Oriente nos últimos dias do ano. Com base em dispositivo do Ato Institucional número cinco, o Presidente da República assinou uma série de importantes decretos do setor financeiro. Segundo o ministro Delfim Neto, os documentos firmados hoje pelo chefe de governo destinam-se a corrigir uma série de distorções do setor tributário e contém inovações visando o fortalecimento da atividade das empresas vestibulando sua capitalização. Entre os decretos assinados destacam-se o que eleva para quinhentos e oitenta cruzeiros novos mensais a isenção do desconto do imposto de renda na fonte e o que estabelece medidas mais rigorosas para conter o contrabando. Tempo bom, temperatura em (ininteligível), previsões da*

*meteorologia para amanhã no Rio, Niterói, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Vitória. Máxima de hoje, trinta e seis graus e meio no Engenho de Dentro. Mínima, vinte e um graus sete décimos também no Engenho de Dentro. O último dia de mil novecentos e sessenta e oito assinala também o término das transmissões do Repórter Esso no rádio. Fiel ao nosso slogan, testemunha ocular da história, procuramos sempre levar aos lares brasileiros uma resenha dos principais fatos ocorridos no Brasil e no mundo, sempre dentro do espírito de isenção e objetividade que tem norteado a atuação do nosso noticiário. Assim, queremos, em nome do patrocinador deste programa, a Esso Brasileira de Petróleo, agradecer a atenção e o prestígio com que sempre acompanhou. E desejar a todos um feliz ano de mil novecentos e sessenta e nove, repleto de alegrias e realizações. E atenção, durante vinte e sete anos o Repórter Esso, a testemunha ocular da história, esteve presente aos mais importantes acontecimentos ocorridos no Brasil e no mundo. Entrando no ar pela primeira vez em agosto de mil novecentos e quarenta e um, durante seus primeiro quatro anos de vida, o Repórter Esso foi sempre o primeiro a dar as últimas da segunda grande Guerra Mundial. Assim, nesta sua última transmissão radiofônica, pode o seu Repórter Esso recordar as mais sensacionais informações transmitidas para todo o Brasil e em toda a sua vida, autêntico recorde de manutenção no ar de um programa noticioso. Mil novecentos e quarenta e um: os japoneses atacam a base norte-americana de Pearl Harbor. Mil novecentos e quarenta e quatro: os aliados abrem a segunda frente e desembarcam nas praias da Normandia. Mil novecentos e quarenta e cinco: o Repórter Esso passa a transmitir notícias brasileiras e anuncia a deposição de Getúlio Vargas. Mil novecentos e quarenta e seis: o Brasil entra em nova fase política com a promulgação da nova constituição de dezoito de setembro. Mil novecentos e quarenta e oito: o partido comunista do Brasil é colocado fora da lei. O Brasil rompe relações com a União Soviética. Mil novecentos e quarenta e nove: o seu Repórter Esso vai aos Estados Unidos e transmite edições especiais de Nova Iorque e Washington como a visita do presidente Eurico Gaspar Dutra. Mil novecentos e cinquenta: os comunistas atravessam o paralelo trinta e oito<sup>37</sup>. Começa a Guerra da Coreia. Mil novecentos e cinquenta e um: eleito pelo voto direto, Getúlio Vargas volta ao governo. Mil novecentos e cinquenta e três: o armistício de Panmunjon<sup>38</sup>. Mil novecentos e cinquenta e quatro: suicídio de Getúlio Vargas. Mil novecentos e cinquenta e cinco: descoberta a vacina anti-pólio. Deposição de Carlos Luz e Café Filho. Mil novecentos e cinquenta e seis: a União Soviética esmaga pela força a rebelião anticomunista da Hungria. Mil novecentos e cinquenta e sete: explode a primeira bomba de hidrogênio. Mil novecentos e*

---

<sup>37</sup> Linha divisória da Coreia do Sul e Coreia do Norte desde 1948.

<sup>38</sup> Armistício que pôs fim à Guerra da Coreia.

*cinquenta e oito: os russos lançam ao espaço o primeiro Sputnik<sup>39</sup>. Mil novecentos e cinquenta e nove: Fidel Castro vence a revolução cubana. Mil novecentos e sessenta: o seu Repórter Esso vai à Brasília para transmitir os detalhes da inauguração da nova capital do Brasil. Mil novecentos e sessenta e um: renuncia Jânio Quadros. Mil novecentos e sessenta e dois: o presidente Kennedy determina o bloqueio aeronaval de Cuba. Mil novecentos e sessenta e três: assassinado em Dallas, o presidente John Fitzgerald Kennedy. Mil novecentos e sessenta e quatro: revolução brasileira nas ruas. Deposto o presidente João Goulart. Mil novecentos e sessenta e cinco: os americanos promovem o primeiro encontro no espaço sideral. Mil novecentos e sessenta e seis: Mao Tse Tung lança sua revolução cultural na China vermelha. Mil novecentos e sessenta e sete: o Papa João Paulo Sexto lança a encíclica popular ao progresso. Mil novecentos e sessenta e oito: Estados Unidos em foco, assassinados Luther King e Robert Kennedy. Os americanos fazem a primeira viagem em torno da Lua. O repórter Esso, um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo e dos revendedores Esso encerra aqui o seu período de apresentações através do rádio. Boa noite ouvintes e feliz ano novo são os votos da Esso.*

### **Análise**

O tom de voz adotado por Roberto Figueiredo varia bastante quando comparados o início da leitura, no momento em que ele relembra as primeiras notícias veiculadas pelo Repórter Esso, e o final, quando o tom já está mais alto, mais agudo, devido à dificuldade de conter sua emoção. Além disso, existe uma divisão clara no momento em que ele termina de dar as notícias do dia e passa para o texto de despedida do repórter Esso. Roberto Figueiredo imediatamente adota um tom mais baixo, de retrospectiva.

Em um primeiro momento, são enfatizados os anos em que cada notícia foi veiculada. Depois, destacam-se as palavras: *grandes, vinte e sete, Líbano, alto, inclusive, Iemanjá, ano novo, rainha do mar, rede de rádio, exposição, nacional, Israel, internacional, exigir, cinco, hoje, capitalização, meteorologia, sempre, principais, isenção e objetividade, patrocinador, petróleo, 1969, última, sensacionais, autêntico, recorde, anuncia, nova, rompeu, seu, suicídio, Getúlio, Carlos, esmaga, espaço, cubana, foco, King, Kennedy, viagem, Esso, público*. Ao final, as palavras são lidas sem maior destaque, todas no mesmo tom, devido à forte emoção em que se encontra o locutor.

---

<sup>39</sup> Primeira série de satélites soviética.

Ao final, justamente por ser uma retrospectiva, a leitura é muito mais pausada do que no início, quando Roberto Figueiredo ainda noticiava as notícias do dia 21 de dezembro de 1968. Outro fator que modifica o ritmo, neste caso, é a emoção, que é melhor controlada quando são utilizadas pausas mais longas, pois permitem a respiração. É o caso dos trechos onde o locutor se emociona e dá uma pausa longa entre uma frase e outra, como no caso da leitura de “[...] em torno da Lua. (grande pausa) O repórter Esso, um serviço público [...]”.

Neste caso, como o locutor estava bastante emocionado com o fim do programa, não há grande projeção da sua voz. Ao contrário, ela se encontra embargada e chorosa. A voz parece projetada para dentro, a partir da leitura de: “1959 (grande pausa) Fidel Castro vence a revolução cubana”. Em alguns trechos, o locutor não pronuncia as palavras de forma clara, já que parecia querer correr para terminar logo a leitura, fato que fica evidenciado principalmente ao final. Isso faz com que as palavras sejam lidas um pouco embaralhadas, como no caso de: *revolução, fazem*, e principalmente, ao falar dos *revendedores* Esso.

Roberto Figueiredo mostra, através de sua voz nesta leitura, que o encerramento do programa significava muito para ele, não só enquanto profissional do programa, mas também a nível pessoal. Sua emoção ao lembrar os fatos marcantes noticiados pelo Repórter Esso e ao despedir-se dos ouvintes evidencia a importância do programa, tanto para os ouvintes quanto para a própria equipe que produziu o programa. Plácido Ribeiro, o locutor reserva, entra no lugar de Roberto e passa a falar as notícias de 1960 até 1963, quando Roberto Figueiredo volta ao microfone, impostando bastante a voz em uma tentativa de controlar a emoção, mas desaba ao despedir-se dos ouvintes.

No que diz respeito à imparcialidade, o fator emocional mostra que o locutor era ligado afetivamente ao noticiário e que estava infeliz com seu término. A retrospectiva manteve a exatidão dos fatos respeitando a ordem e o ano em que cada uma se deu. Além disso, foi utilizado o lide de cada uma delas. O caráter de atualidade não foi aqui observado justamente por se tratar de um compilado de notícias organizadas em uma espécie de linha do tempo. Porém, no início do programa, quando ainda noticia os fatos do dia, o locutor divulga fatos atuais, tanto os que ainda ocorrerão no dia do Ano-Novo como os que já aconteceram. No geral, a locução de Roberto

Figueiredo é bastante inteligível, com exceção dos momentos em que ele se emociona a ponto de embargar a voz e pronunciar as palavras de forma excessivamente rápida.

#### 4.2.5 O Grande Jornal Falado Tupi

O Grande Jornal Falado Tupi foi de grande importância na história do rádio em termos de inovação da linguagem e da estrutura dos programas radiojornalísticos da década de 40. “Se o Esso introduz o modelo da síntese noticiosa, Corifeu de Azevedo Marques e Antônio Bertoni criam o primeiro radiojornal brasileiro moderno” (FERRARETTO, 2000, p. 130).

Veiculado na Rádio Tupi de São Paulo, o Grande Jornal Falado Tupi foi criado com uma estrutura similar a dos diários impressos, com um cabeçalho de identificação do jornal, manchetes e seções agrupadas por assunto, assim como as editoriais. O nome Jornal Falado é literal, já que remete a essa apropriação da estrutura dos diários adaptada ao rádio.

O Grande Jornal Falado Tupi também inovou em termos de alcance, levando informações a lugares até então inacessíveis, sendo considerado o primeiro jornal de integração nacional. Segundo Mario Fanucchi, que trabalhou no jornal, eram características do programa:

Em primeiro lugar, havia aquela informação de interesse popular, para localização de pessoas, localização de parentes e recados urgentes para locais de difícil acesso. A outra característica era a programação voltada para a valorização do município, da pequena célula, da importância dos meios para que os municípios se desenvolvessem bastante e que o país todo ganhasse com esse tipo de coisa.<sup>40</sup>

Sua primeira edição foi ao ar no dia 3 de abril de 1942, com a presença dos locutores Ribeiro Filho, Alfredo Nagib, Mota Neto, Auriphebo Simões e o diretor de jornalismo, Corifeu de Azevedo Marques. Auriphebo Simões alega em entrevista a Tavares (1997, p. 154-5) que foi ele quem idealizou o formato do programa, em setembro de 1939. As edições passaram a ser numeradas em abril de 1942, quando Corifeu acrescentou a palavra *Grande* ao jornal.

Auriphebo Simões conta em seu relato que entrou na Rádio Tupi em setembro de 1939 e percebeu que “as estações de rádio liam as notícias exatamente iguais”. Passou, então, a escrever seus próprios textos a partir das informações que chegavam das agências de notícias, durante seus

---

<sup>40</sup> .Mario Fanucchi *in* ORTRIWANO, 2002, p. 75.

intervalos de trabalho. “E o fazia de um modo pra ler rapidamente, dando impacto de manchete” (AURIPHEBO SIMÕES *apud* TAVARES, 1997, p. 154).

Além das manchetes apresentadas no início de cada edição do jornal, O Grande Jornal Falado Tupi também selecionava alguns destaques para anunciar em cadeia a transmissão do jornal, prática que ficou conhecida anos depois como *teaser* – chamadas realizadas antes de um jornal para instigar a curiosidade do público. O modelo do Grande Jornal Falado Tupi era: “*Atenção ouvintes, faltam (números) minutos para “O Grande Jornal Falado Tupi”, onde os destaques serão (lia 3 ou 4 manchetes)*” (TAVARES, 1997, p. 153).

Esses dois jornais, Repórter Esso e Grande Jornal Falado Tupi, fizeram parte do crescimento da importância dada ao radiojornalismo na década de 50, mas não significaram a ruptura do domínio dos programas de auditório, humor e das radionovelas. Foram essenciais, porém, para a sobrevivência e reorganização do rádio com o advento da TV.

[...] o estilo do radiojornalismo adquire depois da Segunda Guerra Mundial um caráter de sistematização interna, primeiramente nos veículos norte-americanos e depois em toda parte. Anteriormente, a imprensa havia experimentado um período de excesso de erudição, prolixidade e redundância (BAHIA, 1990 *apud* KLÖCKNER, 2008, p. 28).

Ortriwano (1985, p. 21) corrobora ao afirmar que o Repórter Esso e o Grande Jornal Falado Tupi foram “marcos importantes para que o radiojornalismo brasileiro fosse encontrando a sua definição, os caminhos de uma linguagem própria para o meio, deixando de ser apenas a ‘leitura ao microfone’ das notícias dos jornais impressos”.

A primeira edição do Grande Jornal Falado Tupi foi veiculada no dia 3 de abril de 1942. Ele ilustra o início do jornal, onde eram apresentados os locutores e as principais notícias do dia.

#### **Transcrição – Faixa número 5 do CD anexo**

*(Vinheta)*

*Locutor 1: - A Rádio Tupi, de São Paulo, apresenta...*

*Locutor 2: - O Grande Jornal Falado Tupi.*

*Locutor 1: - Direção de Coripeu de Azevedo Marques.*

*Locutor 2: - Apresentação dos locutores:*

*Locutor 1: - Alfredo Nagib, Auriphebo Simões, Mota Neto e Ribeiro Filho.*

*Locutor 2: - No controle de som, Arlindo Cociufo e Adelmo Masef.*

*Locutor 1: - Sexta-feira, três de abril de mil novecentos e quarenta e dois. Ano um, número um.*

*Locutor 2: - Reiniciada a guerra aérea contra a Inglaterra.*

*Locutor 1: - Leônidas no São Paulo: o diamante negro assinou contrato com o tricolor por dois anos.*

*Locutor 2: - Dentro de poucas horas, a Bulgária romperá hostilidades contra a Rússia.*

*Locutor 1: - Admitida a possibilidade de uma forma que concilie os interesses anglo-hindus.*

*Locutor 2: - Dois ataques em surpresa contra forças do Japão.*

*Locutor 1: - Afundados pelos americanos mais três submarinos alemães.*

*Locutor 2: - Milhões de homens em luta do pólo ártico ao mar negro.*

### **Análise**

A variação tonal fica por conta da própria diferença entre os tons dos dois locutores, já que o locutor 1 tem a voz mais aguda, enquanto a voz do locutor 2 é bastante grave. Porém, individualmente, a entonação não varia de forma significativa, mas a leitura se faz dinâmica pelo contraste tonal entre os dois. No cabeçalho foram enfatizadas as palavras: *grande, Paulo*, todo o nome do jornal, *O Grande Jornal Falado Tupi, Corifeu*, além de enfoque especial para o dia e a edição do jornal, em: *sexta, quarenta e dois, ano um, um*. Já na leitura das manchetes, o locutor número 1 destacou: *Leônidas, negro, dois, hindus, afundados, americanos, alemães*. O locutor 2 enfatizou: *reiniciada, guerra, Inglaterra, romperá, Rússia, Inglaterra, ataques, surpresa, Japão, pólo e negro*. Aqui se nota o início da percepção de que as palavras-chaves do texto radiofônico merecem destaque – já que é importante facilitar o entendimento do ouvinte.

No Grande Jornal Falado Tupi já se nota um ritmo mais lento de leitura. Existem muitas pausas, tanto entre as palavras quanto entre as frases. Em algumas ocasiões, a própria velocidade das palavras é mais lenta, onde cada sílaba é lida separadamente, como em *reiniciada, guerra, contra, Inglaterra, romperá, americanos*. As duas vozes estão bastante projetadas, principalmente a do locutor 2, cuja voz é mais aguda. Em uma tentativa de aumentar a potência de sua voz, o locutor lê em um volume muito mais elevado que o locutor 1. O locutor 2 pronuncia as sílabas das palavras muito lentamente, afetando o ritmo do noticiário. Além disso, ele pronuncia a letra R de forma extremamente vibrante, mesmo em palavras onde essa letra não está ao final das palavras, como no caso de *Rússia*. Em *Inglaterra*, mesmo sendo dois erres que teriam o som mais seco, vindo da garganta, a pronúncia é a mesma, com o R vibrante. O locutor 1 também tem a mesma pronúncia do R, mas com menor duração, não evidenciando tanto quanto no caso do locutor 2. Uma palavra de difícil compreensão é *hostilidades*, em “a Bulgária romperá hostilidades contra a Rússia”. Já o locutor 1 tem ótima articulação, as palavras são pronunciadas de forma muito clara, sem haver qualquer tipo de esforço a mais para não soar artificial.

Como não foi possível precisar quem eram os locutores 1 e 2, pouco podemos afirmar sobre sua personalidade. Em relação a suas vozes, o locutor 1 tem a voz bastante firme, ótima articulação e parece estar seguro, apesar de ser a estreia do programa. Já o locutor 2 tem a voz mais estridente, parece estar encenando ao falar com a vogais tão abertas, além de falar um pouco mais gritado. Tais características podem revelar certa insegurança em relação ao primeiro programa ou até mesmo à sua voz, que foge um pouco dos padrões que vimos até agora.

Os locutores se mostram imparciais e não revelam qualquer caráter opinativo no noticiário. Já em relação à exatidão, algumas manchetes estão tão condensadas que chegam a ser imprecisas. Provavelmente, por conta do fato desta prática ser uma inovação, no rádio, do Grande Jornal Falado Tupi, ainda não se dominava ainda a forma de fazer uma manchete concisa, mas completa. São exemplos: *Reiniciada a guerra área contra a Inglaterra*. Quando, ontem ou hoje? *O diamante negro assinou contrato...* Quando? *Admitida uma possibilidade de uma forma que concilie os interesses anglo-hindus*. A possibilidade foi admitida por quem? *Afundados pelos americanos mais três submarinos alemães*. Quando? Onde?

As notícias são todas atuais, não havendo informações antigas sendo divulgadas com atraso. O caráter imediato se confirma por expressões: *dentro de poucas horas, surpresa, mais*

*três*. A inteligibilidade é praticamente completa, sendo a palavra *hostilidades* a única a gerar dúvida

#### 4.3 DÉCADAS DE 60, 70 E 80

O Grupo Assis Chateaubriand fundou, no dia 18 de setembro de 1950, o primeiro canal de televisão da América Latina, a TV Tupi-Difusora. Inicialmente, o advento da televisão não afetou a hegemonia do rádio (FERRARETTO, 2000, p. 132-133). Um dos motivos foi a adaptação gradativa entre a linguagem do rádio, inicialmente importada para a TV juntamente à programação, e a criação de uma linguagem própria para a TV. Além disso, eram poucas as pessoas que possuíam aparelhos televisivos, por estes serem muito caros e, ainda, impopulares, o que resultava na dificuldade em atrair os patrocinadores.

O reinado radiofônico perdura até o final dos anos 60, quando a televisão se organiza de modo próprio, desvinculando-se das programações herdadas. O rádio opta por um novo posicionamento: a segmentação, passando a oferecer programações especializadas, para determinados tipos de ouvintes, conservando, em faixas específicas, ainda certa influência (KLÖCKNER, 2008, p. 39-40).

Mas, aos poucos, os anunciantes foram trocando as inserções de publicidade no rádio pelas propagandas na televisão. A verba publicitária constituía grande parte da arrecadação das emissoras de rádio, que não puderam mais arcar com os custos dos grandes artistas contratados na época. O elenco das rádios foi praticamente incorporado à televisão. A perda de verba e a migração do espetáculo para o novo meio, obrigaram o rádio a investir em itens antes deixados de lado, como as transmissões esportivas, as músicas gravadas, o serviço para a população e o próprio jornalismo.

McLuhan percebeu, ainda em 1964, que o aparecimento da televisão forçou o rádio a investir em outro modelo de programação, já que o entretenimento imperava, agora, na TV.

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras (MCLUHAN, 1964, p. 335).

Com o novo estilo de transmissão, o rádio ganha mais versatilidade e agilidade, enxergando potencial comunicativo em aspectos do cotidiano, antes ignorados pelos meios de comunicação, expandindo o conceito de notícia.

Os critérios de noticiabilidade, o próprio conceito de notícia e conseqüentemente a concepção de jornalismo sofrem assim um alargamento no rádio a partir das possibilidades abertas pela especificidade do meio, quase sempre reveladas nos momentos em que são suplantados os limites da rotina. (MEDITSCH, 2001, p. 111-112).

A adaptação da programação do rádio com a perda de verba e de pessoal para a televisão foi fortemente favorecida por uma série de inovações tecnológicas: o gravador magnético, o transistor, a chegada das rádios FM (frequência modulada) e as unidades móveis de transmissão.

Os gravadores magnéticos, popularizados na década de 50, possibilitaram a edição de entrevistas, montagens sonoras, seleção de trechos e a reprodução imediata do que foi gravado, melhorando a qualidade e trazendo maior agilidade para as reportagens de rua. Na visão de Ortriwano (2002, p. 76), o gravador trouxe maior controle sobre as mensagens de radiofonizadas. A síntese que era até então buscada no momento da emissão poderia ser alcançada depois, através da edição.

Outra tecnologia que favoreceu a adaptação das emissoras radiofônicas durante este período, foi a popularização dos rádios a transistor, na década de 60, que permitiu que o rádio ocupasse menos espaço e utilizasse menos energia, se tornando, assim, portátil. Essa mudança ocasionou transformações muito além do espaço físico ocupado pelo rádio: ela alterou a percepção da audiência grupal para o ouvinte individual. Isso porque a facilidade de transporte fez com que o rádio saísse da sala – local agora ocupado pela TV –, deixasse a audiência familiar e fosse transportado com cada pessoa, se tornando um objeto pessoal que acompanha os ouvintes.

A regularidade das transmissões por frequência modulada (FM) na década de 70 inicia um processo ainda maior de divisão do público do que o ocasionado pela chegada da TV. As transmissões em FM têm menor alcance, mas possuem melhor qualidade sonora. Por conta dessas características, as novas emissoras FM que surgiram a partir da década de 70 se voltaram para a programação musical, enquanto as emissoras de amplitude modulada (AM) mantiveram a

estrutura de jornalismo, esportes e prestação de serviço, que predominava desde o fim do rádio espetáculo.

A chegada da FM melhorou a qualidade do som, ampliando a possibilidade de expressão a praticamente qualquer voz, o que antes era impensável. Também diminuiu custos e duplicou a capacidade do espectro de frequências, multiplicando o número de emissoras. Esta multiplicação abriu caminho para a especialização e para o rádio alterar sua vocação original – de meio de comunicação à distância – para vingar sobretudo como um serviço de expressão local (MEDITSCH, 2001, p. 117-118).

Se antes era impensável que qualquer voz pudesse se expressar no rádio, por conta da qualidade sonora, a FM expandiu o espectro de vozes falantes. Daqui, subentende-se que as limitações acústicas geravam limitações na pluralidade de vozes do rádio. Para que pudessem ser melhor compreendidas, as locuções deveriam ser feitas a partir de vozes com alta intensidade e potência, evitando, assim, maiores distorções na mensagem que chegava até o ouvinte. “Os novos meios tecnológicos provocaram uma abertura da programação para uma larga gama de vozes e de discursos, expondo, por contraste, a artificialidade da anterior fala amarrada ao texto” (MEDITSCH, 1997, p. 5).

A partir das novas vozes que passaram a compor o cenário do radiojornalismo brasileiro a linguagem também sofreu alterações. A ‘artificialidade’ da linguagem escrita para ser falada cedeu espaço para a busca da naturalização da voz e, conseqüentemente, uma linguagem mais informal, que abandona, muitas vezes, o texto no papel e constrói uma linguagem mental a ser reproduzida exclusivamente através da fala.

Essa espontaneidade da fala deve-se ao seu caráter de socialização, já que além de sua função fundamental – comunicar –, a fala tem também uma função social. “É um meio de reação à personalidade e um meio de revelar a personalidade dos outros. Esta reside só parcialmente dentro de nós, porque ela também existe no contexto social, afetando e sendo afetada pelo julgamento dos outros” (CYRO, 1990, p. 38).

A naturalidade da fala também possibilitou uma maior aproximação com o ouvinte. Em grande parte, essa transformação foi possibilitada pela inclusão da prestação de serviço na programação, já que visava noticiar informações mais próximas da realidade dos ouvintes. Para Ferraretto (2000, p. 155), a prestação de serviço era feita, muitas vezes, por “programas popularescos centrados na figura de um comunicador que simula um companheiro para o ouvinte,

enquanto explora de modo sensacionalista situações do cotidiano”. Essa nova atitude diante do ouvinte também afetou a linguagem, como não podia ser diferente.

Como ele [o apresentador] não conhece pessoalmente o ouvinte, adota a postura de um conhecido e não a de um amigo. Ele é camarada, atencioso, informativo e prestativo. Tem algo a oferecer, mas não se aproveita disso para tirar vantagem, seja exibindo ares de superioridade, seja assumindo qualquer autoridade especial. O relacionamento é horizontal. Ele não tira conclusões indevidas sobre essa familiaridade nem tampouco abusa do relacionamento, mas sempre se esforça pra tornar interessante o que está dizendo (MCLEISH, 2001, p. 89).

Outro fator fundamental para a naturalização da fala foi o fato de o jornalismo de serviço exigir que, muitas vezes, o repórter fosse até o local do acontecimento, fazendo uso das possibilidades tecnológicas que permitiram esse maior deslocamento, as unidades portáteis de transmissão. Com isso, iniciaram-se as transmissões ao vivo pelos repórteres, que passaram a falar da rua, e não mais apenas de estúdios. Essa nova realidade exigiu que, muitas vezes, as notícias fossem dadas sem nenhuma referência textual, deixando de serem lidas para serem apenas faladas.

Mas, é importante ressaltar que, para McLeish (1997), todos esses mecanismos de naturalização da locução no rádio são empregados no sentido de serem opostos à fala baseada exclusivamente na escrita, observada no período inicial de transmissões. Essa fala, apesar de haver se tornado mais complexa e admitir maiores variações na linguagem, não é completamente natural e espontânea, como a fala empregada nas sociedades estritamente orais. Ela apenas passou a considerar a existência de um segundo nível de significação representado pelos componentes analógicos da fala.

#### **4.3.1 O Pulo do Gato de José Paulo de Andrade**

A Rádio Bandeirantes de São Paulo entrou no ar em 6 de maio de 1937 e desde então é dotada de tradição jornalística. Em 1950 foi a primeira emissora a funcionar durante 24h seguidas, com o *slogan* “Abrimos a Bandeirantes e jogamos a chave fora”. Em 1954 lançou um sistema intensivo de noticiário, no qual a cada 15 minutos da programação, um era voltado para a transmissão de notícias e, nas horas cheias, três minutos eram dedicados à informação (FERRARETTO, 2000, p. 141). Neste sistema, também foi reduzido o tempo dos comerciais, que passaram a ter apenas 3 minutos e eram gravados por radioatores, enquanto as outras emissoras

veiculavam enormes reclames<sup>41</sup> (ORTRIWANO, 2002, p. 78). Outro pioneirismo foi a Cadeia Verde-Amarela Norte-Sul do Brasil, formada por 400 emissoras que transmitiram a Copa do Mundo da Suécia em 1958. Quatro anos depois, a Bandeirantes inovou novamente ao gerar simultaneamente para São Paulo e Rio de Janeiro o jornal da emissora, chamado Primeira Hora.

Na década de 60, a Bandeirantes caracterizou-se por produções próprias, com informações de utilidade pública, transmissões do local do acontecimento, uso de entrevistas gravadas e entradas ao vivo, trazendo o ‘momento’ como valor-notícia. Era o início da programação especializada em jornalismo e na prestação de serviços. Um exemplo desse tipo de programa é O Pulo do Gato, voltado para atualizar a população de São Paulo não só a respeito de notícias, mas também sobre o clima, o trânsito, a situação da cidade, trazendo informações úteis em vários aspectos.

O Pulo do Gato estreou na Rádio Bandeirantes em 2 de abril de 1973 e está há 38 anos ininterruptamente no ar. Na semana inicial foi apresentado pelo jornalista Rafael Gióia Martins Jr., mas, já na semana seguinte, passou a ser comandado por José Paulo de Andrade, que o apresenta ainda hoje. Por isso, ele é considerado o recordista de apresentação no rádio, por seu trabalho no Pulo do Gato desde 1973, com o mesmo prefixo e sempre no mesmo horário: de 6 às 7 horas da manhã. Essa foi a principal inovação do noticiário, que ousou ao irradiar um radiojornal tão cedo. A ideia deu certo e o modelo logo passou a ser copiado pelas outras emissoras. No Pulo do Gato, o apresentador faz dois resumos diários das principais manchetes do dia, um às 6h e outro às 6h30, com informações sobre o trânsito, estradas, aeroportos, hora certa e outros assuntos.

José Paulo de Andrade começou a trabalhar aos 18 anos como rádio-escuta esportivo da Rádio América de São Paulo. Ingressou no curso de Direito, mas trancou a faculdade por conta do trabalho. Entrou na Bandeirantes em 1963, onde foi locutor esportivo por 14 anos, transferindo-se posteriormente para o jornalismo. Apresentou programas como Primeira Hora, Band Cidade e em 1977 se tornou apresentador do Jornal Bandeirantes Gente, com Salomão Ésper e Joelmir Beting.

---

<sup>41</sup> Atualmente conhecidos como *jingles*, são produções publicitárias veiculadas no rádio.

De 1977 à 1994, ocupou um cargo de chefia na Bandeirantes, mas voltou a ser radialista. "Sou um homem do microfone e estou chefe", disse em entrevista à Ana Luiza Moulatlet do Portal Imprensa, em 07 de abril de 2008<sup>42</sup>. Na mesma entrevista, José Paulo de Andrade opina sobre as características da voz e do rádio.

Rádio é muito mais intimista, as pessoas que te ouvem reconhecem seu estado de espírito pela voz. O ouvinte detecta seus sentimentos, e com essa facilidade da internet, manda e-mail, dizendo 'hoje você estava nervoso, hoje você estava alegre'. A voz transmite seus sentimentos, até se você está falando verdades ou mentiras (José Paulo de Andrade no Portal Imprensa, em entrevista a Ana Luiza Moulatlet).

O vice-diretor do Grupo Bandeirantes, Mário Baccei, disse na comemoração do aniversário de 35 anos do programa de José Paulo de Andrade que: "Só um jornalista com a credibilidade dele conseguiria manter um público fiel por tanto tempo"<sup>43</sup>.

O arquivo analisado é trecho de abertura de uma edição atual do Pulo do Gato, do dia 10 de junho de 2011, já que não foi possível encontrar uma versão correspondente às décadas de 70, 80 e 90. Apesar disso, até hoje o programa segue o mesmo horário e tem quadros fixos como o Boca no Trambone, que traz reclamações dos ouvintes, e a agenda econômica com prazos e outras informações sobre pagamentos e contribuições.

### **Transcrição – Faixa número 6 do CD anexo**

*Vinheta*

*E com aquele entusiasmo que as sextas-feiras prometem.*

*Vinheta*

*JPA - Alô, São Paulo. Bom dia Brasil. Folhinha virando na alvorada, ainda do outono a caminho do inverno. O inverno chega dia vinte e um, que é uma terça-feira. Hoje é dia dez, então eu tô há ainda onze dias para a chegada da estação do frio, que já deu uma palinha aí, já antecipou como é que poderá ser. Hoje, dia dez de junho, é um dia muito caro pra todos nós brasileiros descendentes de portugueses. Dia Nacional de Portugal, dia da raça, dia das comunidades e dia*

---

<sup>42</sup> [http://portalimprensa.uol.com.br/portal/entrevista\\_da\\_semana/2008/04/07/imprensa18461.shtml](http://portalimprensa.uol.com.br/portal/entrevista_da_semana/2008/04/07/imprensa18461.shtml), acessado em 11 de junho de 2011.

<sup>43</sup> [http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas\\_noticias/2008/04/02/imprensa18361.shtml](http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2008/04/02/imprensa18361.shtml), acessado em 11 de junho de 2011.

*da língua portuguesa reverenciando o grande poeta português Luis de Camões, autor dos Lusíadas, que é uma das maiores obras da literatura mundial. A lua está em fase crescente. O dia hoje clareia às seis e quarenta e sete, agora são cinco e trinta e um, daqui a uma hora e dezesseis minutos o dia clareia e escurece às dezessete horas e vinte e três minutos. Hoje é sexta-feira, então é dia do lembrete. Você que não vê a hora de acabar o expediente pra se encontrar com os amigos, muito cuidado! Bebida e volante não combinam. Se você beber não dirija, se você for dirigir, não beba. Cinco horas e trinta e dois minutos vamos pras ruas de São Paulo hoje, menos frias que em dias anteriores.*

*Vinheta do Serviço Bandeirantes Trânsito.*

*JPA - Hoje rodízio de carros e caminhões. Com placas nove e zero no centro expandido das sete às dez da manhã, das cinco da tarde às oito da noite, Luiz Carlos. Quer ter o fim de semana chegando e o tempo melhorando, como antecipou a Desirée Brandt, que daqui a pouco vai falar da sexta-feira.*

*Luiz Carlos – É verdade Zé Paulo, menos frio, mas ainda tá frio pra burro, né. Pra burro e pra gente. A gente pode perceber isso pelas pessoas que tão nos pontos dos ônibus ou já dentro dos coletivos, todos fechados, com os vidros soando, todos embaçados. Então, mesmo assim, ainda bastante frio, você que não saiu de casa pode sair bem agasalhado. Zé Paulo daqui a um bocadinho a rua Amador Bueno onde fica o Poupatempo Santo Amaro, provavelmente um dos mais movimentados da cidade, será fechada. Isso porque vai haver um exercício de abandono de edifício, né. Que é muito importante que isso ocorra. Claro, envolvendo só os funcionários do Poupatempo. Então, por esse motivo, essa interrupção vai ocorrer entre sete e oito horas. E a CET já preparou aí um esqueminha aí de desvio pela Mário Lopes Leão, que também será totalmente interditada dá fundos para o Poupatempo Santo Amaro, então não se assustem se vocês passarem por volta entre sete e oito horas ali pelo Poupatempo e... verem uma movimentação estranha. É só um exercício de abandono de prédio, que normalmente é feito em edifícios públicos, não com tanta frequência, mas também não é tão raro assim. Zé Paulo.*

*Cinco e trinta e quatro. O que São Paulo viveu na terça-feira, o Rio de Janeiro viveu ontem com fortes ventos. A energia foi restabelecida nos trechos dos bairros Santa Cruz, Barra da Tijuca, Pedra de Guaratiba e Jardim Guanabara, que estavam sem luz desde a noite de quarta-feira. Nos bairros de Campo Grande, Alto da Boa Vista, Leme e Freguesia, equipes da concessionária continuam trabalhando para resolver o problema. Rio de Janeiro também viveu ontem, inclusive*

*com morte, mais um dia aí de transtorno por conta desse período atípico que estamos enfrentando com ventos que chegam a vendavais. E a nuvem do... vulcão Puyehue lá do Chile continua atrapalhando os vôos aqui no Brasil, heim. Por causa da interdição dos aeroportos argentinos, também no Brasil os vôos têm sido cancelados por causa dessa nuvem de cinzas do vulcão chileno.*

### **Análise**

José Paulo de Andrade varia bastante o tom de sua voz, resultando em uma curva melódica criada por suas diferentes entonações. Ele também enfatiza algumas palavras com o objetivo de chamar a atenção do ouvinte, como: *virando, ainda, dez, frio, raça, grande, Lusíadas, seis e quarenta e sete, muito cuidado, não, dirigir, não beba, rodízio, quer, chegando, melhorando, terça-feira, ontem, fortes ventos, quarta, morte, atípico, vendavais, Chile, vôos, argentinos, também, cancelados, nuvem.* Além de destacar algumas palavras fundamentais para a compreensão do texto, José Paulo de Andrade também utiliza a ênfase para criar interesse em seu discurso, ao ressaltar palavras variadas.

O ritmo adotado pelo apresentador é moderado, com pausas médias, de forma que as palavras são pronunciadas alternando uma velocidade maior com uma menor. As pausas são de duração suficiente para absorver o que foi já dito e preparar o ouvinte para a próxima frase. A voz de José Paulo de Andrade não é projetada de forma artificial, ela é utilizada de forma adequada ao estilo de programa, que requer certa descontração. Ele pronuncia as palavras de forma clara, demonstrando ter boa dicção. O único trecho onde há uma dificuldade maior em entender o que ele fala é quando adota um sotaque português para comentar as comemorações do Dia Nacional de Portugal. De qualquer forma, esta brincadeira ilustra o tom humorístico empregado por José Paulo de Andrade em alguns trechos do programa, que tem como característica informar a população de São Paulo sobre notícias mais leves, relacionadas a seu cotidiano.

José Paulo de Andrade, por estar há 38 anos ininterruptos apresentando O Pulo do Gato, já adquiriu prestígio e a confiança dos ouvintes do programa, já que alguns o acompanham desde o início. Sua credibilidade é reforçada pelo fato de que ele divulga assuntos que interferem diretamente na vida dos paulistas, como o clima, o trânsito, prazos etc. Este tipo de assunto

demanda menos imparcialidade, já que é noticiado em forma de dicas e não de informação jornalística. Mesmo assim, é tratado com bastante exatidão, sempre fornecendo números precisos e atuais, que também são contextualizados em relação ao restante da semana ou até mesmo em outros estados. A inteligibilidade da mensagem é total, favorecida não só pela dicção exemplar de José Paulo de Andrade, mas também pelo estilo coloquial e conversado adotado por ele.

#### **4.3.2 O Trabuço, de Vicente Leporace**

O Trabuço foi outro programa da Rádio Bandeirantes de São Paulo que se destacou nas décadas de 60 e 70, por transmitir jornalismo opinativo. O arquivo a seguir é a edição de O Trabuço do dia 15 de abril de 1978, um dia antes do falecimento do apresentador do programa, Vicente Leporace. Após sua morte, o programa passou a ser apresentado por José Paulo de Andrade (de O Pulo do Gato), sendo cancelado pouco depois. Antes de O Trabuço, Leporace lançou o Jornal da Manhã, pelo Rádio Record de São Paulo, em 1951. Em 1962, transferiu-se para a Rádio Bandeirantes, onde lançou, neste mesmo ano, O Trabuço – programa matinal onde lia e fazia observações sobre as notícias dos principais jornais impressos do país. A vinheta do programa já adiantava que o jornal tinha esse caráter opinativo, no qual as notícias eram comentadas pelo apresentador: *"Seu Leporace agora com o Trabuço, vai comentar as notícias dos jornais. Seu Leporace agora com O Trabuço, vai dar um tiro nos assuntos nacionais."* Segundo TAVARES (1997, p. 200), Vicente Leporace fazia questão de esclarecer que assumia inteira responsabilidade pelos conceitos e críticas que fazia, “[...] sempre mordazes, contundentes e temidas, transformando-se num autêntico defensor dos menos favorecidos, que tinham no radialista, um bravo, um lutador obstinado por um Brasil melhor [...]”.

#### **Transcrição – Faixa número 7 do CD anexo**

*Senhoras e senhores amigos da Bandeirantes, muito bom dia. Estamos iniciando neste instante a ... O Trabuço edição de quinze de abril de mil novecentos e setenta e oito, sábado. Antevéspera do dia determinado pra indicação dos governadores de acordo com todos os noticiários do Brasil. O dia amanheceu bonito, viu? Mas isso não nos autoriza a ... a acreditar que ele vá se conservar bonito. De qualquer forma, a nossa tarefa é diferente. Os jornais de São Paulo inteiro, destacamos o Diário Popular que tem sido nosso companheiro de ... de aventuras, pode-se assim*

*dizer, durante todo esse tempo que nós estamos com esse programa na Bandeirantes, há dezesseis anos, destacam que segunda-feira, dia dezessete, pelo menos não há nenhuma contra indicação, será feita (tosse) a indicação dos governadores. Olha, que tivemos na semana passada o dia mundial da hipertensão. Me parece que vamos ter a partir de segunda-feira a semana da agonia. Muita agente vai ficar enfar enfartada, muita gente vai ter... distúrbios cardíacos, porque acontece que na segunda-feira, de acordo com o noticiário, começam a ser conhecidos os nomes dos governadores de estado, anunciou ontem em Brasília o porta-voz da Presidência da República, Coronel Rubem Ludwig. O qual confirmou que o Presidente Geisel esteve reunido durante todo o dia, com o general João Batista Figueiredo, com os ministros Golbery do Couto e Silva, e Armando Falcão e com o presidente nacional do Arena, Francelino Pereira, e na ocasião examinaram as sucessões estaduais e as escolhas dos nomes para candidatos a senador direto e indireto. De acordo com o coronel Ludwig, a questão está sendo tratada agora em seu aspecto substantivo, isto é, analisam-se os nomes. Hoje poderá haver ainda nova reunião ainda no Palácio da Alvorada, mas já se decidiu que os governadores atuais serão convocados a Brasília para anunciar ao país seus sucessores. Entendendo-se esten i a u... estendendo-se essa convocação aos presidentes dos diretórios regionais da Arena. O ambiente político em São Paulo continua conturbado pelo desencontro de informações, que dão como escolhido ora Laudo Natel, ora o prefeito Setúbal, ora Delfim... tendo até mesmo surgido o nome do Geraldo Ilermando. As opiniões se dividem entre políticos arenistas, já que os do MDB evitam manifestar-se alegando que o problema da escolha indireta é da Arena. Ponto. É verdade que o o Diário Popular insinua que continua na página quarta, mas a gente não vai até lá. Não vai até lá porque a Folha de São Paulo iniciou a edição de hoje....*

### **Análise**

Vicente Leporace varia bastante os tons de voz utilizados, adotando um tom mais agudo quando faz comentários e expressa sua opinião. Durante esse início de programa, foram destacadas as palavras: *sábado, todo, bonito, aventuras, Bandeirantes, dezessete, hipertensão, enfartada, cardíacos, estado, Ludwig, Geisel, todo, Silva, direto e indireto, tratada, substantivo, analisam-se os nomes, decidiu, Brasília, país, Arena, São Paulo, dividem*. Nota-se que Vicente Leporace enfatiza mais palavras quando está comentando uma notícia de jornal do que quando está lendo, o que é natural no processo de produção da fala.

O apresentador adota um ritmo lento com pausas bastante extensas. Essa vagarosidade fica ainda mais evidente quando ele lê a notícia diretamente do jornal. As pausas se tornam maiores quando ele se perde no texto ou quando esquece a palavra que pretendia usar. Todas essas pausas dão dinamismo à sua fala, tornando-a mais natural. Sua voz parece ser naturalmente impostada, sem que haja esforço de sua parte de emití-la com mais energia, muito provavelmente por conta da idade já avançada.

O apresentador tem uma boa dicção, com a pronúncia clara do S final na maioria dos casos. Mas, nota-se, em alguns momentos, a pronúncia errada de algumas palavras, ou até mesmo a leitura rápida de algumas delas, dificultando seu entendimento. É o caso da leitura de: *mil novecentos e setenta e oito, estendendo-se, mas (sem a pronúncia do S) isso num, bonito, no na.*

Vicente Leporace tinha a voz muito marcante e, ao conferir o caráter opinativo ao noticiário, associa também sua voz a todas essas opiniões. Além disso, deixa bastante evidente quando está lendo e quando está falando, mesmo sem que tenha que comunicar verbalmente o fim de um e o início de outro. O fato de ter lido a palavra *ponto* após a notícia do Diário de São Paulo mostra que em noticiários como esse, não é preciso recorrer à fala armazenada, ou seja, de criar a aparência de oralidade. A leitura do jornal pode ser feita, desde que devidamente comunicada ao ouvinte.

Vicente Leporace é imparcial ao relatar as notícias, mas insinua que a indicação dos governadores na semana seguinte fará com que algumas pessoas tenham distúrbios cardíacos, a denominando semana da agonia, ao fazer um paralelo com a semana da hipertensão. De qualquer forma, se caracteriza como um comentário e não como imparcialidade.

Por se tratar da leitura de jornal impresso matutino, o quesito atualidade fica prejudicado neste tipo de programa. Vicente Leporace fala, por exemplo, de um anúncio feito no dia anterior pelo porta-voz da presidência. Atualmente, é mais provável que no lugar do relato da notícia fosse feito um comentário, já atualizado, sobre o assunto. O mesmo acontece com a exatidão, que acaba sendo “emprestada” do jornal Diário Popular, que foi quem realmente apurou a matéria.

No que se refere à inteligibilidade, a voz de Vicente Leporace é clara e ele tem boa dicção. No entanto, parece um pouco perdido, principalmente no início do jornal, e elabora algumas frases ligeiramente confusas.

### **4.3.3 Reportagem da Jovem Pan - Incêndio do Edifício Joelma**

A Rádio Jovem Pan de São Paulo foi criada no dia 3 de maio de 1944, com o nome de Rádio Panamericana. Três anos depois, transformou-se na emissora dos esportes, transmitindo jogos de futebol e outros eventos esportivos que contribuíram para a evolução da linguagem ao adotar uma nova forma de narração, mais rápida e descontraída. Na década de 60 começa a ganhar força na emissora a prestação de serviços e o jornalismo.

Com o tempo, a Jovem Pan transforma-se em um canal entre a população e o poder constituído, explorando o filão da utilidade pública na divulgação de recomendações ao ouvinte, dos problemas da cidade e de informações sobre meteorologia, trânsito, aeroportos etc. (FERRARETTO, 2000, p. 142).

Em 1967 é criada uma equipe de jornalismo na Jovem Pan, mudando sua imagem de emissora esportiva para jornalística. “A reportagem de rua foi intensificada e a informação passa a estar presente não mais em horários fixos mas no momento em que o fato acontece, a qualquer hora do dia ou da noite” (ORTRIWANO, 2002, p. 79-80).

Esta reportagem é um trecho da cobertura realizada pela Jovem Pan no dia 1 de fevereiro de 1974, quando o edifício Joelma, em São Paulo, pegou fogo. Nessa tragédia, morreram 187 pessoas e cerca de 300 ficaram feridas<sup>44</sup>.

Milton conta em *O radiorepórter: no Joelma, eu também chorei*<sup>45</sup>, que foram doze horas de transmissão ininterrupta. Mesmo ele, que já havia narrado cerca de vinte incêndios e muitas outras tragédias na cidade de São Paulo, admite que o desafio do Joelma foi enorme.

Quarenta pessoas suicidaram-se, saltando dos mais variados andares, porque não suportaram o martírio do calor e da falta de oxigênio. Vinte e uma dessas mortes foram por mim relatadas, e acredito que, até hoje, não se registrou semelhante desafio. Uma multidão, contida por cordas de isolamento, se dava as mãos, orava em voz alta; outros soluçavam, enquanto muitos gritavam histericamente e até desmaiavam. A mim

---

<sup>44</sup> Folha de São Paulo, em <http://www1.folha.uol.com.br/foha/cotidiano/ult95u83443.shtml>. Acessado em 5 de junho de 2011.

<sup>45</sup> Publicado na revista da USP número 56.

não era dado o direito de manifestar qualquer reação emocional, até porque tinha sido doutrinado para manter a frieza e a racionalidade em situações como aquela. Não era uma missão fácil, razão pela qual, como conta-gotas, vozes da redação, alternando-se, continuavam me alertando para o nosso manual de conduta: “Calma! Não exagere!” (PARRON, 2002, p. 39).

A dificuldade de controlar as emoções diante de situações como essa faz parte do trabalho do repórter, já que sua tarefa é relatar o que está acontecendo. Mas, enquanto seres humanos, estão todos sujeitos a se emocionar, e esse fator, por vezes, acaba por acrescentar ainda mais realismo à notícia. Existem momentos em que a pessoa é ‘traída’ pela sua voz, mesmo se esforçando para não demonstrar nenhuma emoção. A voz é capaz de revelar o que se passa intimamente no indivíduo. “Cada grito era como uma punhalada no coração, embargava a voz, sufocava, despertando a vontade de também gritar, chorar, sei lá!” (PARRON, 2002, p. 40).

Pelo serviço prestado à população durante a cobertura do incêndio do Joelma, o Ministério da Justiça liberou a Jovem Pan de transmitir a Voz do Brasil neste dia, alegando ser esta uma prestação de serviço imprescindível naquele momento. Foi a primeira vez que uma emissora foi autorizada a continuar sua programação no horário do programa obrigatório.

#### **Transcrição - Faixa número 8 do CD anexo**

*Esses catorze andares estão totalmente em chamas, quando desprendem-se agora grandes bloco incandescentes atingindo a Praça das Bandeiras e atenção: nós solicitamos ao povo para que se retire desse local. Está correndo um grande risco de ser atingindo pelos escombros que desprendem-se desse prédio. O corpo de bombeiros nesse momento, atirando grandes jatos d'água através da escada Magirus<sup>46</sup> para resfriar os locais onde pessoas estão ilhadas. Aos poucos, essas pessoas estão sendo salvas pelos soldados do corpo de bombeiros que, colocando em risco sua própria, suas próprias vidas, estão estendendo estas escadas auxiliadas por cordas que estão estendidas de um prédio a outro e fazendo a travessia destas pessoas. Eles devem ter apenas calma. Calma suficiente para aguardar o salvamento que virá aos poucos através dos soldados do Corpo de Bombeiros. Aqueles que se encontram no alto do edifício também devem manter a calma porque quatro helicópteros já estão sobrevoando o local e pessoas e... em minutos esses hel.. helicópteros estarão também pousando para retirar as pessoas. ooo.. Então os.. Informando também, fazendo um apelo em nome do corpo de bombeiros, para que peruas*

---

<sup>46</sup> Refere-se a escadas produzidas pela empresa alemã Magirus-Deutz, fabricante de veículos para o Corpo de Bombeiros.

*particulares venham a este local, peruas particulares que tenham caminhões pipas venham a esse local para auxiliar no combate às chamas. Dentro de instantes nós voltaremos a manter novo contato com os senhores, relatando o incêndio que está tomando completamente conta do edifício da Rua Santo Antônio 212, no momento em que outra pessoa, lastimavelmente, atira-se do alto do edifício, estatelando-se em plena Rua Santo Antônio. Os bombeiros continuam atirando grandes jatos d'água através das escadas Magirus que conseguem atingir o... Neste momento uma jovem está sendo salva, diante da estupefação da multidão aqui presente. Essa jovem está sendo salva debaixo da emoção de milhares de pessoas.*

### **Análise**

Milton Parron varia seu nível tonal em diversas circunstâncias durante essa reportagem. Essa característica é mais comum em situações onde o repórter está contando o que está vendo e não apenas lendo. Essa variação do tom de voz dá naturalidade à fala e não permite que o texto fique monótono. O repórter enfatizou palavras importantes para a compreensão da mensagem, sendo elas: *totalmente, povo, retire, grande risco, resfriar, calma, quatro, minutos, apelo, venham, carros, lastimavelmente, bombeiros, jatos d'água, jovem, salva, estupefação, jovem, salva*. Outro fator que resultou no destaque de algumas palavras foi o elemento surpresa, já que algumas informações pareciam chegar a ele a todo momento.

Por conta da situação de improviso, onde não existe um texto pronto para ser lido, Milton Parron adota um ritmo mais lento, no qual ele constrói seu discurso conforme fala. Esse ritmo moderado permite que o emissor tenha tempo de escolher as próximas palavras que vai usar enquanto fala. Além disso, as pausas entre as palavras e entre as frases também são maiores, em razão do mesmo motivo. Nesse caso específico, o texto não se resulta monótono, mesmo que haja pausas longas e velocidade lenta de narrativa, porque é somado o valor emoção a esse discurso, sendo o assunto de interesse da grande maioria de ouvintes sintonizados na Jovem Pan naquele dia.

Milton parece projetar sua voz em virtude do grande volume de ruídos a seu redor. Para que não haja prejuízo de qualidade sonora, esse recurso pode ser utilizado, de forma que o repórter passa a falar de forma mais energética. Sua boa articulação se mostra espontaneamente, evidenciando que essa é uma característica natural de sua forma de falar, já que não havia um

texto pronto ao qual ele estivesse seguindo. A pronúncia das vogais é bastante aberta e o som dos S e R finais é claro, mesmo que a qualidade sonora não esteja ideal. Nota-se clara emoção do repórter em relação ao que está noticiando. Milton faz uso de adjetivações bastante enfáticas e é possível perceber em alguns momentos a dificuldade que tem de controlar sua emoção.

O repórter manteve sua imparcialidade ao adotar um distanciamento emocional dos fatos que ocorreram frente a ele, fatos estes que certamente chocariam qualquer repórter menos experiente. Em casos assim, onde o jornalista além de relatar os fatos também presta um serviço à população, é imprescindível que a busca pela imparcialidade não interfira em sua atitude de tentar ajudar a solucionar o problema, através de pedidos para os ouvintes, informações de como colaborar, enfim, ele não deve isentar-se a ponto de não auxiliar na resolução do conflito.

Milton narra os fatos com precisão conforme eles vão se desenrolando. Obviamente, em casos onde ainda não houve um desfecho, as informações aparecem aos poucos e muitas vezes estão incompletas. Ele soube conduzir muito bem os boletins, informando e também contextualizando o que ia acontecendo diante de seus olhos no incêndio do prédio Joelma. Além da notícia ser extremamente atual, o repórter estava no local do acontecimento, o que amplia ainda mais o fator credibilidade, já que confere ao relato a narração de alguém que presenciou o desenvolvimento dos fatos. Apesar de estar em um lugar com bastante barulho, Milton conseguiu fazer uma locução clara e não prejudicou a inteligibilidade da mensagem.

#### 4.4 DÉCADA DE 90 ATÉ A ATUALIDADE

A década de 90 foi marcada pelo surgimento de emissoras dedicadas exclusivamente ao jornalismo, denominadas *all news*. O termo é utilizado para classificar as emissoras cuja programação é composta unicamente por informações, sejam no formato de entrevistas, boletins ou radiojornais. Com a crescente percepção da necessidade de transmissões mais constantes de informações pelo rádio, Gisela Ortriwano, em 1985, já adiantava: “O jornalismo, a cada dia, está se tornando o setor mais importante do rádio, e acredito que nos próximos anos, aqui no Brasil, teremos emissoras como nos Estados Unidos que durante 24 horas transmitem apenas notícias, notícias e notícias...” (ORTRIWANO, 1985, p. 87).

A primeira emissora a se dedicar integralmente ao jornalismo foi a Jornal do Brasil AM, do Rio de Janeiro, em maio de 1980. Nesta emissora, o formato *all news* durou apenas seis anos, já que, segundo o chefe de jornalismo da época, Carlos Augusto Drummond, a emissora não investiu em equipamentos técnicos, como telefones diretos para os repórteres se alternarem no ar e carros equipados com retransmissores, além da falta de investimento profissional. Segundo ele, faltou capacidade de trabalho e de improviso, já que o *all news* deve se manter no ar, independente de informações. “Com os profissionais médios com quem a gente trabalha, esse tipo de rádio jamais daria certo [...]” (Carlos Augusto Drummond in FERRARETTO, 2000, p. 173).

#### 4.4.1 A CBN

Foi a Central Brasileira de Notícias, a CBN, a primeira a obter sucesso com o novo formato de programação *all news* e a produzir uma programação inteira em rede nacional, em 1992 (MEDITSCH, 2001, p. 60). “A Rádio que toca notícias” foi um projeto do Sistema Globo de Rádio, inspirado na programação *talk and news* da Rádio Gaúcha, no Rio Grande do Sul, que mesclava entrevistas e notícias com um âncora participativo que conversa com o ouvinte (FERRARETTO, 2000, p. 173).

Além das transmissões em AM, em 1996 a CBN inovou e passou a operar também em FM. Conforme conta o ex-gerente de jornalismo da emissora, Heródoto Barbeiro, a nova emissora em frequência modulada ultrapassou, dois anos após sua inauguração, a antecessora AM. “No dia em que percebemos que boa parte do público-alvo estava dentro do carro, passamos de AM para FM; e nossa audiência se expandiu. Hoje outras rádios jornalísticas também estão com canais FM” (Heródoto Barbeiro em entrevista ao Almanaque Brasil<sup>47</sup>, publicada em 2006).

Além de gerente de jornalismo da emissora, Heródoto Barbeiro foi o principal âncora da CBN por 20 anos e participou de sua criação em 1991. Em fevereiro de 2011, Heródoto trocou a CBN pela Record News, onde passou a apresentar e ser editor-chefe do novo telejornal emissora

---

<sup>47</sup> Disponível em: [http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=7760:qa-liberdade-de-expressao-esta-garantida-so-que-nao-posso-atingir-moralmente-alguem-e-nao-responder-por-issoq&catid=12948:imprensa&Itemid=80](http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7760:qa-liberdade-de-expressao-esta-garantida-so-que-nao-posso-atingir-moralmente-alguem-e-nao-responder-por-issoq&catid=12948:imprensa&Itemid=80),. Acesso em: 20 de jun. 2011.

de TV, que estreou no dia 23 de maio deste mesmo ano. Foi também apresentador da TV Cultura e da TV Gazeta.

Antes de ser jornalista, Heródoto deu aulas de História por 25 anos. Nascido em São Paulo e de família humilde, também foi ajudante de mecânico, borracheiro, *office boy*. Após o curso de História, fez pós-graduação e mestrado, formou-se em Direito e, com o convite para trabalhar na Rádio Jovem Pan e a exigência do diploma, decidiu entrar para o curso de Jornalismo. Sua primeira experiência como apresentador foi ao gravar telecuriosos de História Geral e do Brasil, quando ainda era professor. Hoje, ele é considerado um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro, tendo recebido muitos prêmios como o Líbero Badaró, Ateneu Rotário, o Prêmio Unesco de Jornalismo, o Grande Prêmio de Jornalismo Ayrton Senna, o Prêmio Comunique-se, o Troféu Keiko Ogura de Jornalismo e, também, o Troféu Imprensa.

No site do museu da TV<sup>48</sup> é destacado “por sua inteligência, por sua cultura, por sua versatilidade.” Em entrevista ao Portal Comunique-se<sup>49</sup>, ao ser questionado se todo radialista é jornalista, Heródoto esclarece que não:

[...] jornalista é quem segue as regras do jornalismo. Um âncora de rádio pode não ser jornalista. Se for um cara preparado, sem problemas. O sujeito tem que ser um autodidata, tem que ler, entender o que é jornalismo. No momento que ele entende as regras básicas do ofício e tem boa cultura geral, está aprovado. O resto ele aprende no dia-a-dia (Heródoto Barbeiro no Portal Comunique-se, em entrevista a Rodrigo Rodrigues).

Em relação a seu novo programa, que conta com um quadro de sátiras dos destaques da semana, Heródoto comenta que o humor é uma forma de criticar e faz parte do povo brasileiro. “Dar humor não tira a credibilidade. Antes, você não podia dar risada, tinha que ficar todo plastificado”<sup>50</sup>, defende o jornalista.

No que diz respeito à voz, ao ser questionado no programa “Papo na Redação”, do Portal Comunique-se, em 30 de outubro de 2007, se é preciso ter uma bela voz para trabalhar no rádio, Heródoto responde que não. “Basta falar de uma maneira clara que todos compreendam”. Em seu

---

<sup>48</sup> <http://www.museudatv.com.br/biografias/Herodoto%20Barbeiro.htm>, acessado em 11 de junho de 2011.

<sup>49</sup> [www.comuniquese.com.br](http://www.comuniquese.com.br), acessado em 11 de junho de 2011.

<sup>50</sup> <http://noticias.r7.com/record-news/2011/05/16/jornal-da-record-news/>, acessado em 11 de junho de 2011.

livro *Falar para Liderar* traz dicas de oratória sobre como calcular o tempo de determinado assunto, controlar as emoções e evitar erros de português.

O trecho seguinte é uma edição do Jornal da CBN do dia 5 de janeiro de 2002, quando Heródoto já era âncora da CBN há 11 anos.

### **Transcrição - Faixa número 9 do CD anexo**

*A gente está acompanhando aqui o jornal da CBN desta manhã de quarta-feira para saber que o secretário americano Colin Powell tenta convencer hoje o Conselho de Segurança da ONU de que o Iraque possui armas de destruição em massa e continua enganando os inspetores e por isso merece ser atacado. Ele deve falar cerca de uma hora e meia a chanceleres e embaixadores reunidos no Conselho de Segurança e prometeu apresentar provas convincentes. Segundo assessores, Powell levará, entre outras coisas, imagens de satélites de laboratórios móveis de armas biológicas e fitas com diálogos entre altos funcionários do regime de Saddam Hussein. Espera-se que ele minimize a importância dos eventuais laços entre o Iraque e os terroristas da Al Qaeda e concentre suas acusações sobre a questão das armas não convencionais. Powell terá de convencer França, Rússia e China que tem expressado audiência aos planos dos Estados Unidos e da Inglaterra de atacar Bagdá. Esses três países ao lado de americanos e britânicos são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, como você sabe tem direito de veto. A única forma de Washington iniciar a guerra com o apoio da ONU seria convencendo-os a autorizar o uso da força, caso contrário os Estados Unidos se sentem dispostos a atacar Bagdá, unilateralmente. Moscou, Pequim e, sobretudo Paris, dizem que ainda não há provas que justifiquem uma ação armada e pedem mais tempo para que os inspetores de armas da ONU possam desarmar Saddam. A Inglaterra, a principal e fiel aliada dos Estados Unidos, fracassou ontem numa tentativa de convencer a França a apoiar uma ação militar. Agora são 6 horas e cinco minutos.*

### **Análise**

A entonação de Heródoto Barbeiro varia bastante, de forma a intercalar tons mais altos com tons mais baixos, de acordo com o conteúdo de sua fala. Ele enfatiza algumas palavras como: *armas, destruição, enganando, provas, móveis, laços, Iraque, ONU, unilateralmente, Washington, convencendo-os, Moscou, não há provas, armada, principal, fiel*. Neste trecho, Heródoto destacou palavras importantes dentro do texto, mas por diversas vezes enfatizou

adjetivos, chamando a atenção do ouvinte. O ritmo adotado é bastante acelerado, evidenciando que o âncora estaria lendo as notícias. Ele adota grandes pausas, e dentro de uma frase com ritmo rápido, adota uma velocidade menor para destacar alguma palavra.

A voz de Heródoto não é muito projetada, ao menos, ele não aparenta dispor de muita energia vocal para ampliar o alcance de sua voz. Tem boa pronúncia, mas, por conta do ritmo acelerado, o final de algumas palavras se mistura como início de outras, confundindo o ouvinte. Busca pronunciar mais claramente as palavras estrangeiras.

Sua personalidade é marcante e sua voz foi, por 20 anos, a principal da Rádio CBN. Heródoto aparenta muita segurança no que diz e é imparcial ao relatar a notícia, que é também bastante atual, com dados do próprio dia, contextualizados com informações do dia anterior. Neste trecho, Heródoto não faz nenhum comentário a respeito do assunto e é bastante exato em relação aos dados fornecidos. Há inteligibilidade, porém, em alguns trechos é difícil compreender algumas palavras, por conta da rapidez com que Heródoto fala.

#### **4.4.2 Último dia de Heródoto Barbeiro como âncora do Jornal da CBN**

Heródoto Barbeiro deixou o Jornal da CBN após 20 anos, no dia 25 de fevereiro de 2011 para apresentar o Jornal da Record News TV.

##### **Transcrição - Faixa número 10 do CD anexo**

*Heródoto Barbeiro - Ô Bento, ahn, temos uma ligação aqui em Benghazi com o Roberto Rocha, que trabalha com a construtora Queiroz Galvão, e ele está nesse momento acompanhando o embarque dos brasileiros. Roberto, você pode dar detalhes para gente, o embarque está ocorrendo neste momento aí no porto de Benghazi?*

*Entrevistado - Nesse exato momento nós estamos aqui no Porto, esperando um navio para catorze brasileiros, que já estão aqui no porto, dentro de carros, esperando o navio atracar para entrarmos.*

*HB - Roberto, qual é a dificuldade da atracação do navio, tá muito congestionado o porto, tá chovendo?*

*E - Não, o mar é bem estável, está bem congestionado, mas chegou a nossa vez, né. Ele chegou ontem à tarde, mas só agora conseguiu entrar porque tem muitos navios turcos e de outras nacionalidades levando o pessoal deles, né? E o nosso ainda não entrou não, mas tá entrando. É o próximo navio.*

*HB - Sei, vocês estão aguardando aí no porto?*

*E - No porto, estamos todos no porto...*

*HB - São aproximadamente quantos funcionários da empresa, cento e cinquenta funcionários?*

*E - Duzentos.*

*HB - Duzentos funcionários. Roberto, a situação é de calma, tranquilidade? As pessoas estão esperançosas, como é que é?*

*E - A situação é de calma, de tranqüilidade, só tamos ansiosos, mais nada. Mas está tudo calmo, tudo tranqüilo.*

*HB - Agora, Roberto, entre o caminho do hotel até o porto onde você está nesse momento, você deve ter passado por parte da cidade. A cidade de Benghazi está tranqüila nesse momento?*

*E - Normalmente a essa hora da manhã, e sendo uma sexta-feira, (ininteligível)*

*HB - Do hotel onde vocês estavam estacionados, havia carência de alguma coisa, como luz, água ou alimentos, ou o abastecimento estava normal?*

*E - Não, não, graças a Deus não faltou nada, nós estamos estocados há mais de quinze dias com comida, não faltou água nem luz.*

*HB - Sei.*

*E - O que a gente vê na rua são barricadas, são milícias né, que a gente, como a cidade está sem governo, sem polícia, sem nada, tem milícia tomando conta.*

*HB - Sei. Tem milícia tomando conta. Agora, é o navio deve partir aí Benghazi, na Líbia, e vai para onde?*

*E - Atenas.*

*HB - Vai para Atenas, diretamente para Atenas, na Grécia. E daí, depois vocês voltam para o Brasil. Tá certo. Roberto, muita gente...*

*E - Não ouvi.*

*HB - Ok, vocês vão então para Atenas e de Atenas vocês voltam para o Brasil, de avião.*

*E - Exatamente.*

*HB - Sei. Roberto, mais alguma informação que você gostaria de passar para as pessoas daqui, até mesmo para os seus familiares das pessoas que estão aí.*

*E - Pode dizer para as famílias aí que está todo mundo já juntos aqui, todos unidos aqui, tranquilos, aguardando o embarque.*

*HB - Ok, muito obrigado.*

*E - Todo mundo tá tranquilo, ninguém levou susto no caminho, de onde estava para o porto.*

*HB - Ok, tá certo, muito obrigado, Roberto. Boa viagem.*

*E - Eu que agradeço.*

*HB - Boa viagem.*

*E - Muito obrigado.*

*HB - Nós é que agradecemos ao Roberto Roche que é funcionário da empresa Queiroz Galvão, nesse momento ele está no porto, aguardando para embarcar.*

### **Análise**

Por ser uma entrevista, o nível tonal adotado por Heródoto varia de acordo com as perguntas. No geral, sua voz tem o tom bastante grave, mas ele sabe variar sua entonação para criar dinamismo. Em suas perguntas enfatiza as palavras: *Benghazi, Galvão, detalhes, momento, aguardando, porto, funcionários, duzentos, calma, Benghazi, tranquila, Líbia, familiares, obrigado, Roberto, Roche, porto*. No geral, são destacadas as palavras-chave, característica fundamental para entrevistas de rádio, considerado um meio de companhia, onde as pessoas

podem desenvolver outras atividades enquanto o escutam. Ao ouvir apenas algumas dessas palavras mais importantes é possível identificar o assunto que está sendo tratado.

O ritmo da entrevista é um ritmo bastante acelerado, Heródoto parecia apressado em desenvolver as perguntas, provavelmente por conta da dificuldade de transmissão, já que havia constantes interferências na sua qualidade. Apesar do ritmo veloz, as pausas utilizadas são bem marcadas e contrapõe esta velocidade. A voz de Heródoto é naturalmente projetada, não sendo observada nenhuma intenção de forçá-la ou impostá-la.

Com relação à dicção, Heródoto Barbeiro pronuncia as palavras de forma extremamente clara, com todas as sílabas perfeitamente identificáveis. A personalidade de sua voz é bastante forte, já que além de se mostrar entendido do assunto, sabe conduzir bem a entrevista e envolver o entrevistado. Além disso, foi simpático ao desejar boa viagem.

Nesta entrevista, Heródoto se mostrou bastante imparcial, não induzindo respostas nem usando ironias. Quanto à exatidão, fez perguntas bastante objetivas e usou o artifício de repetir trechos da resposta do entrevistado para reforçá-los ao ouvinte. Houve apenas um momento em que não foi possível entender o que o entrevistado disse e Heródoto não retomou o assunto e passou para a próxima pergunta: “Normalmente a essa hora da manhã, e sendo uma sexta feira, (*ininteligível*)”. Heródoto disse: “Sei.” e passou para a próxima pergunta.

O assunto era bastante atual, considerando que foi no exato dia em que os brasileiros funcionários da empresa Queiroz Galvão estavam deixando o país durante a Guerra Civil que se instaurou no país no dia 13 de fevereiro de 2011, como parte do movimento de protestos dos países árabes a partir de 2010. Os manifestantes exigiam mais respeito aos direitos humanos, liberdade de expressão e democracia, já que o chefe de estado líbio, Muammar Kadafi, está no poder há 42 anos.

Por parte de Heródoto, a entrevista é bastante inteligível, mas por questões técnicas, a ligação falha em alguns trechos nos quais Roberto Roche está falando.

#### **4.4.3 Milton Jung no CBN SP**

Milton Jung é filho do também jornalista Milton Ferretti Jung, o *Correspondente Guaíba*, da Rádio Guaíba, locutor do programa durante 46 anos. Nascido no Rio Grande do Sul, vive em São Paulo desde 1991, onde trabalhou na Rede Globo de Televisão, TV Cultura e Rede TV!. Por dez anos, Milton foi âncora do CBN São Paulo, radiojornal matutino local, de onde saiu, em

fevereiro de 2011, para substituir Heródoto Barbeiro como âncora do Jornal da CBN. Também é ganhador do Prêmio Comunique-se, na categoria melhor âncora do rádio brasileiro, em 2009. A transcrição abaixo é um trecho de uma conversa entre o Milton Jung e Sidney Rezende, então âncora do CBN Rio, no dia 30 de junho de 2003.

### **Transcrição - Faixa número 11 do CD anexo**

*Milton Jung - Muito bom dia para você, Sidney Rezende, e ouvintes do Rio de Janeiro.*

*Sidney Rezende - Bom dia, Milton Jung, bom dia ouvintes.*

*MJ - Sidney, começa a contagem regressiva, em uma semana será anunciado o nome da cidade que vai representar o Brasil na disputa pela candidatura pelo Jogos Olímpicos de 2012. Rio de Janeiro ou São Paulo. Nunca uma cidade brasileira se esforçou tanto para apresentar um projeto olímpico de excelência, como nesse ano. Seja quem for a cidade anunciada pelo Comitê Olímpico Brasileiro, na próxima segunda feira, ficará devendo e muito para a sua concorrente. Eu explico: foi a concorrência entre Rio e São Paulo, eu disse concorrência, e não rivalidade, que proporcionou uma mobilização intensa dos coordenadores dos projetos olímpicos, nas duas cidades, que fará com que aquela que vencer a disputa saia fortalecida, ou usando aí uma expressão da moda, turbinada para disputa com Nova Iorque, Madri, Paris, entre outras cidades, no Comitê Olímpico Internacional. Apesar de termos sido obrigados a ouvir algumas alfinetadas aqui pela prefeita Marta Suplicy, e acolá pelo prefeito César Maia, preferi usar aqui a expressão concorrência, em lugar de rivalidade, porque entendo que essa não cabe quando falamos da disputa entre brasileiros, já que se vencer o projeto com o sotaque carioca, ou se vencer o projeto com sotaque paulista, lá fora esse projeto vai ter que falar com um português bom e claro para superar a concorrência internacional. Portanto a rivalidade não nos interessa, interessa o resultado é dessa concorrência, Sidney Rezende.*

*SR - Ô Milton, eu não sei se você dispõe aí na mesa, sobre a sua mesa os argumentos de São Paulo. O que o Rio de Janeiro está postulando com essa candidatura às Olimpíadas de 2012, primeiro tentar realmente ser a cidade escolhida aqui do país, e depois, como você bem lembrou, disputar com outras cidades. O que se argumenta é que a prefeitura aqui já conta com recursos próprios para garantir a realização dos Jogos Olímpicos. O custo total dos jogos é de um bilhão e seiscentos mil reais. Esses gastos com infraestrutura para requalificar a cidade, aqui no caso do Rio, vai ficar aí no patamar de três bilhões e cem milhões de dólares, aproximadamente. Entre*

*todas as cidades brasileiras, o Rio é a que apresenta o melhor índice de desenvolvimento humano, o IDH. E, segundo argumenta a prefeitura, a cidade é capaz de abrigar na sua área urbana, todas as modalidades olímpicas. Setenta por cento das obras necessárias para as olimpíadas já estarão realizadas porque aqui em 2007, o Rio vai sediar os Jogos Pan-Americanos, necessitando aí, apenas, a ampliação. E setenta por cento dos jogos vão acontecer num raio de dez quilômetros de distância da vila olímpica, onde ficarão hospedados todos os atletas. Se quer uma festa, se o Rio vier a ser mesmo a cidade escolhida, porque é o período de férias também, férias escolares. Então esse é um dado interessante, porque o Rio está propondo as olimpíadas entre 13 e 29 de julho, justamente para pegar a juventude toda pronta para participar como colaboradores, empregos rápidos, trabalhos, trabalhos que os jovens podem fazer de recepção, de ajuda mesmo para mobilizar para se dar uma bela festa. Então, esses são alguns dos exemplos para mostrar que o Rio está realmente com vontade. Somente em 2004, na Barra da Tijuca, que vai ser um local base, serão inaugurados ali hotéis com cinco mil aposentos. Então o Rio já está se preparando, primeiro, para os Jogos Pan-Americanos, e achando que esse fato vai dar assim uma infraestrutura básica, um bom arranque para sediar as olimpíadas de 2012.*

*MJ - Essa justificativa de que o Rio vai sediar os Jogos Pan-Americanos, normalmente tem sido usada aqui em São Paulo sempre que a gente questiona as autoridades paulistas, tanto no Estado como no município, sobre quem pode vencer essa disputa, e se o fato do Rio de Janeiro ser sede dos Jogos Pan-Americanos não lhe daria uma vantagem nesse momento, por todos esses motivos aí e outros tantos que você acabou de elencar. Na realidade, o que as autoridades paulistas costumam dizer é que nós já temos aí experiências de outros países e de outras cidades que sediaram Jogos Pan-Americanos e, nem por isso, levaram alguma vantagem nessa questão. São competições diversas e que exigem estruturas diversas também. E por isso eles entendem que não seria o caso. Aliás até, alguns chegam a dizer o seguinte: que exatamente pelo Rio de Janeiro já ter sido contemplado com os Jogos Pan-Americanos, seria o caso agora de São Paulo ser contemplado com os Jogos Olímpicos, mas claro que tudo isso, Sidney Rezende, fica mais no achômetro de uns e no achômetro de outros, porque o que vai contar mesmo é o projeto olímpico, a estrutura que cada uma das cidades pretende montar, e com que dinheiro pretende montar, para concorrer depois no comitê olímpico internacional. E acredito que o que vai pesar na decisão dos integrantes do Comitê Olímpico Brasileiro, na próxima segunda-feira, na hora de anunciar quem será a cidade representante brasileira é exatamente isso: qual das duas cidades tem hoje mais capacidade, não digo hoje, até porque a olimpíada não é hoje, mas terá em 2012,*

*né, mais capacidade para fazer uma olimpíada de excelência, e aí, sim, ter condições de vencer os concorrentes internacionais. Porque enquanto nós estamos aqui nessa disputa interna, a briga lá fora é coisa de cachorro grande, pode ter certeza.*

### **Análise**

A entonação de Milton Jung é bastante interessante, pois ele cria dinamismo ao intercalar tons mais graves e tons agudos em uma mesma frase. Ele também trabalha bastante com a ênfase, ao destacar as palavras: *semana, cidade, Brasil, Rio, nunca, tanto, quem, comitê, próxima, muito, proporcionou, intensa, duas, aquela, fortalecida, turbinada, apesar, concorrência, rivalidade, brasileiros, sotaque carioca, paulista, lá fora, bom e claro*. E, depois de Sidney Rezende: *município, fato, daria, vantagem, na realidade, dizer, de outros, outras cidades, nem, diversas, exigem, aliás, claro, outros, estrutura, pesar, comitê, brasileiro, anunciar, qual, hoje, capacidade, terá, excelência, enquanto*. Nem sempre essas palavras eram as mais fundamentais para o entendimento do texto, mas a ênfase foi usada também para destacar palavras escolhidas por Milton, geralmente de cunho opinativo.

O ritmo adotado é agradável, nem muito rápido e nem muito lento. As pausas também têm um tamanho adequado, não se prolongando por muito tempo, mas o suficiente para marcar o que foi dito e descansar para a próxima frase. A voz de Milton Jung não é projetada e tem um resultado bastante natural. É menos grave que a de Heródoto, por exemplo, mas ele a trabalha com bastante firmeza. Todas as letras são distintamente pronunciadas, com os S e R finais articulados com clareza. Por conta do bom uso das pausas, não existem palavras onde a pronúncia do término se misture com o início de outras.

Milton deixa transparecer sua personalidade em sua voz, que soa bastante conciliadora dentro de um conflito de interesses políticos. Ele demonstra imparcialidade ao buscar o consenso dentro de um assunto no qual poderia ter enaltecido mais as vantagens da cidade de São Paulo, sendo o programa um jornal local. Ele, entretanto, não o fez, ao contrário de Sidney Rezende, que ao enumerar as vantagens de sediar as Olimpíadas de 2012 no Rio de Janeiro, demonstra nas entrelinhas que sua opinião é favorável ao Rio e não a São Paulo. Milton soube rebater as críticas e contestar os argumentos de Sidney Rezende, sem desviar seu foco de se manter neutro.

Por ser um texto de caráter opinativo, onde ele afirma que o importante é o resultado da concorrência e, não a cidade escolhida, não existem dados muito concretos a respeito das duas candidaturas. Sidney Rezende apresenta alguns, dentro da sua argumentação, mas o tom geral da reportagem é o debate entre a opinião dos dois jornalistas. Um exemplo de falta de exatidão, por exemplo, é quando Milton afirma que a justificativa apresentada por Sidney tem sido usada em São Paulo sempre que ‘a gente questiona’, sem afirmar por quem ela tem sido questionada e quem é ‘a gente’.

O debate era atual, já que a cidade sede dos Jogos Olímpicos seria escolhida dentro de uma semana e existia certa especulação acerca do resultado. Há perfeita inteligibilidade tanto da enunciação quanto do conteúdo apresentado.

#### **4.4.4 Primeiro dia de Milton Jung no Jornal da CBN**

A transcrição abaixo é um trecho da estreia de Milton Jung como âncora do Jornal da CBN, no dia 28 de fevereiro de 2011, após a saída de Heródoto Barbeiro, que permaneceu no posto durante 20 anos. Milton apresentava o CBN SP desde o ano 2000.

##### **Transcrição - Faixa número 12 do CD anexo**

*Milton Jung - Motorista que atropelou dezenas de ciclistas, em Porto Alegre, deve se apresentar hoje à tarde na Polícia Civil, em Porto Alegre. A informação é do advogado de defesa do funcionário, e é sobre esse assunto que nós vamos conversar agora com o psicólogo clínico, diretor do Centro de Psicologia aplicada ao Trânsito e Presidente da Associação das Vítimas do Trânsito, senhor Salomão Rabinovich, bom dia para o senhor.*

*Entrevistado - Bom dia, Milton, é um prazer falar com você e seus ouvintes.*

*MJ - Senhor Salomão Rabinovich, psicologia explica o procedimento como este, em Porto Alegre, do motorista que decidiu atropelar ciclistas que estavam no meio do caminho?*

*E - Milton, o problema não é só o motorista, o problema é geral. Em 1979, eu fui contratado por uma rede brasileira de televisão, para fazer um parecer, um laudo psicológico sobre um programa que estava sendo processado, ia sair do ar. No final desse laudo, eles, além de não saírem do ar, foram autorizados a apresentar mais cedo. Lá pelas tantas eu dizia que discutir o programa em si era discutir a realidade brasileira. E alertava o governo federal que estava em*

*curso no país uma doença social gravíssima chamada violência, que poderia não ter cura. Então isso que você tá vendo em todos os setores, se mata hoje por uma latinha de cerveja vazia. Isso é fruto da impunidade e da, além de tudo, da violência. Eu vou pedir a você, Milton, porque você é da CBN e sempre lutaram por cidadania. Eu vou pedir ajuda, porque há vinte anos nós tocamos essa ONG, sem a ajuda de ninguém, e não conseguimos absolutamente nada.*

*MJ - Senhor Salomão Rabinovich, pelo que o senhor está dizendo, esta questão extrapola a relação do trânsito.*

*E - Claro que extrapola. Extrapola toda a relação, onde tem a relação. Onde tem a relação das pessoas que está extremamente agressiva e violenta, pode dar nisso. É na rua, é no trânsito, é no trabalho, é por ciúme, é por qualquer coisa, por uma latinha de cerveja vazia.*

*MJ - Nós nessa semana, inclusive, aliás, nesse fim de semana, surge a informação de que dois jovens que foram mortos na semana passada em um bar ao lado da FGV, em São Paulo, foram assassinados a tiros dentro do bar, a tiros, isso ocorreu por causa do ciúmes. O rapaz que disse que a moça, namorada dele, teria sido assediada pelos dois, resolveu reagir dessa maneira, foi e chegou de motocicleta, acompanhado por uma outra pessoa, e disparou lá o seu revólver contra aqueles dois homens. Quer dizer, resolveu à bala, vai na linha do que o Senhor está pensando e do que o senhor está avaliando.*

*E - Desde 1989, Milton, a nossa ONG, ela existe há vinte anos e nós temos trinta e seis anos de experiência em comportamento no trânsito nesse país. Não dá mais para assistir isso, essa carnificina toda.*

*MJ - Agora o trânsito, ele potencializa essa violência?*

*E - Claro que potencializa porque além da agressividade que o indivíduo trás ele está com uma arma potente na mão. ... ele quer escapar na rua de uma situação de perigo. Nós temos que dizer para as pessoas, nas entrevistas, que nem olhem para a esquerda, porque elas estão sujeitas a levar um tiro por nada. ... E a tendência é piorar...*

*MJ - A arma a qual o senhor se refere é o automóvel, quanto maior esse automóvel, maior a arma.*

*E - Maior o tamanho da arma.*

*MJ - Senhor Salomão Rabinovich, o senhor falou em impunidade na abertura dessa nossa conversa. O Código de Trânsito, se nós formos olhar ao pé da letra, é uma leitura. O que falta é a fiscalização, o que falta é a educação, é a pedagogia?*

*E - Falta tudo, falta ... Isso só complica a cabeça das pessoas e facilita a corrupção. Nós precisamos ter leis objetivas.*

*MJ - Mas a nossa lei não é suficientemente objetiva para deixar claro de que as pessoas têm que ser punidas?*

*E - Não. Você já viu uma punição em que a pessoa cumpre alguns meses e depois sai livre? Se você ouve vítima como nós ouvimos há tantos anos, a primeira coisa que as pessoas querem é justiça! Que as pessoas paguem pelo que fizeram. Você não pode tirar a vida de alguém, de um jovem, de uma criança, de um idoso, por nada! O que nos difere dos seres irracionais, dos animais, é que nós temos boca para falar, para se entender, para se comunicar.*

*MJ - Senhor Salomão Rabinovich, quero agradecer a sua gentileza de nos ajudar a refletir um pouco mais sobre esse comportamento do cidadão. Muito obrigado pela sua gentileza, Salomão Rabinovich, que é psicólogo clínico e Presidente da Associação das Vítimas do Trânsito, conversando conosco sobre, inicialmente, o atropelamento ciclistas, de dezenas de ciclistas, que aconteceu na sexta-feira, à noite, na cidade de Porto Alegre, numa atitude de um motorista que decidiu passar no meio dos ciclistas, incomodado com a interrupção da via.*

## **Análise**

Por se tratar de uma entrevista, a entonação de Milton Jung varia ainda mais que no trecho anterior. São enfatizadas as palavras: *ciclistas, hoje à tarde, funcionário, psicólogo, trânsito, presidente Rabinovich, explica, este, decidiu, atropelar, estavam, extrapola, dois, bar, FGV, assassinados, tiros, rapaz, disparou, bala, trânsito, potencializa, automóvel, código, claro, tem, gentileza, esse comportamento, do cidadão, inicialmente, atropelamento, dezenas, sexta, Porto Alegre.*

O ritmo da entrevista é moderado, mas por conta da lentidão do entrevistado, Milton Jung tem, por vezes, que interrompê-lo para aumentar o ritmo do programa. Novamente, a voz se Milton não se encontra artificialmente projetada, sendo resultado de uma emissão vocal bastante

natural. Os sons das letras e das palavras são bem articulados, inclusive no sobrenome estrangeiro do entrevistado, exemplo de seu esforço para tornar todas as palavras claras e inteligíveis para os ouvintes. A personalidade de Milton se mostra através de sua voz e também de suas colocações, sempre bastante pertinentes.

Neste trecho, ele deixa claro seu ponto de vista em relação ao atropelamento de ciclistas que ocorreu em Porto Alegre, evidentemente contra este tipo de atitude. Em casos como este, onde há um grande desvio de conduta, é comum que o jornalista, ao se pronunciar, se coloque em oposição ao infrator, não se caracterizando como imparcialidade, mas sim opinião.

Exatamente por ser uma entrevista sobre a opinião de um especialista em trânsito, não existe muita exposição de dados, mas sim indagações a respeito de possibilidades e de seu modo de ver o caso. Milton faz uma contextualização com outro caso de violência, um assassinato de um jovem em um bar de São Paulo, para ampliar as aplicações da fala do entrevistado e estendê-la a outros acontecimentos. O assunto era atual, considerando que o atropelamento havia acontecido há três dias e que suas consequências continuaram sendo debatidas pela mídia por vários dias. A entrevista é inteligível, mas há trechos nos quais o entrevistado interrompe Milton Jung e que é difícil compreender o que os dois falam. De qualquer forma, o âncora se esforça para que as informações cheguem ao ouvinte da maneira mais clara e compreensível possível.

#### **4.4.5 BandNews FM**

A segunda emissora *all news* de maior alcance no país é a Band News, inaugurada no dia 20 de maio de 2005 em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Nos anos seguintes, expandiu para as cidades de Salvador, Curitiba, Brasília, Campinas, Ribeirão Preto e outras, atuando atualmente em 227 cidades brasileiras<sup>51</sup>. Foi a primeira rede de emissoras operando exclusivamente em FM e com programação de jornalismo 24 horas<sup>52</sup> e pertence ao Grupo Bandeirantes de Comunicação.

Na BandNews FM, um boletim informa a cada 20 minutos sobre as principais notícias do dia, sendo esse seu principal diferencial, cujo lema é “*Em 20 minutos tudo poder mudar*”. Dentro

---

<sup>51</sup> Informação do *website* [www.bandnewsfm.com.br](http://www.bandnewsfm.com.br), acessado no dia 11 de junho de 2011.

<sup>52</sup> *Idem*.

do informativo de 20 minutos, cerca de cinco são dedicados ao noticiário local. “Sua forte atuação local em cada uma das praças, com prestação de serviços, espaço para debate político e fiscalização dos poderes públicos regionais são características marcantes da Rede BandNews FM”, diz o *site* da emissora.

Outro diferencial é que a BandNews FM é dispensada de transmitir, em São Paulo, o programa obrigatório *A Voz do Brasil*<sup>53</sup>, que vai ao ar para todo o país diariamente das 19h às 20h. Esse período corresponde à hora do *rush* na cidade e a emissora aproveita para desbancar a concorrência, principalmente com informações sobre o trânsito.

Durante o período de inauguração, o âncora do horário nobre (7h às 9h da manhã) da nova emissora foi o jornalista Carlos Nascimento<sup>54</sup>, sendo substituído em fevereiro de 2006 por Ricardo Boechat, que permanece até hoje.

Ricardo Boechat nasceu na Argentina e iniciou sua carreira de jornalista no Brasil na década de 70. Trabalhou no extinto Diário de Notícias, nos jornais O Globo, Estado de São Paulo e Jornal do Brasil, lecionou na Faculdade da Cidade do Rio de Janeiro e atualmente, além de ser âncora nacional da BandNews FM também apresenta o Jornal da Band, na TV Bandeirantes. Ganhou três prêmios Esso, o prêmio White Martins de Imprensa e quatro prêmios Comunique-se, inclusive na categoria melhor âncora de rádio, em 2006, quando entrou na BandNews FM.

Apesar do currículo, Boechat também conta com um episódio no qual foi demitido pelo jornal O Globo, após 30 anos de trabalho na empresa. É importante citar esse fato já que o presente trabalho aborda a questão da credibilidade jornalística. Em junho de 2001, a revista *Veja* publicou um trecho de uma ligação grampeada entre Ricardo Boechat e o empresário Paulo Marinho. Na ligação, Boechat leu para Marinho o conteúdo de uma nota que seria publicada no O Globo baseada em informações fornecidas por ele, contra os interesses do banqueiro Daniel Dantas e o banco *Opportunity*.<sup>55</sup> Na época, os dois disputavam o controle das empresas Telemig Celular e da Tele Norte Celular, já que Marinho trabalhava como assessor de Nelson Tanure,

---

<sup>53</sup> Programa de rádio oficial do governo brasileiro.

<sup>54</sup> Atual apresentador do Jornal do SBT.

<sup>55</sup> Fonte: Élio Gaspari, no Observatório da Imprensa <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/elio-gaspari--26835>, acessado em 11 de junho de 2011.

acionista majoritário do Jornal do Brasil e aliado à canadense TIW. Boechat foi acusado pelo então diretor de jornalismo de O Globo, Merval Pereira, de beneficiar os interesses de um grupo em detrimento do outro. (*Isto É*, 01/07/01)<sup>56</sup>

No dia 17 de julho de 2001, Boechat publicou no Jornal do Brasil um artigo no qual afirma que “O desafio de fazer reviver o diário que marcou minha geração me seduziu. A partir daí, envolvi-me crescentemente nas discussões com Tanure e com pessoas ligadas ao projeto de reerguimento do jornal.”, referindo-se ao Jornal do Brasil. Boechat reconhece os motivos que o levaram a agir dessa maneira.

“A cada consulta feita por Tanure, a cada conselho meu aceito por sua equipe, a cada troca de idéias sobre quais caminhos seguir fui ultrapassando os limites dentro dos quais, como funcionário de O Globo, deveria permanecer. Mas não cruzei essas fronteiras por dinheiro. Não o fiz por dolo. Cruzei a fronteira da boa conduta profissional por um motivo tolo: vaidade. A vaidade em me supor em posição de prestígio...”(Ricardo Boechat, Jornal do Brasil, 17 de julho de 2001).

Segundo a Revista Veja de 25 de junho de 2001, os responsáveis pelo jornalismo das Organizações Globo consideraram que a conduta de Boechat feriu as normas do código de ética da empresa. Para eles, o jornalista não poderia ter lido seu texto para Marinho nem discutir questões internas do jornal. Logo após esse episódio, Boechat foi para o Jornal do Brasil, onde permaneceu até 2004. Depois foi para o Jornal da Band e para a BandNews FM, em 2006. Para o grande público, sua imagem permanece a de um jornalista sério e de credibilidade, já que foi visto como vítima de uma prática ilegal, tendo se prejudicado por ter sido um dos lados mais fracos na disputa de negócios bilionários.

O arquivo abaixo é um trecho do Jornal da BandNews FM, no dia 9 de maio de 2007. Esse foi o áudio mais antigo encontrado de Ricardo Boechat enquanto âncora da CBN.

#### **Transcrição - Faixa número 13 do CD anexo**

*Ricardo Boechat - Vamos em frente. Está na linha conosco nosso primeiro entrevistado de hoje, Daniel Beltran, Presidente da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro. Semana passada, eu li para vocês aqui o a mensagem que eu recebi de uma ouvinte, que conheço, mas que não quis, me pediu que não a identificasse, com medo de represálias, dizendo da lamentável*

---

<sup>56</sup> Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/iq040720015.htm>, acessado em 11 de junho de 2011.

*situação em que está o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Ela relatava que a situação era inaceitável, absoluto abandono desse conjunto, desse espaço que guarda um tão importante patrimônio histórico do nosso Estado e do nosso país, como por exemplo, os arquivos do extinto DOPS, a polícia política que atuou aí durante muitas décadas, especialmente na mais recente ditadura militar. Estão lá os arquivos, estão lá os documentos, além de muitas outras coisas, materiais e documentos importantes do século XIX, também do século XX, enfim, documentos que podem servir até de material probatório para famílias de ex-presos políticos e tal, ta tudo abandonado, sob risco de perda. Além disso, os funcionários, a situação é tão precária, me disse essa ouvinte, tem que levar até o papel higiênico para o ambiente de trabalho, porque nem isso tem lá. Bom dia, Daniel Beltran, Presidente da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro.*

*Entrevistado - Bom dia, Boechat.*

*RB - Alô, Beltran, na linha conosco?*

*E - Alô?*

*RB - Daqui a pouco nós falamos com Daniel Beltran, tá me ouvindo Daniel Beltran?*

*Profissional da CBN - Você não está ouvindo ele, mas nós estamos aqui.*

*RB - Já troquei aqui de fone, bom dia Daniel Beltran, bom agora estou ouvindo, o meu fone é que estava com problema.*

*E - Bom dia, Boechat, bom dia ouvintes da BandNews FM.*

*RB - Meu caro Daniel Beltran, descreva para nós qual é a situação do Arquivo Público do estado do Rio de Janeiro. Ele é tão precário, ela é tão precária quanto descreveu a nossa ouvinte, dê os detalhes desse problema para nós.*

*E - Bom, Boechat, infelizmente, é tão precária quanto, e o que assusta mais não é a situação atual, é o tempo em que isso já vem ocorrendo, isso já ocorre há muito tempo, pelo menos aí sete, oito anos que o Arquivo Público do estado do Rio está numa situação tão precária quanto você relatou, em todos os seus detalhes.*

*RB - O quê que está ameaçado, e como está ameaçado lá dentro, em termos de patrimônio?*

*E - Olha, desde 2002, por exemplo, a biblioteca do Arquivo Público do Estado, ela tá com o telhado quebrado, ou seja, nós temos cinco anos de telhado da biblioteca quebrado e o acervo, coleções de leis do Brasil, desde 1808, coleções legislativas do Estado do Rio de Janeiro, do Distrito Federal, do Estado da Guanabara, enfim, coleções preciosas, cerca de cinco mil volumes, estão expostas a chuva, sol, pássaros, pombos, enfim...*

*RB - Mas que loucura, meu Deus do céu...*

*E - ...tudo o que agride por completo esse acervo.*

*RB - As autoridades não... certamente foram procuradas pela direção do arquivo, ao longo desses anos, e o quê que dizem?*

*E - Olha, a situação da FERJ, do arquivo público do estado tem tem uma série de fatores que que levam isso. Hoje por exemplo, o arquivo não tem diretor. É, a última diretora saiu no final do governo passado, e recentemente foi cogitada a nomeação dum dum coronel da polícia militar, que dizem, é foi dito no nos bastidores que queria acesso rápido aos arquivos da polícia política do estado do Rio de Janeiro, e houve um levante pra que isso não ocorresse e ele não chegou a esquentar a cadeira, vamos dizer assim. É, outro fator é que não existem funcionários hoje no arquivo do estado, são é existem hoje quatro funcionários cedidos de outras instituições e você vai ter um corpo de técnicos lá a serviço do estado.*

*RB - Como só tem..., o arquivo público do estado do Rio só tem quatro funcionários?*

*E - Quatro funcionários.*

*RB - Quatro?*

*E - Quatro. Há pouco tempo atrás chegou a ter doze. É, enfim, isso inclusive foi relatado em uma reportagem que saiu na Folha de São Paulo em 2004 que já relatava todo esse problema, telhado quebrado, orçamento de cerca de 10 a 12 mil por ano...*

*RB - Nós estamos em... nós agora estamos em 2007,*

*E - 2007, já tem três anos..*

## **Análise**

A entonação de Ricardo Boechat é muito dinâmica, ele alterna os tons graves, característicos de sua voz, com tons mais agudos, principalmente ao indagar o entrevistado ou a demonstrar indignação diante de uma resposta.

As palavras enfatizadas foram: *Beltran, associação, arquivistas, estado, conheço, represálias, Janeiro, inaceitável, tão, histórico, estado, país, arquivos, importantes, dezenove, vinte, probatório, abandonado, perda, papel higiênico, estado, precário, como, loucura, autoridade, certamente, arquivo, anos, o quê que dizem?, quatro, sete*. Pode-se dizer que, de uma maneira geral, são palavras fundamentais para o entendimento, mas que, em algumas ocasiões, essas palavras foram marcadas por outras razões. É o caso, por exemplo, de quando ele afirma enfaticamente “*uma ouvinte que eu conheço*”, sendo a ênfase utilizada aqui como forma de esclarecer que apesar da não-revelação do nome da fonte, ela é conhecida de Boechat. Outra situação é quando ele diz “*o quê que dizem*”, de forma bastante enfática, demonstrando interesse e indignação com o fato das autoridades terem sido notificadas e não tomarem providências.

O ritmo da entrevista é um pouco acelerado, principalmente por parte do entrevistado, que fala bastante rápido. Em mais de uma ocasião, ele e Boechat chegam a se interromper. Em relação à projeção de voz, o âncora em questão não demonstra forçar sua voz, de forma que ela soa naturalmente impostada. Possui boa dicção, de forma que não há problemas com a pronúncia de nenhuma letra ou palavra aqui analisados.

Sua personalidade é facilmente percebida quando ele demonstra indignação com o abandono do Arquivo Público do Rio de Janeiro e interrompe o entrevistado ao dizer: *Mas que loucura, meu Deus do céu...* Sua voz é firme e denota segurança e estabilidade. Mesmo no início do trecho, quando há um problema com sua recepção da fala do entrevistado, ele reage rapidamente anunciando que a ligação será realizada mais tarde, e ao resolver o problema, volta calmamente para fazer a entrevista.

Durante a entrevista, Boechat demonstra discordância com a forma como o Arquivo Público do Rio de Janeiro vinha sendo administrado. Ele também sugere que as autoridades competentes estão agindo com descaso para solucionar os problemas relatados. Tais

manifestações não são propriamente caracterizadas como imparciais, já que não são apontados culpados, mas indicam que o âncora não se considera tão neutro a ponto de omitir sua opinião.

No quesito exatidão, são solicitadas informações mais precisas a respeito de quais documentos se encontram no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, número exato de funcionários, enfim, um maior detalhamento sobre a situação do Arquivo. Porém, a entrevista não é muito atual, já que nela são abordadas questões expostas pelo jornal Folha de São Paulo em 2004, quando a BandNews FM ainda não existia. Essa pode ser a razão, portanto, do assunto não ter sido discutido pela emissora, na época da denúncia. De qualquer forma, a atualidade se faz pela não-resolução do problema apesar de tantos anos. A entrevista é inteligível e a descrição inicial da carta da ouvinte, lida em um programa anterior, permite que o ouvinte se atualize e possa acompanhar a entrevista que segue já com algumas informações iniciais.

#### **4.4.6 Ricardo Boechat atualmente**

O trecho que se segue é um comentário do atual âncora da BandNews FM, a título de comparação. Foi realizado no dia 16 de maio de 2011.

##### **Transcrição - Faixa número 14 do CD anexo**

*Olha minha gente, eu queria dizer aqui o seguinte. Hoje, os jornais tão aí repercutindo e ele próprio também, uma manchete da Folha de São Paulo de ontem dizendo que o ministro chefe da Casa Civil da presidente Dilma Rousseff, Antônio Palocci, tá com o patrimônio vinte vezes maior, vinte vezes maior é que o patrimônio dele cresceu vinte vezes. Nada menos que vinte vezes. O período em que esse patrimônio cresceu é tão pequenininho que não dá nem pra levar fé de que possa ter sido alguma coisa diferente de ter encontrado petróleo no fundo de casa etc e tal. O Palocci saiu-se com uma explicação, deu lá uma nota dizendo que foi a empresa de consultoria dele que rendeu esse resultado todo. A oposição tá cobrando aí explicações, por que comé que pode um patrimônio crescer nessa proporção em um ano? Ele comprou duas casas, dois prédios, apartamentos em São Paulo, avaliados em quase oito milhões de reais em dois mil e dez. é Palocci disse: ó tá tudo declarado na receita e foi uma empresa de consultoria que é uma empresa de consultoria que eu mantinha que me deu essa possibilidade de crescimento patrimonial. Eu dei uma pesquisada na internet ainda ontem, atrás de rentabilidade do setor de consultorias, não achei nada que pudesse se assemelhar a essa expansão de faturamento que o*

*ministro Palocci éé declarou. Naturalmente que ele pode dizer que a imprensa de conven a empresa de consultoria dele foi a mais vigorosa, éé, portentosa, bem sucedida de todas, em todo o mercado nacional e internacional, dando ao seu sócio controlador a possibilidade de algo tão alvissareiro com o crescimento de 20 por cento no próprio patrimônio. Mas há um fato aí que merece essa tal comissão de ética do Senado, é da da da perdão, da comissão de ética da Presidência da República, esses órgãos aí que se encarregam de dar uma verificada, poderiam é, né, rastrear direitinho, dar uma verificada, ver se é isso mesmo, quem pagou esse dinheiro todo a uma consultoria do doutor Palocci, como é que pode ele ter crescido nessa proporção. Aí vão dizer: ah, você tá perseguindo o Palocci? Cê tá perseguindo o Palocci? Eu não tô perseguindo ninguém, eu só tô me referindo ao chefe da Casa Civil da Presidência da República éé próximo demais, portanto, do último elo da cadeia alimentar do poder brasileiro, que é a própria Presidência da República e acho que a transparência no que eles fazem é fundamental. Especialmente se você considerar a transparência que em outras ocasiões o ministro Palocci demonstrou no trato da coisa pública quando, por exemplo, mandou quebrar lá o sigilo bancário, a acumpliciou-se com a quebra do sigilo bancário do pobre coitado do jardineiro, do caseiro em Brasília, o Francenildo, que hoje o desmentiu aí com sua turma de Ribeirão Preto quanto aos encontros que mantinha naquela casa de lobbys lá de Brasília e tal, aquela coisa toda. Vocês lembram desse caso. O Palocci taí recomposto ao poder, é deputado federal eleito, é ministro poderosíssimo do jogo político brasileiro, do poder e tal. E o tal Francenildo, até onde eu me lembro, a última declaração que acabou dando é que se arrependeu amargamente de ter enfrentado esses poderosos dizendo o que disse, contando o que contou porque desde então arrumar um emprego pra ele virou um inferno. Então eu não sei se com esse retrospecto a gente deva achar que é natural uma simples nota explicativa do ministro justificar tudo. É, vamo devagar. Vamo fazer o seguinte, como manda o figurino, em se tratando de homem público, não basta ser honesto, é preciso provar que é honesto. O ônus da prova cabe ao acusado e ponto. Que o ministro Palocci venha a público discriminar de maneira transparente de onde veio esse dinheiro todo, quem pagou, por que que pagou, éé, cadê os depósitos, cadê os números dos cheques. Ah, mas isso é quebra de sigilo bancário. Ah, mas isso ele tá habituado a fazer, fez com o Francenildo... Não pode fazer com ele mesmo? Já que está sendo questionado? É, pouca gente levantou a voz pra é, pra defender o Palocci ontem e a que mais... é audível foi a do vice-presidente da República, Michel Temer. E aí eu agrego à tempestade que o ministro está enfrentando, esta né? Esse sintoma. Alguém acusado como ele ou sob suspeita como ele de enriquecimento acelerado demais éé, ter à sua defesa apenas a voz do Michel Temer. Isso não é uma atenuante, é uma agravante. E mais, e mais. Homens públicos que enriquecem muito rápido,*

*é, são coisas, é, comuns aqui no Brasil. Aliás, homens públicos que enriquecem apenas tendo vivido na área pública. Nunca fizeram outra coisa diferente que não trabalhar na área pública e estão aí lotados de dinheiro, que têm fortunas impressionantes. Quê que o senhor fez ao longo da vida? Fui deputado, senador. Então como é que ficou rico? Se o salário é o salário que a gente conhece. Vocês dizem que é pouco, não é tão pouco assim, mas também não é essa coisa toda. Como é que um senador ficou rico? Como é que um cara que foi apenas prefeito, governador, é, ministro e tal, tá bilionário? Como é que é isso? Se você procurar, você vai encontrar centenas, dezenas por aí... Em todos os estados, circulam com suas portentosas fortunas como se origem lícitas tivessem e como se fosse matematicamente possível trabalhar na área pública e enriquecer mais rápido do que o Bill Gates. Explica aí Palocci, explica aí.*

### **Análise**

A entonação de Ricardo Boechat varia bastante de acordo com o tipo de assunto que ele está abordando. Ele domina essa técnica, de forma que o texto, apesar de ser longo e tratar de um único assunto, não se torna monótono. Pelo contrário, ao subir e descer seu tom de voz, Boechat cria um dinamismo sonoro que faz com que o ouvinte preste atenção ao que ele está dizendo. Além disso, consegue enfatizar as palavras-chave para a compreensão do texto, de forma que até mesmo o ouvinte mais distraído capte o significado geral de seu comentário. Além disso, é característica comum deste âncora enfatizar algumas palavras irônicas, como foi o caso de *poderosíssimo*. Palavras importantes dentro do contexto que foram destacadas: *vinte vezes, nada, acumpliciou-se, poderosíssimo, inferno, provar, lotados, bilionário*.

Boechat adota um ritmo de voz variável, com rapidez em relação às palavras e pausas mais longas, geralmente permitindo a absorção do conteúdo, uma espécie de pausa para reflexão. Quando deseja destacar alguma palavra, além de enfatizá-la também é comum que a pronuncie mais lentamente. Não existe uma projeção artificial da sua voz, que é naturalmente impostada e clara. Ele pronuncia as palavras de forma a facilitar o entendimento por parte do ouvinte, mesmo porque algumas palavras de seu vocabulário não são usuais para a maioria da população. É o exemplo de palavras como *portentoso* e *alvissareiro*. Porém, como às vezes utiliza algumas expressões coloquiais, ele acaba suprimindo algumas letras, o que é usual no dia-a-dia das pessoas, mas que não se vê em reportagens escritas. É o caso de: *Comé que* (no sentido de como é que), *cê tá* (no sentido de você está) e *o Palocci táí* (está aí).

Em relação à sua personalidade, Ricardo Boechat sabe expressá-la, não só através do conteúdo de seus comentários, sempre com bastante opinião, mas também com sua voz, mostrando-se seguro das críticas que faz e implacável com delitos éticos. Em determinado trecho, ele também brinca com sua voz, ao repetir Cê tá perseguindo o Pallocci?, em tom de deboche aos que possam questioná-lo a respeito da crítica que está fazendo.

No que diz respeito à imparcialidade, por este trecho ser um comentário a respeito de uma denúncia, já implica certo caráter opinativo. Boechat deixa claro que as críticas que faz a Antônio Palocci se devem ao fato de ele ser um homem público que deveria ser transparente com a população. Porém, faz piadas com a situação, como quando afirma que um enriquecimento como este seria possível ao encontrar petróleo no fundo de casa. O mesmo quesito se aplica à exatidão, já que não está relatando um fato novo, mas sim comentando e contextualizando um dado do dia anterior. Comete algumas imprecisões, como quando afirma que o patrimônio do ex-chefe da Casa Civil subiu 20%, quando na realidade subiu 20 vezes, o que corresponde a um percentual bem maior. O assunto, apesar de referi-se a uma denúncia do dia anterior, é bastante atual e permaneceu na imprensa durante muitas semanas. É importante destacar que em casos assim, a atualidade se dá pela pertinência do comentário e da gravidade da situação. A fala de Boechat é bastante inteligível, não havendo trechos onde não foi possível compreender o que estava sendo dito.

## 5. CONCLUSÃO

Partindo do objetivo do estudo de analisar quais foram as mudanças ocorridas na voz dos jornalistas de rádio ao longo de 90 décadas, concluiu-se que houve um processo crescente de *naturalização* da voz no radiojornalismo brasileiro. A busca pela construção da credibilidade está intimamente relacionada a esta transformação, já que a voz revela as verdadeiras intenções do enunciador. Ao procurar alcançar a confiança dos ouvintes, percebeu-se que a voz que se buscava neutra era menos eficiente do que a voz com personalidade, aquela capaz de envolver, convencer e cativar.

Um dos motivos que contribuíram para a diminuição da artificialidade na voz foi a busca por uma maior aproximação com o ouvinte. O rádio brasileiro das décadas de 20 e 30 era voltado para a elite, com músicas eruditas e programação educativa. Como consequência, as primeiras tentativas de transmitir notícias também seguiam o mesmo estilo, trazendo informações que interessavam à burguesia, adotando uma linguagem culta. O rádio possuía prestígio dentro da sociedade e, portanto, predominou um tom de voz compatível com seu *status*, através de um discurso formal. A notícia era lida com autoridade e de forma rebuscada a fim de obter maior aproximação com a classe dominante.

A década de 40 foi marcada pela Segunda Guerra Mundial, que impulsionou a produção jornalística. A população demandava notícias do *front* e o imediatismo do rádio pode suprir a necessidade de atualização constante das pessoas, lacuna deixada pelas edições únicas dos jornais impressos matutinos. O radiojornalismo característico dessa época, personificado pelo Repórter Esso, foi implantado no país segundo o modelo norte-americano, que ao incorporar à prática da profissão a necessidade da credibilidade, impôs um estilo que transparecesse isenção, neutralidade e imparcialidade. Portanto, a locução deveria ser sóbria, sem inflexões que pudessem denotar opinião. A aproximação com o ouvinte se dava através da confiança que cada um depositava no que ouvia no rádio.

As décadas de 40 e 50 marcaram o apogeu do Rádio-Espectáculo, que trouxe para o rádio as narrativas orais calcadas na emoção, através de radionovelas, radioteatros, programas de auditório e música. Esse período foi fundamental para a popularização da linguagem radiofônica,

tanto em sua forma como pelo próprio público que passou a alcançar. Na década de 60, com o crescimento da audiência televisiva e a transferência da verba publicitária para o novo meio, o rádio buscou novos caminhos para se manter no mercado. Foi então que as emissoras passaram a se especializar, focando em segmentos menores de público. Isso demandou uma adaptação na linguagem utilizada, que agora deveria ser adequada aos novos grupos que se procurava conquistar.

A chegada da FM possibilitou transmissões com qualidade sonora superior à AM. Assim, não havia mais a necessidade de vozes grandiloquentes que se sobrepusessem às deficiências técnicas adotando maior volume e potência. Com uma qualidade melhor, pessoas com outros tipos de vozes também puderam falar no rádio. Nesta época, os locutores brasileiros passaram a copiar o estilo dos chamados *disc-jóqueis* dos Estados Unidos, que conduziam a programação musical com um estilo descontraído. De certa forma, essa adaptação na linguagem mudou a concepção do formalismo necessário para se falar no rádio e acabou influenciando o radiojornalismo.

Ao estabelecer o formato notícias-esportes-serviço, as emissoras AM precisaram rever toda a estrutura da linguagem usada até então. Já não era suficiente mudar apenas o conteúdo, fez-se necessária uma revolução na linguagem. Isso porque ao basear-se na prestação de serviço, a emissora deixou de abordar o ouvinte com o mesmo caráter urgente e sério que o fazia quando transmitia uma notícia de guerra, por exemplo. A prestação de serviços implica em dar indicações, dicas, informações úteis ao cotidiano do ouvinte. Com o fomento do jornalismo local, é acrescida à notícia a voz do repórter na cena do acontecimento, trazendo informações mais próximas da realidade do público. O locutor deixa de ser um mestre que ensina e passa a ser um colega, que recomenda e orienta. A prestação de serviço exigiu, portanto, que um tom de voz mais despojado fosse adotado.

Além disso, com o jornalismo de serviço também aumentou significativamente o número de transmissões ao vivo, com o repórter falando direto da rua, sendo parte fundamental do processo de naturalização da voz. Primeiro porque transferiu ao repórter a responsabilidade de noticiar o fato ao microfone. Com isso, não mais importava se ele tinha ou não uma bela voz. O repórter que antes apenas apurava o fato passou então a noticiá-lo no lugar do apresentador.

Segundo, porque ao falar ao vivo, o ser humano adota um estilo de fala diferente de quando lê uma notícia pronta, escrita em um papel. A ideia vai sendo construída conforme o repórter fala, mesmo que ele já tenha ensaiado ou até mesmo decorado o texto. Conforme novos acontecimentos se dão, ele deve acrescentá-los a sua fala, em um processo de descrição que se aproxima da oralidade espontânea, do discurso falado e não lido. Com as transmissões ao vivo, os repórteres passaram a falar com mais espontaneidade, ainda que haja certo preparo para aparentar naturalidade.

O jornalismo *all news* trouxe a figura do âncora, que mais que possuir uma bela voz deve essencialmente ter desenvoltura para falar ao vivo, saber improvisar, conduzir entrevistas, mediar debates, adaptar o jornal conforme novos fatos forem surgindo, saber contextualizar as informações e ter um vasto conhecimento sobre várias áreas que lhe dêem o embasamento necessário para exercer todas estas funções. Neste momento, passa a contar também a personalidade do apresentador e não mais apenas as características de sua locução. A credibilidade jornalística passa a ser mais facilmente conquistada através de uma voz ativa, que não só leia a notícia, mas também a contextualize, do que pela antiga voz passiva, mera reprodutora de notícias.

Nas décadas de 20 e 30, para se falar no rádio era necessário apenas possuir uma bela voz. As técnicas de leitura e interpretação seriam então ensinadas àqueles que se enquadrassem no padrão de voz pretendido. Depois, com o Repórter Esso, a voz deveria se enquadrar em um modelo pré-estabelecido, a voz grave e modulada. Mas, a escolha dos locutores continuava se dando pela estética vocal, tanto é assim que o mais célebre locutor do programa, Heron Domingues, foi inicialmente à Rádio Nacional porque pretendia ser cantor de tango. A bela voz era um dom, as técnicas jornalísticas poderiam ser aprendidas.

Uma bela voz continua tendo seu valor no rádio. Não se vê âncoras com vozes destoantes do padrão estético convencional. O mesmo, contudo, não acontece com os repórteres. Estes são selecionados muito mais pela capacidade de apuração, de redação e transmissão da notícia do que por conta de seu timbre de voz. Se este for adequado, melhor. Se, entretanto, não for, não será este o motivo pelo qual ele não poderá ser um radiorepórter. Atualmente, mais vale um profissional que possa transmitir as notícias com precisão e segurança do que um belo timbre

incapaz de exercer a profissão através dos princípios da isenção para obter a credibilidade do público. Hoje, não é a neutralidade da voz que ganha a confiança das pessoas, já que a história as mostrou que a aparente isenção pode esconder objetivos absolutamente parciais. A voz passou a ser crível justamente por suas marcas pessoais, que revelam o indivíduo ao microfone e suas opiniões.

Assim, o processo de adaptação da linguagem e da voz no rádio brasileiro se deu com o decorrer dos anos, através da popularização da programação, do aparecimento de novas tecnologias e da própria prática do radiojornalismo, revelando novos critérios de adequação da voz e do profissional do rádio.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. v.1. Florianópolis: Insular, 2005. p.61-98.
- BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1994.
- BALSEBRE, Armand. **La credibilidad de la radio informativa**. Barcelona: Feed-Back Ediciones, 1964.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Rádiojornalismo: produção, ética e Internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 97.
- BAUM, Ana (org). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BESSA, Mariana Forbes. **O aspecto vocal no rádio jornalismo**. 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bessa-mariana-radio-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2001.
- BUENO, Silveira. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.
- CRISTOFOLETTI, Rogério. Credibilidade jornalística e reputação na blogosfera: mudanças entre dois mundos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007. Petrolina. **Resumos...** Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind . rogerio christofoletti.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2011.
- CYRO, César. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.
- KLÖCKNER, Luciano. O noticiário radiofônico na Segunda Guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso. In: VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO (ALAIIC), 7., 2004. **Anais...** Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1168.html>>. Acesso em: 30 jan. 2011.
- KLÖCKNER, Luciano. **O repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: AGE, EDIPUC, 2008.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramon. **Lenguaje, géneros y programas de rádio:** introducción a la narrativa radiofônica. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio:** um guia abrangente da produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Santos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 10., 1997. **Anais...** Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>>. Acesso em: 12 fev. 2011.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP.** São Paulo, n. 56, 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

PARRON, Milton. **O radiorepórter:** no Joelma, eu também chorei. **Revista USP.** São Paulo, n. 56, 2002. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/56/06-milton.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2011.

PENTEADO, Regina Zanella. A Voz nas Locuções Publicitárias: possibilidades de interpretação e representação. **Revista Impulso.** São Paulo, v. 10, n. 22/23. 1999. Disponível em < [http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp22\\_23art05.pdf](http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp22_23art05.pdf)>. Acesso em 12 de fev. 2011.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo JovemPan.** São Paulo: Editoria Ática, 1993.

SALOMÃO, Mohazir. **Jornalismo Radiofônico e vinculação social.** São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Fábíola Moura Reis dos; ASSENCIO-FERREIRA, Vicente José. Técnicas fonoarticulatórias para o profissional da voz. **Revista CEFAC,** v. 3, p. 53-64, 2001. Disponível em < <http://www.cefac.br/revista/revista31/Artigo%206.pdf>>. Acesso em 03 mar. 2011.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Nacional:** o Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SERGL, Marcos Júlio. A Voz Humana Nas Mídias Sonoras: uma análise da escuta e da emissão vocal midiática. Rio de Janeiro. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005. **Anais...** Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0172-1.pdf>>. Acesso em 23 jan. 2011.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica.** São Paulo: Annablume, 1999.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Credibilidade jornalística, conceito em transição. Rio de Janeiro. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1400-1.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2011.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou.** São Paulo: Negócio Editora, 1997.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VASSE, Denis. **O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças.** São Paulo, Loyola, 1977.

ZAREMBA, Lílian. Entrevistos: sobre radio e arte – comunicação radiofônica na linha de tangência entre imagem e som. Curitiba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009. **Anais...** Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/35098321/Sobre-Radio-e-Arte>>. Acesso em 02 de jan. 2011.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A notícia no rádio pioneiro e na ‘época de ouro’ da radiofonia brasileira. Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. **Anais...** Disponível em: < <http://lakh.unm.edu/handle/10229/75351>>. Acesso em: 30 dez. 2010.